

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

JULIANA MILMAN CERVO

A CASA DAS BOLSAS

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JULIANA MILMAN CERVO

A casa das bolsas

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Escrita Criativa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marie-Hélène Paret Passos

Porto Alegre
2018

Ficha Catalográfica

C419c Cervo, Juliana Milman

A casa das bolsas / Juliana Milman Cervo . – 2018.
236f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marie-Hélène Paret Passos.

1. Pós-memória. 2. Trauma. 3. Transmissão. 4. Romance. 5. Escrita
Criativa. I. Passos, Marie-Hélène Paret. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À orientadora Marie-Hélène Paret Passos, pela generosidade ofertada e por me permitir desfrutar da criação com total liberdade.

Aos colegas e às colegas, parceirxs nessa jornada: Luciele, Virgínea, Maria Elena, Camila, André, Celso, Ciro, Samir, Annie, Alexandre e Davi. Obrigada pela cumplicidade e pelo aprendizado.

Aos queridos e às queridas, cuja leitura crítico-afetiva e colaboração me foram essenciais: Henrique, meu grande companheiro desde a infância; Débora, minha mana de alma; Taiane, minha amiga contempladora dos estudos de memória.

Aos meus tios-avôs, Bernardo e José, por me cercarem de materiais de pesquisa e me auxiliarem com registros carinhosos do tempo.

À Giovana, por sua escuta pacienciosa, cujas conversas estimularam a elaboração do material.

Ao Julien, pelas tentativas de entendimento capazes de burlar as diferenças entre o francês e o português, por repicar os retalhos e remendar as fissuras comigo. Por me embalar em travessias.

Ao meu pai, por seu bom humor e afago quando estava capturada pela angústia.

À minha irmã, pelas suas verdades capazes de impulsionar um texto franco idealizado como cartas de amor.

Ao meu avô, por suas mãos lindas, sua fala que me move a também falar, mesmo que se for para falhar.

À minha mãe, pelo cuidado, pela dedicação, pela ajuda imprescindível nesse processo de autodescoberta. Por todo o afeto transmitido em seus compartilhamentos e em seus gestos.

À minha avó, a grande inspiração dessa escrita, por me promover encontros únicos a pulsarem em mim, por seus silêncios murados que tento adivinhar e tocar com a ponta do lápis.

RESUMO

Esta dissertação é construída em dois volumes: o romance *A casa das bolsas* e o ensaio crítico-teórico sobre a criação artística, *Forros (In)Feridos*. O trabalho foi disparado pela necessidade de fazer falar os ancestrais sucumbidos dentro do meu corpo – especialmente a minha avó materna, cuja história fora avassalada pelo trauma da Segunda Guerra Mundial. Diante do vazio de um passado esburacado, formulo a pergunta – como é possível efetuar uma apropriação de memórias que são anteriores ao nosso nascimento? Lanço mão de múltiplos tempos verbais e vozes narrativas na parte ficcional para escancarar as fendas ou para suturar as feridas com brecha imaginativa. O ensaio crítico é sinestésico por reunir documentos históricos, fotografias, filmes, trechos de diários, textos de familiares e conversas com pacientes que impulsionaram a criação do romance. Realizei um mergulho afetivo no vácuo que pode subsistir entre as gerações, almejando efetuar laço e promover um contato.

Palavras-chave: Pós-memória. Trauma. Transmissão. Romance. Escrita criativa.

ABSTRACT

The present thesis consists of two volumes: the novel *The house of the handbags*, and the critical theory essay on artistic creation named *(In)jured covers*. The research was inspired by the necessity of given voice to ancestors which live inside my body – especially my maternal grandmother, whose past had been marked by the overwhelming trauma of World War II. Considering the emptiness of a missing past, I formulate the following question: How is it possible to take on pre-birth memories? To do so, I deal with multiple verbal tenses and narrative voices in the fictional part in order to demonstrate gaps or to heal the wounds by filling in them imaginative spaces. Due to its synaesthetic feature, the critical essay gathers historical documents, photographs, films, diaries' fragments, family texts, as well as conversations with patients which inspired the development of the novel. Furthermore, I carried out a thorough affective study on the vacuum that may last between generations with the purpose of stablishing not only a bond, but also a contact.

Keywords: Post-memory. Trauma. Transmission. Novel.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Carta de infância.....	176
Figura 2 – Trecho da entrevista com meu tio-avô.....	184
Figura 3 – Meus diários antigos, de 2005 a 2009	185
Figura 4 – Meu diário atual, dos anos de 2016 e 2017	186
Figura 5 – Documento pesquisado no Instituto Marc Chagall.....	187
Figura 6 – Anotações sobre as entrevistas do acervo do Instituto Marc Chagall.....	188
Figura 7 – Passaporte polonês do meu bisavô materno	189
Figura 8 – Fotografia de minha bisavó Sara.....	190
Figura 9 – Fotografia de meu bisavô Natan.....	191
Figura 10 – Fotografia de minha bisavó no ano em que faleceu	192
Figura 11 – Fotografia de meu bisavô com um <i>outro</i> estranho.....	193
Figura 12 – Rascunho no e-mail 1.....	203
Figura 13 – Rascunho no e-mail 2.....	204
Figura 14 – Rascunho no e-mail 3.....	204
Figura 15 – Fotografias de “Helmbrechts walk”.....	215
Figura 16 – Trecho de <i>Oração</i> , de Noemi Jaffe	229

SUMÁRIO

Volume I – Criação

1 A CASA DAS BOLSAS.....	8
---------------------------------	----------

Volume II - FORROS (IN)FERIDOS - Ensaio sobre o romance *A casa das bolsas*

1 A VOZ	167
2 COMO NASCER?	173
3 ESCREVER UMA HISTÓRIA COMO SE ESCREVEM CARTAS	176
4 BOLSA, BAGAGEM, HERANÇA	179
5 ESCAVAÇÕES E REINVENÇÕES.....	183
6 AUTOBIOGRAFIA DE UM OUTRO	196
7 NARRATIVA POÉTICA	203
8 GEOGRAFIAS, MAPAS, DESLOCAMENTOS	207
9 MINHAS MEMÓRIAS SUAS	211
10 TRANSGERACIONALIDADE	216
11 FRAGMENTOS ÍNTIMOS ATIVADOS PELO CINEMA	221
12 JUDEIDADE	226
REFERÊNCIAS	230

A Casa das Bolsas

1.

Nossa história é narrada por linhas irrisórias
debaixo das pálpebras. Pela ruga que minguava na testa.
E por gritos de silêncio calcados na pele, um de cada
lado, cerceando o lábio.

É contada por solidões que se intersectam.

Por bebês que descobrem seu instante de fecundação
depois dos vinte anos.

Em sua velhice, eles ainda não nasceram.

No auge do meu narcisismo adolescente, pego a
tesoura, a bacia, o pano, para virar parteira e puxar
quem me antecede. Quero parir meus bisavós e avós.
Desespero-me com a sua insistência em permanecer
afogados, recorro a um fórceps.

E tudo em minha volta é sangue.

Essa história é narrada por uma voz sufocada que
lateja.

Benjamin quer partir. A Polônia está diferente, mais fria nos últimos tempos. Ele contempla no olhar da mulher a infelicidade. Recém se casaram, estão enamorados, mas o sentimento de amor mútuo é incapaz de suavizar a aspereza em que a Europa se encontra no ano de 1936. A precariedade é tamanha que não podem morar juntos. Seguem sob o teto dos pais. Os judeus são perseguidos na Alemanha e na União Soviética de forma sistemática. O fogo se alastra pelo continente, chegando a Varsóvia um odor queimado, passível de desenganar a mais iludida das crianças. A infiltração antisemita na Polônia inunda casebres isolados.

De fato, ele sempre se julgou um estrangeiro, dada a sua descendência russa, dado o seu despertamento genuíno de bicho do mato. Dadas as separações que os homens efetuam com suas canetas invisíveis a olho nu. Mas seus traçados gritam e asseguram regras bem assimiladas. Nada mais humano que as fronteiras. Os polacos andavam em grupos restritos. Os judeus já habitavam pequenos guetos sutilmente delimitados, precisando afugentar gentios¹ para jogar no campinho de futebol, assim como eram também repelidos em tantas outras partidas.

Ele, que antes fabricava malas de lona e de couro, está desempregado há alguns meses. A loja do pai, em que trabalhava, ruiu. O continente está cercado de traças, hábeis a carcomer a situação econômica sem piedade. E a escassez monetária não o aflige tanto quando comparada a alguns ataques que sofre na rua. Um dia, jogaram-lhe uma pedra enquanto voltava para casa. A marca persiste em sua perna, um risco de ser quem se é dolorido de lembrar. Ele teme a sorte, mas decide apostar no futuro: irá para a América. Primeiro, vai sozinho, para tentar se estabelecer. Se a vida vingar, não voltará: puxará sua amada para perto, enviando-lhe dinheiro para a compra da passagem. O irmão mais velho já trilhou caminho parecido e agora, através de uma correspondência vinda de terras longínquas, o encoraja para viajar. Com uma bagagem de mão, o irmão levou o essencial e migrou rumo a São Paulo, no Brasil.

Esse homem também quer partir. Ele levará consigo uma mala menor ainda, contendo um passaporte e duas mudas de roupa. Nunca fora afeito a despedidas, mas recolhe coragem e dá as mãos a seu pai, companheiro de trabalho e de vida. Abraça ternamente a mãe, a qual se resigna ao destino e mal contém as lágrimas. Acaricia todos os irmãos e irmãs, que não se sabe precisar bem quantos são. Poderiam ser três como poderiam ser oito. Beija os lábios da mulher, que lhe sussurra – em breve estarei ao seu lado. Há esperança.

¹ Forma como os imigrantes judeus referiam-se aos habitantes poloneses não judeus: eram os gentios, os polacos, os góis.

Esse homem partiu.

Poeminha (des)pertencido

*Tenho raízes
em vez de ossos
Apodreço
ao menor pranto*

*Quem drena
o excesso
de meu corpo?*

2.

É difícil crescer quando se está amarrado. Os músculos e ossos desafiam limites. A corda punge especialmente os pulsos. Um corpo desengonçado vai tentando vencer as muralhas que o aprisionam, impiedosamente.

Não sou vítima. Fui eu quem me algemei. Como queria poder me soltar.

Depois do grito, depois do espanto: a resignação. E assim sigo como uma débil, uma débil para sempre criança, incapaz de deixar o colo dos pais.

Para deixar a Polônia, Benjamin ingressa no navio. Ele pensa muito intimamente consigo - você deve registrar esse momento, esse momento em que vai embora da Europa, em que se torna um emigrante. Os filtros da memória, porém, são ardilosos e involuntários. Quando se dispõe de grande esforço para reter uma lembrança no futuro, ela escorre por entre os dedos e se transforma no instante mais entediante. Benjamin não contaria a seus descendentes ou amigos sobre a saída de sua terra natal, até porque seria difícil lembrar-se com exatidão desse momento arrastado, monótono em sua duração extensa e cheio de moscas a o estorvar.

O navio está lotado de pessoas com poucos pertences que buscam recomeçar uma vida. Mas como se recomeça uma vida? Ele não consegue dormir, apenas continuar respirando, continuar. O corpo magro e enxuto tenta em vão encontrar posição. O cheiro e o balanço do mar lhe atordoam os sentidos, e ele intercala uma sensação de liberdade com a náusea mais aprisionante. Tontura, tontura. Tudo em sua volta gira, grito da clausura. Parece o fim do mundo. Já está ali desde alguns dias. Foi da Polônia a Paris. De Paris a Marselha. E agora viaja rumo à parada do Rio de Janeiro, onde permanecerá junto ao Hayas² para ver se tem saúde para prosseguir.

Há diversos poloneses concentrados ali, mas ele está só. Passa horas no convés, sentado sobre cordas, o vento brincando no cabelo ralo que mais parece penugem de pássaro. Não possui um amigo sequer a bordo e, aos poucos, essas feições sutilmente familiares irão se diluir em um país completamente estranho. Fecha os olhos e tenta ancorar-se na fotografia mental de Hana, já que não tem registros tangíveis. Já sente saudades da mulher, não pode esquecê-la - cada detalhe do semblante dela é um tijolo erguido para construir morada no novo mundo.

² Hayas - Sociedade Judaica Internacional que protegia imigrantes.

Haikai oceânico

*Peixes abissais
Convocam no escuro d'água
Nossos ancestrais*

3.

Sonho que estou na cama de um hospital. Sou cuidada como um bebê prematuro. Depositam delicadamente a agulha em meu braço. Minha urina é milimetricamente contada. Meus pais e meus avós se revezam para me fazer dormir. Posso saber quem sou no exato instante em que me diagnosticam e me internam. Padeço de uma doença física grave e preciso ser carregada dentro da palma da mão daqueles que me amam. Acabaram enfim as lamentações de um não saber, de um espectro desconhecido que martiriza. A médica pega um martelo e tenta chegar a meu coração. Sou esculpida e, finalmente, ganho forma.

Acordo. Os cabelos estão embaraçados de ficar tanto tempo deitada, os olhos remelentos de uma dormida que se estendeu por séculos. Miro em volta: o quarto está sujo e mal o reconheço, cheio de meias, calças e blusas no chão. A minha estante conserva cartas antigas misturadas com diários escancarados, escritos em alguma língua que parece ser o polonês, não compreendo. Estou desorientada, bem distante do sonho que acabei de ter, pois meu corpo não concebe contornos. Pareço uma peça daquele cenário caótico e, para reconhecer-me, pego a bolsa que está escorada no bidê, na esperança de que ela contenha a minha carteira de identidade ou um celular para contatar alguém que me diga quem sou.

A bolsa é pequena, artesanal, sustentável e sem origem animal, handmade, com flores laranja de tecido costuradas na parte da frente. Ela é transpassada, comprada provavelmente em alguma feira alternativa. Há um pequeno defeito próprio às idiossincrasias manufaturais – o zíper não foi emendado corretamente,

de modo que parte dele fica para fora em uma ponta, e outra parte termina antes dos limites da outra ponta, deixando um pedaço do interior da bolsa desprotegido. O fecho assimétrico e mal situado é porta de entrada para uma das profundezas mais perturbadoras já vistas desde que descerrei minhas pálpebras. A bolsa tem forro cinza com bolinhas pretas e a particularidade de não conter bolsos. A proprietária não dispõe de carteira, havendo cédulas, moedas, notas e recibos embaralhados, juntos a fones de ouvidos, a um anel de prata com pedra ametista, a um único par de um brinco de gota branco, a fragmentos de uma cartela vazia de lexotan, a um cartão fidelidade de uma farmácia, a balas de framboesa semiabertas, a farelos de bolacha e a um pedaço de papel toalha. A dona também não possui nécessaire, e seu delineador para lábios matte se amalgama ao absorvente cuja embalagem está quase cedendo, a um rímel fétido, a um batom vermelho e a um pincel de base já gasto. Penso que ela pode ser uma burguesinha, uma burguesinha espevitada que não cuida de seus pertences e que não tem conteúdo algum. Até que encontro um livro do Kafka, *Cartas ao pai*, numa edição pocket, e um folder da exibição do filme *Um passaporte Húngaro*, de Sandra Kogut. Talvez ela estivesse em sofrimento para abandonar todos aqueles utensílios assim comigo, uma desconhecida. Há ainda um pouco do pacote de um cereal envolvendo um cartão de uma psicóloga que não conheço, que não parece ser meu, pois o design é colorido e não me agrada. Eu revolvo aquela bolsa e encontro a bula de um colírio indicado para conjuntivite primaveril. Deve ser primavera. Ou será que sou eu a dona da bolsa e adormeci nessa estação, tendo acordado décadas depois? Há também elásticos diminutos de cabelo, um saco

de pesagem de frutas rasgado, a tampa de um desodorante. Tudo está mesclado de modo a me gerar vertigem. Parece que voltei a ser criança e estou a brincar com a caixa de sensações, um pano escuro que tapa o conteúdo e é furado de tal maneira que apenas a mão se enfie ali dentro, a tatear objetos e a tentar adivinhar quais são, que função adquirem. A bolsa está suja, contaminada, como se durante anos nunca houvesse sido esvaziada, repleta de inutilidades que nada revelam. Eu não encontro um documento, um cartão de crédito ou uma chave da porta. Levanto-me com o pijama amassado, giro a maçaneta e descubro estar presa. Grito muito alto, com toda a força de meus pulmões, quase asfixio, mas ninguém me acode. Começo a berrar em um idioma que não é o meu, pomoc!pomoc!, quando queria estar pedindo socorro no português. Sinto falta da língua mãe, da minha mãe, do meu pai.

Acordo novamente e estou deitada, paralisada, amorfa. Ao meu lado, ancorado na prateleira perto do armário, encontra-se o porta-retratos dos meus parentes. A cama guarda o cheiro conhecido dos lençóis que sempre lavo, e as paredes enfeitam-se com o letreiro do meu nome em cerâmica. Abro a janela e lá está a caixa d'água, o nevoeiro, o ruído dos pássaros e o enorme ipê-amarelo do jardim. Eis o meu quarto na minha cidade adormecida de tanto esperar, e então me dou conta de que o familiar pode ser o verdadeiro cárcere, a prisão ensimesmada que amortece as paixões e os sonhos mais estranhos.

Os seus pés trêmulos pisam o solo. Benjamin finalmente chega. Aglutina informações e descobre que o seu navio ancorou no porto de Rio Grande, e não no de Santos. E que ele fora de vapor até Porto Alegre. Um acidente de percurso, um erro. Ou o acaso exclamando por resolução? Será que ele chegou a passar por Santos e depois pegou um navio a mais e prosseguiu viagem? Ninguém pode dizer ao certo o que ocorreu, nem ele próprio entende se quis inconscientemente seguir a bordo ou se foi direto do Rio de Janeiro a Rio Grande, tendo pego o transporte errado. A resignação de sua mãe o invade, e ali ele se fixa para selar o destino sentenciado.

A última embarcação tinha um porte menor e continha frutas típicas, mas que não o apeteçiam em nada, diante do enjoo permanente. Passou alguns minutos observando uma manga avermelhada com nuances amarelas, almejando compreender do que se tratava. Seu formato alongado e arredondado o desconfortava. Um dia iria saber: embora esteticamente pareça educada, é a fruta que mais lambuza, que mais besunta as mãos. Não há como não se sujar, como não sair totalmente tomado após uma mordida. Essa manga que ele não provaria uma segunda vez, sempre preocupado com a limpeza, com a objetividade e com o pragmatismo de um existir carecido de contágio.

A maré ainda está nele ao aportar, movimento suave que lhe embala o corpo. O percurso truncado da estrada martela a cabeça. Não há dinheiro nem força para outra viagem. E o calor lhe gera uma sede inominável. A umidade faz eclodirem espinhas debutantes na testa. Aluga um quarto em uma pensão no centro da cidade e empreende-se na aventura, após se estabelecer, de ser vendedor. Perambula pela Praça da Alfândega fazendo comércio, carregando bolsas nas costas. Jamais havia escutado um diálogo em português, senão em parcas canções. Aos poucos e com considerável dificuldade, vai aprendendo pequenas palavras e expressões, tais como "obrigado", "tudo bem", "quanto custa?". Torna-se um *clienteltchik*³, um mascate que vende à prestação. Bate de porta em porta. Os clientes têm cartões nos quais anota seu endereço, pagamento e nome.

Fica radiante quando Hana lhe escreve que um casal de amigos da Polônia está a caminho da mesma cidade. Terá, enfim, com quem conversar! Passava algumas horas à noite falando em voz alta em iídiche consigo mesmo para não enlouquecer, deitado na cama dura e amarelada do pensionato. Recebe uma carta do irmão Yuri que está em São Paulo, o qual havia se casado com uma brasileira muito abastada, também judia, cuja irmã estava solteira. Yuri tentava persuadi-lo a desposá-la. "Meu querido Benjamin, o seu casamento não tem validade neste país em que agora reiniciamos nossa história. Você pode favorecer uma situação de mudança se estiver disposto a

³ Clienteltchik – em iídiche, mascate.

conhecer a irmã de minha mulher, uma jovem simpática e culta, proveniente de uma família de posses. Quando for viável para você, venha me encontrar. Nada haverá de lhe faltar”.

Benjamin não ousa considerar a hipótese. Ama Hana com toda a verdade de seu coração acelerado desde a primeira vez que a vira na infância. Ele enfrentaria tudo para reunir uma boa quantia e trazê-la para Porto Alegre. Ao contrário do que pensariam dele seus filhos e netos anos mais tarde, ele não aceitaria se desvencilhar do passado. Há laços que não se desfazem, ele acredita, há nós que não se desatam. Nós. Porque um só não dá conta de firmar esse elo extenuante com o que ficou para trás.

Escavações

*Debato-me toda
Puxo o tapete
Abro as gavetas
Sondo as prateleiras
Não encontro
Prova, pista,
Fome, sede
Ou dor*

*Sem vestígios,
Sigo inerte
Incontestável
A supor um passado
Onde, os meus?
Cadê as fotografias?
As músicas?
Onde, os diários?*

*No desabandono
de uma história
Na ardência
de um tempo amnésico
Entro no facebook
E vou baixando a timeline
(Linhas do tempo alheio)
O excesso dos outros me cega
Volto à escuridão*

4.

Descobri que crescia à medida que quis carregar meus pertences comigo. Não tenho memória dos meus anos iniciais, mas consigo entrever a imagem de minha mãe com sacolas, carregando a mamadeira, o paninho, enquanto eu estava no carrinho ou ficava no colo do meu pai. Nos meus braços, apenas algum brinquedo. Essa é, na verdade, a visão estereotipada que em geral se tem de um bebê com privilégios.

Um pouco mais velha, lembro-me nitidamente de quando minha família ia ao parque, ao cinema, e eu entregava para a minha mãe meu celular e um moletom caso esfriasse, para ela guardar na bolsa. Podia então perambular livre, irresponsável, somente esticando o braço para obter o que queria conforme sentisse necessidade. E ela se desdobrava, com a bolsa verde tiracolo de couro lhe pesando o ombro, lhe riscando brevemente o casaco de seda, abrindo-a com a mesma elegância com que caminhava de salto alto. Eu fazia de minha mãe senhora de mim, dirigindo-me a ela para obter um consentimento deduzido pela oscilação sutil de sua cabeça. Estava posto o jogo do “mamãe, posso ir?”, que se estenderia muitos anos mais. Dependia visceralmente da anuência dela, de sua autorização para que eu desfrutasse sem culpa do pensamento mais recôndito. Espreitava sua opinião referente a temas que se expandiam desde a estética do menino de quem gostava até a situação política do nosso país. Assim seguíamos coladas, unidas pela bolsa em comum. Ela, um enorme canguru do qual me aproximava quando o sol se punha e os contornos do dia ficavam incertos. Eis que o desamparo começou a ser infinito. Era chegada a adolescência. Minha enorme fonte de verdades

passou a fraquejar diante de perguntas, como – mãe, qual a história da nossa família? Por que estamos aqui, nesse canto de terra, se meus avós parecem ser infelizes? Ela se punha em silêncio de concha, ela tinha a coragem do não saber e isso me encantava ao mesmo tempo que escancarava uma fragilidade insuportável. Seu silêncio era um grito que fazia ruírem, uma a uma, as convicções às quais me agarrava.

O meu desamparo persistente passou a nos desgrudar sutilmente, como a pele morta que se esfolia e vai abandonando o corpo a se renovar. O peso que minha mãe carregava foi então se abrandando e eu, aos poucos, fui herdando uma bolsa cheia, inteira para mim. Sei que ainda habito minha mãe, não ousa desabilitá-la, mas urge sair um pouco. Viajar ao longe. E ter então a minha própria pele com suas próprias camadas murchas. Mas o que hei de perpetrar diante do peso dessa herança? A autonomia que tenho agora ao sair de casa com a minha bolsa, meus documentos todos me conduzem de volta a uma origem. Rodopio e não saio de mim, que besta. Enquanto a bolsa vai inchando, inchando até ser impossível girar. Tontura, tontura. Tudo em minha volta gira, grito da clausura. Estou presa, nessa acumulação compulsória de vestígios. Não consigo partir.

Hana não quer partir. Não quer que nada fique para trás. Ela gosta de decifrar os segredos escondidos por entre os becos de Varsóvia. Dois amantes que se tocam descuidados até paralisarem e olharem desconfiados para os lados. De quem eles se ocultam, por que estão ali? Hana gosta de passear pelas ruas estreitas de paralelepípedos assimétricos. Gosta da tonalidade terrosa de alguns armazéns que observa com zelo. Gosta de voltar para a casa e sentir o odor açucarado da mãe assando doces.

Sua família mora em uma residência singela. São pobres, sim, mas a comida é uma prioridade inegável. Foi com a mãe que aprendeu algumas receitas típicas, como o *gefilte fish*, que infesta a cozinha com um cheiro nada agradável. O *kneidale*, que ambas passam tempos preparando, incrementando o caldo de galinha e amassando com empenho a *matzá*, enrolando-a em bolinhas cujos tamanhos nunca ficam perfeitamente iguais. Cada bola conserva resquícios dos dedos que as contornam. Mas Hana crê que os tempos estão mais árduos agora, que os contornos dos dias jamais serão os mesmos, pois não dependem mais de suas mãos. Quem realmente cobre suas verdades não são os amantes das esquinas. É ela própria, engolindo o fato de ser judia ao se deslocar para bairros gentios. O marido já foi embora, e ela não teve escolha senão apoiá-lo. As famílias foram criadas juntas e experimentam as modificações que descolorem pouco a pouco a alma polonesa.

A infância de Hana já não foi sublime – estudou apenas cinco anos em uma escola de ensino religioso judaico, pois os colégios renomados eram os dos polacos. Somente aqueles que tinham bastante dinheiro para comprar o diretor poderiam finalizar os estudos e ir à universidade. Mas ouvia que mesmo os judeus com poder aquisitivo assistiam às aulas em pé, como que de favor, enquanto os gentios sentavam. Ela se lembra de que sentava, quando menor, somente nos *Sanki*, esquis de ferro que funcionavam tal como carrinhos. Hana sentia o sangue ferver de uma adrenalina adorável. Essas brincadeiras guardam suas memórias em gavetas empoeiradas. Depois veio a guerra, a família empobrecida minguando de fome, precisando tomar sopa de serragem por não haver o que comer. Ela passava os dias sendo obrigada a levantar-se, não havia escolha. Hana fica nauseada só de lembrar. Agora, pelo menos, ela pode se alimentar, as bombas cessaram. Mas o clima é de tensão e de descrença, como que adivinhando uma situação insustentável em um futuro próximo. No presente momento brutal, impera o ceticismo. As olheiras se afinam no rosto pálido do pai, um alfaiate que caminha preocupado de um lado a outro na sala sem mais poder remendar. A mãe é uma caixinha indecorosa de superstições, cerceando seus movimentos: filha, não ande debaixo da escada, vai lhe trazer maus agouros. Tudo de pior pode acontecer. Hana foi instruindo-se a sentir medo e a suspeitar.

Hana trabalha envelopando cartas, colocando selos, com considerável habilidade e com dores nos ossos das mãos. Até que encontra desprezo na mirada do seu patrão e fica espiada. Há algo de estranho em meio à familiaridade habitual. O sindicato havia descoberto quem ela era e protestado: uma judia trabalhando conosco não serve. Se ela não sair, nós saímos. Ela é então demitida, demitida com descaso. E percebe que o seu sofrimento não sensibiliza seus colegas de trabalho, homens frios e sem remorso. Eis que, após um ano correspondendo-se a distância, o marido lhe envia o dinheiro prometido para viajar. Essa mulher não quer partir, pois pressente que partir será irremediável. Porém, é necessário. Ela levará consigo três mudas de roupas básicas, o passaporte, a corrente prateada com pérolas que herdou da família, um pente, um espelhinho – é vaidosa, embora finja não se importar. Ela se despede de seus irmãos e irmãs, que não se sabe precisar bem quantos são. Poderiam ser três como poderiam ser oito. Com um lenço, enxuga as lágrimas e colhe os afetos. A mãe não quer soltá-la e o pai, que nunca chora, treme comedido o queixo e pressiona os lábios.

Essa mulher partiu.

Fecundação

*Que vazio é esse
Que me rouba o sono
Que me mata o sonho
E me concebe inteira*

5.

Estava escuro quando voltava para a casa. Havia recém saído do ônibus e, com passos apressados, caminhava por ruas vazias. Apenas as sombras dos objetos as habitavam. A sinaleira não era generosa comigo. Em vão, olhava para todos os lados enquanto esperava o aval verde para prosseguir. Pessoas jamais circulavam pelas ruas, pois não se autorizariam àquela hora da noite. A paz nunca reinava em nossa cidade. Carros blindados aceleravam e faziam o canto dos pneus torturados ecoar. Foi então que um homem se aproximou de mim – segurou a faca rente ao meu punho, e com a outra mão tentou puxar a bolsa que me transpassava. Com a força de seu movimento, caí no chão junto e fui sendo arrastada por três quadras na Av. Carlos Gomes deserta.

-A bolsa está enganchada!

Pude afinal exclamar, como que suplicando por sua condolência.

Uma bolsa que certamente não se desvencilharia de mim tão fácil. Nossos olhares de pena mútua se encostaram.

Ele a retirou com mais agilidade agora, quase um cuidado. Correu com a bolsa debaixo do braço.

Fiquei atirada por curtos instantes, atordoada, com a perna a sangrar.

Ousei sentir ternura por aquele desconhecido que, mesmo à força, me libertava.

Eles enfim se abraçam. Longa, solidariamente. Ela o toca no rosto com as duas mãos, experimenta colocar-se em seu lugar, imaginar tudo o que ele passou na mais absoluta solidão dos primeiros meses no Brasil. A vinda dos amigos poloneses, Aron e Faída, o havia auxiliado nesse período, ainda bem! - ela respira aliviada. Benjamin estava trabalhando com eles no comércio de bolsas já há algum tempo.

Aos poucos, os dois casais acomodam-se em um mesmo apartamento e alugam um pequeno estabelecimento, tornando-se sócios em uma fabriqueta de malas na Giordano Bruno. Hana passa muito tempo dentro de casa, cozinhando e limpando, tendo pouco convívio com a língua portuguesa. Ela fica restrita àquele pequeno universo polaco recriado no Brasil, conversando com Faída sobre o passado, remontando histórias fantasmáticas - e tal é a sua frustração quando começa a reparar que Benjamin não enriquecia tanto quanto Aron no decorrer dos dias. O seu marido ficava na fábrica, enquanto o outro ia vender nas ruas da cidade. Em suas perambulações, Aron comercializava diversos utensílios, como chapéus e cintos, e lucrava bem mais.

A convivência excessiva, minada por rivalidades e dúvidas, exaspera Hana. Ela inicia suas intentadas de convencer o marido a desfazer a sociedade e a abrir sua própria loja. Já haviam reunido quantia suficiente para ter certa autonomia, certa privacidade. Ela também adoraria morar apenas com Benjamin pela primeira vez, embora Faída fosse uma boa companhia. A amiga conseguia alienar-se das conturbadas relações de negócio dos maridos, mas Hana não podia se abster e julgava que Benjamin saía prejudicado. Após alguns meses hesitando uma mudança, Benjamin finalmente cede: vende sua parte da associação e, com o dinheiro, consegue comprar uma casa na Osvaldo Aranha. Aron, de início, desaprova a ideia, e os dois amigos presenciam a relação afrouxar, único vínculo polonês com o qual contavam para além de seus casamentos. Mas a situação econômica de Aron lhe é favorável, e ele impele-se a ser generoso e a não cultivar mágoas. Benjamin tornara-se um companheiro importante diante daquela escassez de família, de calor humano.

É chegada a hora da despedida. Ambos apartam-se com um aperto de mão. As mulheres se dão dois beijos e um abraço mais afetivo. A mala do casal está pronta, uma bagagem única e mais volumosa que aquelas trazidas da Polônia. Hana e Benjamin partem novamente. Mas, dessa vez, não irão para longe. Continuarão no bairro em que vivem. Seguirão perto de Faída e de Aron. A esse momento, Hana e Benjamin não suporiam que, anos depois, terminariam isolados socialmente, ilhados em sua própria vizinhança e sem notícias do par que tanto os auxiliou no princípio da vida porto-alegrense.

Parto

*A sala amarelada
Num hospital do SUS
Homens no iphone
Mulheres se contraem
Futuras mães solteiras
Ou acompanhadas,
Tanto faz, de todo modo
Estão sós
Anestesia peridural
Em cada cintura
Ainda assim
Gemem,
Não simulam,
Uivam alto,
Descabeladas*

*E a enfermeira
Com marcas de unhas
Em seu antepunho
Sente náuseas no corpo*

*“a melhor coisa que fiz
Foi nascer”, constata*

6.

Estou em busca de uma mala. Uma mala bem grande que contenha meus lenços, meus documentos. Eu vou. Quero partir. Estou imóvel há milênios, empoeirada, dentro de um apartamento repleto de infiltrações. Não consigo conter toda a umidade, em vão coloco blusas antigas nos cantos da sala para absorver a água que insiste em invadir. A mesma umidade que desnortou Benjamin em sua chegada ao Brasil. E volto para dentro do quarto, nua, cristalizada na cama. As lembranças da minha vida são como retratos: estáticas, inconciliáveis. É assim que apreendo os sentidos em minha volta, mais fragmentados do que a garrafa de vidro esfacelada após o tombo, sou uma bêbada. Não integro as múltiplas realidades existentes. Nem posso pertencer a um contínuo como num filme. Vem daí a impossibilidade de movimento.

A casa nova de Hana e de Benjamin ocupa o número 1170 da Osvaldo Aranha. Ela foi escolhida justamente por sua localização no Bom Fim, um pequeno bairro que concentra a maioria dos imigrantes judeus da cidade e que desabrocha fazendo aflorar o comércio, a carpintaria e a alfaiataria. O parque da Redenção se encontra extenso e vasto, com seus ciprestes e suas pitangueiras, logo ao atravessar a rua. Carroças movidas a égua compõem um som bonito perto do Espelho d'água, e a melodia ecoa até a casa para espantar um pouco do silêncio. A habitação, quando vista de fora, dá a impressão de ser minguada. É encolhida, apequenada diante de outros terrenos mais imponentes. Contudo, engana-se quem pensa que ela se restringe àquela superfície estreita, pois suas dimensões ganham elasticidade à medida que se passeia em seu interior, ampliam-se sem jamais ceder, como a mais esperta das meias-calças vestida em pernas salientes. Vizinhos curiosos, atiçados pela descrição do casal que raramente deixa a casa, espalham rumores de que há tesouros ali dentro. Ou poços subterrâneos. Benjamin e Hana nunca ousam espreitar ou cavar nada. Apesar da apatia, o casal colhe profundezas, mas prefere se deter naquilo que se dá a ver. Eles não gostam do mergulho, não há pés de patos da memória, perspectivas de queda e de espanto. Estão sempre com a cabeça altiva para fora das águas, garantindo a respiração. É assim que decidem investir na fachada. Quebram-na, constroem uma bela vitrine de vidro e pintam seu entorno de amarelo. Varrem todos os dias a calçada. O projeto é o de condensar residência e loja em um mesmo espaço. Todo empenho está destinado à parte da frente cuja reforma poderá garantir o ganha-pão. Ainda que investida, esta seguirá modesta – o chão de cimento bruto queimado, as prateleiras de madeira, uma lâmpada no teto. Mas principalmente os fundos ficam em uma espécie de abandono, reunindo certa mobília quase minimalista, uma cozinha mal equipada que cheira à gefilte fish, uma estreita varandinha, uma sala com mesa, duas cadeiras, duas poltronas berger e nenhuma janela, cujo aroma conglomera espirro e umidade. Um banheiro de azulejos escuros e paredes descascando agremiado ao quarto que contém uma lamparina, um armarinho baixo e uma cama de casal dura e poeirenta. Um segundo quarto menor com um beliche no canto, onde se monta a fabriqueta em que Benjamin se põe a desenhar modelos nos jornais que mal sabe ler, para depois costurar suas bolsas de couro, a cortar ansioso, deixando remendos por todos os lados que Hana tem de recolher, um a um, as costas pulsando de dor.

O marido confecciona bolsas, e ela o auxilia a posicioná-las nas cantoneiras e deixá-las à mostra da maneira mais agradável possível. Hana também governa o balcão quando o movimento passa a se acentuar, os fregueses entram, ela fornece o troco, enquanto o marido fica a negociar com os clientes vacilantes ou a prostrar sobre o tempo daquele inverno e o minuíano petulante que acarreta o pulo de algumas bolsas da vitrina. É curioso

que não há letreiro nem qualquer tipo de nome para a loja. Hana e Benjamin nutrem imensa dificuldade em nomear – nomear a raiva, a tristeza, o medo; imagina dar um nome àquele cantinho sagrado! Abstêm-se. O boca a boca das avenidas, a terra de ninguém, prontifica-se a simplificar – Já passaste hoje pela Casa das Bolsas? Tem novos modelos!, exclama uma mulher apressada com sacolas; ou -Está com descontos na Casa das Bolsas!, grita o padeiro Joaquim, atinando para a sua esposa.

Eis que surge, no diálogo prosaico e destituído de criatividade, a Casa das Bolsas. Pouco tempo depois, Benjamin pintará na parede com tintas verde-escuro o nome emblemático e decisivo.

A Bolsa Inaugural

*A menina escuta uma voz
Que lhe conclama a morte
Que lhe sentencia
uma separação*

*A menina pega uma caneta
Vai até o quadro:
"Vou desenhar a voz.
Ela é uma mulher
Feito a mula sem cabeça,
Com os braços
apoiados na cintura"*

*Tal é o assombro
Ao constatarmos
Que o traçado
da menina
Faz laço, fita, nó*

*A voz é, na verdade,
A figura disforme
De um útero oco*

7.

Nasci com as amígdalas grandes demais. Deve ser por isso o pavor de lançar o corpo no mundo, de ser vista, de falar em público, de sentir os semblantes que apenas vislumbro em telas de computador. As pessoas nas redes sociais são ícones – e eu, iconoclasta, identifico todas as minhas faltas com uma lupa.

A angústia sobra como panos ínfimos colocados ingenuamente para conter uma inundação. Estou doente. Um médico me olha com seriedade. O lado avesso da minha pele contém feridas irretratáveis. Uma camurça apodrecida me habita.

Poucas pessoas conseguem entender aquilo que tocam olhando o avesso.

O pulmão está acinzentado pela fumaça da cidade. Mas nada disso ele enxerga, ele não considera a fragilidade do meu corpo. Nossas realidades não se tocam, e o doutor afirma que tenho saúde de ferro.

A Casa das Bolsas amanhece com a cerração. Seus contornos amarelados antecipam a presença do sol e turvam a visão dos raros transeuntes sonolentos que por ali passam. Benjamin revira-se na cama, sempre com dificuldade para dormir, e salta todos os dias às dez para as seis, angustiado. Tem pesadelos em que homens bombardeiam as ruas de Varsóvia, puxam sua mãe pelos cabelos, batem no pai cuja teimosia é afrontosa. Acende a lenha, esquentando o leite no fogão, abre uma caixa com alguns pinhões. Toma o café nostalgicamente, o olhar introspectivo a contemplar o nevoeiro pela janelinha da cozinha. O sono de Hana é mais pesado, ela levanta costumeiramente duas horas depois, limpa a bagunça de Benjamin com olheiras roxas de sacrifício e, logo em seguida, a loja é aberta. Ambos curvam-se e sobem a persiana, a qual range estridente parecendo sentir preguiça de acordar.

Benjamin abre o Correio do Povo do lado de fora do balcão, apoiando as mãos que se impregnam com as impurezas do grande papel enigmático, repleto de vocábulos desconhecidos. O jornal tenta ser lido truncadamente pelo casal antes de o movimento se intensificar, mas eles não acessam bem o idioma. Benjamin precisa lavar os palmos para remover aquele odor de papel sujo. Hana pega uma caneta para sublinhar as expressões mais inusitadas, cuidando para não pressionar demais o periódico para não rasgá-lo. Seus olhos estão espremidos de esforço para transpor um pensamento em iídiche, ah, um pensamento em iídiche, ela sentia *rachmones*⁴ de ver aquelas fotos tristes estampadas na gazeta, sentia *rachmones* e não sabia o que fazer com essa palavra. Era uma *broche*⁵, uma *broche* que ela desfrutasse de uma conjuntura digna, que ela tivesse dinheiro para comprar mel no armazém, era uma *broche* que ela não passasse fome como algumas criaturas magrelas que via nas páginas imundas e enormes que ela mal conseguia conter em suas mãos, os braços bem abertos para segurar todo o jornal, o corpo achatado desmedido em esforço. Era uma *broche*, e ela em vão procuraria um equivalente no português.

Hana e Benjamin não entendem o que se passa lá fora ou fingem não saber.

A Casa das Bolsas funciona de segunda a sábado, das 8h30 às 18h. Há uma pausa de uma hora para o almoço, que Hana prepara em casa após ir ao armazém. Os dois geralmente estão afoitos pela comida e mal se encaram, como se o prato lhes fosse escapar dos palmos. Cultivam em comum esse desejo de prosperar nos negócios para nunca depender de ninguém. São de poucos amigos - Benjamin é mais cordial diante dos dilemas das freguesas confusas e das histórias apressadas. Sem dar muita entrada, ele escuta

⁴ Rachmones – em iídiche, significa pena.

⁵ Broche - em iídiche, significa benção.

paciente para não perder a clientela. Hana é mais pragmática em seus cálculos detrás da bancada, seus dedos fininhos e ágeis empenham-se em embalar os objetos em poucos minutos com papel pardo se os fregueses não desejarem levar para presente; do contrário, com papéis coloridos que Benjamin compra na Bayadeira da Osvaldo.

Ela sorri e agradece a confiança, mas não tem, na apoquentação cotidiana, nenhuma comadre para fofocar com as mãos cobrindo a boca e os olhos maliciosos. A contenção do casal desperta o respeito da vizinhança. O vendedor de morangos caminha pelas ruas com seus gritos espalhafatosos, simpatiza com Hana e Benjamin e, apoiado na soleira da porta, lhes oferece sua fruta favorita por um preço condescendente. As frutas tipicamente tropicais não lhes agradam tanto, a manga emporcalha os dedos, Benjamin bem sabe, perdendo muito tempo para cortá-la na única vez em que o tentou. O abacaxi lhes gera aftas terríveis; o mamão é difícil de comer com aquelas sementes que mais parecem grãos de feijão... Enfim, Hana e Benjamin dão prontamente alguns trocados do caixa para os berros do praticista se dissolverem logo pelas esquinas.

Seus únicos confidentes são Abrão e Faída, ainda que o rápido rompimento da sociedade houvesse gerado certa zanga e eles tivessem de despender esforços mútuos para fingirem não notar qualquer rixa remanescente. Aos domingos, os quatro costumam se sentar em cadeiras de praia sob a sombra de um grande cinamomo, na calçada da Osvaldo, bebendo mate e trajando ponches caso esteja frio, mas certamente nunca tão frio como o inverno polonês. No final da tarde, Benjamin se põe recluso no escritório para finalizar a costura de algumas bolsas. Aos poucos, na intimidade de seus pensamentos receosos, começa a perceber que tem mais tino para vendas que para a arte. Suas bolsas são similares, de tamanho pequeno, e não há uma marca registrada, um traço particular que indique que é ele o criador. Além disso, está exausto, com espasmos na lombar, e precisa de ajuda. Já com condições de pagar um aprendiz, contrata Joelzinho, o filho do alfaiate Mendel, para lhe auxiliar. Joelzinho precisa de uns pilas para poder ir aos bailes do Círculo Social Israelita. Mas sua fama de menino baralhado se confirma, ele finca a ponta dos dedos, remenda retalhos assimétricos e mais atrapalha do que outra coisa. Benjamin cutuca Hana e mostra o estrago, um *shlemiel*⁶ esse daí, um cabeça de vento, apontando discreto para o menino.

Benjamin bate o martelo e toma a penosa decisão de abandonar suas pretensões narcísicas. Ele fechará a fabriqueta e dispensará o jovem desconcentrado Joelzinho. Tal veredito lhe gera um remorso principalmente no que diz respeito ao seu pai, seu velho pai de quem agora ele raramente recebe notícias. Os míseros postais se escasseiam. Foi com o pai que aprendeu

⁶ Shlemiel – em iídiche, atrapalhado, cabeça de vento.

a alinhavar, a confeccionar pequenos alforjes de couro ou grandes malas de lona. Não gostaria de ser uma decepção, de não dar seguimento às supostas habilidades manuais que deveria ter adquirido como herança geracional. Tranquiliza-se ao perceber que o conhecimento passado pelo velho não se perderá. Benjamin sabe reconhecer um couro legítimo como ninguém. Seu olfato e tato são apurados, ele o torce do avesso, cheirando-o e sentindo-o como um cachorro em busca de ossos enterrados.

Circo sem lona

*Todos os elefantes,
 Todos os leões e macacos,
 Nenhum deles abandona o
 circo.
 Por falta de coragem, de sorte
 Seguem inertes,
 no lugar de sempre*

*O lugar de sempre
 Conserva ainda
 A marca de nossos pés
 No betume cinza*

*O lugar de sempre
 Não tem ruelas
 Mas sim trincheiras
 Transparentes*

*O lugar de sempre
 É quando assim:
 não tem remédio,
 Remediado está*

*O lugar de sempre
 É não medicável
 desaconselhado
 Pelos psiquiatras*

*Mas é o lugar de sempre,
 Morada que acobertamos
 como bebês friorentos
 tapados da ponta dos pés
 ao queixo estreito*

*Seguimos aqui, a sós,
 No lugar de sempre
 Sem futuro
 Sem passado
 Nem mediação
 A não ser a mesmice do circo.
 O riso que não mais faz rir.
 Onde se encontra a graça?*

*O palhaço tristonho
 A bailarina de perna quebrada
 A trapezista com mãos úmidas
 O domador paranoico
 Domado por seus medos*

*O arauto mudo
 O mímico prolixo
 A equilibrista bêbada
 De cabelos soltos
 E pés descalços a cair do
 arame,
 -Seria essa
 a libertação?*

*Nosso circo sem lona
 Apenas se sustenta
 por animais cuja força
 em si não reconhecem
 E permanecem amarrados*

*(Permanência equívoca:
 Não há passagem quando
 Se está parado)*

*Pelo que é frágil como a
 lágrima
 Na maquiagem do artista:
 Um fiapo de corda
 Denúncia de rímel
 A escorrer na pele*

*O lugar de sempre
 É onde fomos ensinados a
 viver
 Desde o nosso nascimento
 Num parto calado,
 sem gozo ou suor*

*Num parto que é em si
 A própria morte*

8.

Sonho que apanho um táxi na frente de casa. O motorista acelera, fazendo os pneus chiarem. Eu tento dar o endereço para o qual preciso ir, mas ele se antecipa e friamente pontua, “eu já sei”. Ele percorre ruas estreitas e escuras, parece que vamos adentrando zonas de chão batido. Ele zomba do meu olhar esgazeado, dos meus dedos a removerem cutículas, da minha visível apreensão. Pergunto se ele não está usando um GPS, se ele sabe como retornar para alguma avenida principal como a José de Alencar. Ele apenas afirma, sádico, “você saberá”. Estaciona, abre a porta e se desloca em direção a um casebre de madeira. Ali me abandona, e sinto um misto de alívio e de pânico. Decido descer, trêmula e perplexa, meu celular não tem sinal. Que cidade é essa?, somente fico a pensar onde estou, essa não há de ser Porto Alegre. Preciso voltar para minha casa para ter alguma certeza de que não fui embora do Rio Grande. Caminho até chafurdar meus pés na lama, até os músculos das pernas vibrarem de câimbras. Ao que avisto um shopping com uma torre alta que parece ser o Total. Concluo que posso comprar uma mala para partir, contudo quero estar precavida, organizada – partir assim descabelada, zonza, como estou agora, assim não me agrada. Há, porém, unicamente lojas contendo vestidos de seda. Uma vendedora me para e me oferece um, exclama que está cansada dos mesmos modelos e que espera uma nova coleção em breve, por isso decidiu se desvencilhar de alguns já antigos. Trajo aquele vestido longo de seda preta, saia a flutuar, mas estou imunda e ele gruda no meu corpo sem piedade. Encontro um elevador e ali dentro me enfito, me ajuntando a muitas outras mulheres que já se encontram à espera. As portas cerram. O elevador ganha velocidade até que voa em um estrondo absurdo. Vejo-me dentro de uma caixa metálica a

chacoalhar, uma náusea abominável aporta em meu estômago, berro para as mulheres perguntando quanto tempo falta para chegarmos. Elas falam que não sabem, talvez mais uma hora, e que outra menina pegou uma bacia para vomitar na última viagem feita. “Uma hora assim, não vou aguentar”, respiro fundo, apoio meus braços na parede do elevador. Alongo-me com uma descrença, o tempo vai congelar comigo aqui, além do mais há muitas mulheres, muitas mulheres nuas de cabelos raspados a comprimirem meu corpo. Elas uivam em determinado ponto, elas estão com sede e com calor. Eu sou a única vestida e com madeixas longas, bem longas, já embaraçadas. Estou claustrofóbica, porque, de fato, o elevador está lotado de mulheres aturdidas e não compreendo, não respiro. Desperta uma compaixão coletiva naquela subida ao inferno, nós todas não suportamos o percurso, mas nos amamos muito profundamente, nos solidarizamos pela nossa situação de termos deixado para trás horizontes. Eu as acolho em meu coração, e quando algumas delas tombam cansadas, intoxicadas, eu me agacho e sofro verdadeiramente. Criamos um vínculo durante aqueles minutos agonizantes. A caixa metálica silencia, suspende o tremelique. A porta se abre e eu estou livre, livre e viva, a única sobrevivente dentre tantas irmãs que ali me cativaram, delas sentirei saudades. E ainda necessito descobrir como retornar para o meu apartamento onde moro com meus pais. Pego um ônibus na Cristóvão, o cobrador arregala a sobrancelha, espantado com meu estado. Relaxo pela primeira vez após tanta angústia, os ombros pesam e adormeço brevemente. Eis que me dou conta de que aquele caminho está errado, o ônibus está indo para a direção contrária, e grito que parem as máquinas, urge que eu saia dali! O motorista estaciona. Corro, o vestido de seda com suas transparências, a comprida cauda embalada com o movimento, o rímel borrando em pequenas listras, creio que

choro, choro como um bebê recém-nascido, os lábios já não tem os contornos do delineador matte que usei antes de sair de casa e o batom vermelho é agora um grande borrão suave que remete ao sangue. Estou, não sei bem como, na Carlos Gomes! Mas há ironicamente um grande protesto, homens com suas placas reivindicando mudanças na prefeitura, eu não consigo passar. Eles entoam músicas e mais parece que haverá um grande show na cidade e que está hospedado no hotel Holiday Inn algum cantor famoso, aqueles homens na verdade gritam a letra da sua canção mais conhecida, protegem-se e invadem-se com suas telas de iphone e estão inquietos a fotografar os passos do artista que se aproxima. Não consigo burlar a multidão. Até que vejo do outro lado um ônibus e me despacho novamente para atracá-lo, estou sem fôlego, atravesso a rua com esforço tentando superar os braços daquelas pessoas, imponho meus glúteos e, com os ombros sacudidos, avanço, abro caminho e sigo. O ônibus para, e eu estou mais tranquila, enfim. Sei a parada onde preciso descer e quando estou prestes a aportar, já agarrada perto da porta, um grupo de médicos adentra exclamado que é necessário achar espaço, todos se mobilizam, se encolhem, uma maca é erguida e lentamente vai invadindo o lugar onde estou, não consigo descer, só queria descer, mas não consigo. É uma situação de risco, há uma mulher em estado emergencial dentro da maca, tapada com um pano branco e, devido à multidão histriônica, os plantonistas precisaram ir de ônibus até o hospital. Um grupo de estudantes de medicina ri do meu desajeito, do meu desassossego. Eu só queria voltar para a casa, são tantos obstáculos que estou prestes a desistir. Os doutores pedem que eu segure uma canastra repleta de equipamentos cirúrgicos. E assim me posiciono, em pé, ao lado do vulto quase morto, segurando com uma mão a barra metálica para não cair e apoiando no outro cotovelo a cesta com seringas e curativos. Estou já entediada, como num

retrato de Charles Sillem Lidderdale⁷, mulheres esgotadas de semblantes sérios em um eterno retorno para a casa, portando sua cesta repleta de palhas finas, seu olhar abandonado de quem perdeu a esperança, contudo uma calma singela é bonita de se ver, e a travessia ganha uma importância, a travessia é sempre arborizada e minada de cestas, nossa bagagem que não deixamos no meio do caminho, cuidamos cautelosas para trazê-la intacta e entoar nossas histórias tristes, aventureiras e embriagadas para aqueles que nos esperam. Acalmo-me. Duas paradas depois, no Mãe de Deus Center, a equipe médica desce com o corpo cerrado, eu aproveito o embalo e salto junto. Tenho de voltar até a parada que perdi, mas estou perto dessa vez. A rua está vazia, não há nada que me impeça de chegar. Eu volto. O vestido já murcho, os pés com bolhas, as olheiras arroxeadas embalam meu olhar desvitalizado, a cesta que se esqueceram de levar está comigo, abro um dos curativos e coloco no calcanhar esquerdo que arde na sapatilha, eu hei de chegar dentro de alguns poucos minutos com minhas seringas e meus silêncios. Eu hei de chegar, feliz ou infelizmente.

Chego em casa. Meu pai está caído no chão, aturdido, e grita ao me ver - sua mãe iria precisar dos curativos, você foi egoísta, você não deveria ter partido, ainda se soubéssemos que voltaria, você não deveria ter ficado com a cesta, você deveria ter ficado ao lado de sua mãe. Afinal, era ela a mulher na maca e necessitava de você, desejava o seu cuidado, menina desatenta.

⁷ Charles Sillem Lidderdale (1831-1895) foi um pintor do século XIX, cujo trabalho se concentrou em cenas pastorais que caracterizam mulheres jovens em percursos ou ciganos.



Returning Home, de Charles Sillem Lidderdale

Um grito ecoa dos fundos da Casa das Bolsas. Esse seria o primeiro berro emitido por Hana em toda uma vida. De fato, talvez o único som mais forte de uma casa sem vinil. Sua gestação foi marcada pelo desejo intenso de ser mãe, como se a vinda de uma criança lhe desse enfim um propósito e amenizasse a saudade. Ela apertava seu ventre que crescia com o passar das estações e respirava fundo, nutrindo conversas em voz baixa de palavras precárias no português, palavras mais sofisticadas no iídiche. *Sluf guizinst staiof guizinst*,⁸ ela dizia, *durma bem, acorde bem*. Benjamin depositava, por vezes, seu ouvido esquerdo na barriga pulsante e escutava os chutes, a música intrauterina que lhe florescia a imaginação tal como a ópera mais linda que ele jamais ouvira por mais de alguns minutos, em um café qualquer do Bom Fim.

O brado irrompe e faz com que o transeunte que cruza o número 1170 exatamente àquele instante com seu jornal na mão desloque a cabeça por cerca de dois segundos, detendo-se no estrondo e reduzindo o passo. Contudo, ele não se comove nem hesita por mais tempo e segue seu rumo. É mais ou menos assim que Esther nasce, na expectativa do corte, da ruptura que não se concretiza. Infelizmente, a força do grito é ilusória. Não há grandes mudanças após a sua exclamação. Hana e Benjamin sim estão comovidos, mas esse instante ungido não será suficiente para modificar o curso de seus dias. Esther nasce de parto natural, sem anestesia, feito pela Nice, parteira de mãos e tronco firmes conhecida da região, matrona italiana, chamada às pressas no boca a boca, pois o bebê se antecipava.

Esther desponta em trinta e sete semanas quase sem chorar, quase como se não tivesse outra perspectiva senão a de vir ao mundo para suplantar uma falta. Quase como se já soubesse. Ela brota como que por milagre, tentando acudir a solidão dos pais, mas é logo engolida por um cotidiano em nada milagroso. Uma bebê atracada no seio materno, mamando e reivindicando a mirada de Hana. A mãe está completamente enamorada nos primeiros dois meses, o pai a carrega no colo com um lençinho branco em posição de arrote. Benjamin a embala de um lado para o outro, até que ela durma. Hana murmura, ao pé do ouvido, *Sluf Guizinst Staiof Guizinst*, minha pequena, minha *bubale*.⁹

Porém, uma quietude e uma abstração invadem o semblante dos progenitores, sutilmente, como o câncer mais taciturno, as células nocivas a se proliferarem devagar, um sangue adoecido. Esther descobre o distanciamento dos pais e se empenha para ser a cria mais adorável, que não se descompõe, que está sempre à espreita para banhá-los com babas adocicadas e risadinhas agudas. Com os dedinhos curtos e moles, acaricia os

⁸ Expressão em iídiche que significa durma com saúde, acorde com saúde.

⁹ Bubale - expressão carinhosa em iídiche para se referir a crianças.

pelos do braço de Benjamin. A cor da íris por fim se consolida como um azul escuro e homogêneo, tal qual uma safira que ela se esforça a fazer brilhar, resplandecer sua luz e refletir, como um lindo espelho, o rosto entristecido da mãe. Ela almeja reavivá-lo, ingênua salvadora do mundo. Mal ela sabe, do topo da sua onipotência majestosa, que o mundo independe dela, de sua boa vontade.

A guerra eclode quando Esther faz um ano, e o desalento de Benjamin e de Hana se esparrama pela casa como o café concentrado na porcelana mais frágil a se esfacelar. Eles são e estão frágeis, ainda que seu comportamento quieto e transigente dissimule a insegurança e gere a falsa impressão de força. Não recebem mais notícias dos familiares e agora, já compreendendo melhor o Correio do Povo, sabem que o cenário polonês é catastrófico. A Alemanha invade a Polônia, o nazismo impõe-se, e homens e mulheres judeus portam uma Magen David para circularem pelas ruas. Mais tarde, a pele seria tatuada nos campos de extermínio, contendo um número de identificação. Um número, embora não se saiba a quantidade exata de irmãos e irmãs que o casal deixou para trás. Uma pele marcada contra seu desejo, um algarismo, uma irreversibilidade capaz de provar que há louças muito delicadas que jamais se recolam sem rachaduras, que jamais voltam a ser o que foram depois de esfaçalhadas.

O Couro

A pele do avô é como
Um mapa pincelado pelo
Primeiro desbravador
De outras terras, psoríase
De manchas aquareladas

-Ninguém o abre

A pele da avó é como
A porcelana mais frágil
Com varizes pintadas à mão
Queimada em forno a lenha
Para rastrear tumores

-Ninguém a serve

A pele da menina é como a
Constelação de Orion,
Uma guerreira escorada
Por seus dois cães, a pinta
Rigel estrelando trajetos

-Ninguém a guia

O couro é a pele
Curtida do animal
Deve-se hidratá-la
Como um avô a sorver água
Uma avó totalmente sóbria
Uma menina de veias amplas

Não se pode deixar a pele
No armário a craquelar
Como um avô e uma avó
Com cheiros de mofo

Enclausurados na desordem
De suas roupas antigas
Como uma menina
Tentando destrancar
As portas bolorentas

Carrapatos, bernes
Arame farpado, galhos
Secos, cortes de

Esfola, rastos
de fogo e de relho
no gado arbitrário,
no gado cansado de
simular disciplina

-ou o número a se tatuar
Forçosamente
Na mulher e no homem
Das multidões

O número que deveria
Ser apagado, escondido
Com uma pulseira ou
Um relógio dourados

Quem lhes dá o direito de
Andar por aí como
Monumentos?

A pele nobre não
Conserva marcas
Tudo ainda virgem
e são
Sem vestígios
a ornamentar
as lojas, os bares
ou consultórios

O passado não interessa
Às madames esfoliadas
Aos modelos de poros
Fechados, o passado
jamais importou

A pele idiossincrática
Tingida de narrativas
De histórias recontadas
Perpassadas por gerações
– essa não se vê

Como um avô emudecido
Uma avó amnésica
Como uma menina
A grunhir sem verbos
Clamando por um nome

9.

Eis o meu inominável.

*É a angústia que congela, mas que ao mesmo tempo faz meu coração pular de um jeito incontrolável feito crianças sem fôlego em uma cama elástica, vou me afundando em um pensamento imbricado de que estou presa em uma carne adoecida, como se atassem minhas mãos e meus pés, dispusessem um talo de madeira no meu torso, como se me escravizassem, o mais paradoxal é que desejei viajar numa tentativa de libertação, de ser corajosa, de firmar um broche dourado no peito exclamando *você tem razão e afinal nada é tão difícil assim*, mas parece que existem muralhas intransponíveis com as quais me debato, como na dança de Pina Bausch, mulheres de vestidos pálidos insistindo em lançar o corpo contra a parede enrijecida, meu Deus, que desespero, vontade urgente de fazer parar, de fazer conter, de fazer desacelerar o ritmo que pulsa tal qual um tambor assassino maracatu atômico desenfreado, eu fico completamente imobilizada, incapaz de encontrar saída nesse labirinto onde me aprisiono, sou um minotauro que perdeu sua cabeça de touro e ficou acovardado pedindo pela mamãe, sua cabeça disforme tão humana, sou uma criança eterna a correr assustada, a correr distraída enquanto a mochila se escancara e deixa cair o caderno, o estojo, a merenda, a garrafinha de suco, os papéis amassados, um ursinho, a agenda decorada pelo meu desenho animado favorito, os objetos que contam essa história até hoje, eles se esvaem, são varridos, alguns homens os recolhem, outros lhes pisam, o fato é que minha mochila foi aberta e estou ferida, estou exposta em uma trama sem passado, sem ponto de referência, o que vaza pelas paredes rígidas não sou eu, são as coisas, e ironicamente me coisifico, vou me despersonalizando até virar uma breve borracha redonda e levemente usada, áspera na ponta, que já não chora mais porque apagou o tempo.*

Benjamin passa a comprar no atacado para vender no varejo. O couro bom vem de Novo Hamburgo e de São Leopoldo. Hana não está sozinha com os fregueses agora, pois Benjamin fica em tempo integral na parte da frente da loja. De quando em quando, ela se ausenta para espiar Esther – uma bebê silenciosa. Hana tem ímpetos de preocupação com a calma que emerge dos fundos da casa em contraponto à barulheira da loja, das narrativas monótonas de compra das freguesas. Uma bebê tácita a respirar baixo, que não ousa atrapalhar os negócios com suas tosses, com suas regurgitações.

Benjamin estabelece bons contatos com os mercadores da região, inclusive com os góis. Sempre irredutível com empréstimos e pagamentos, sensato e discreto, garante a ótima reputação. Decide ousar nos modelos a serem revendidos para disseminar as novas tendências, em diferentes tonalidades e tamanhos. Escolhe bolsas tiracolo, para pendurar no ombro, que são as preferidas pelas jovens; bolsas de duas alças, em estilo sacola ou baú, para segurar nas mãos, eleitas predominantemente pelas mais velhas; carteiras, niqueleiras e pastas de couro; malas coloridas e delicadas para ballet; malas enormes de lona e de papelão. Benjamin expõe todas as novidades na vitrine, mudando-as a cada três semanas, reciclagem que o vai tornando cada vez mais ansioso, impaciente diante dos últimos dias das bolsas já envelhecidas. Ele deseja o novo violentamente, ao mesmo tempo que repudia seu caráter imediatista que vai sendo moldado conforme as leis do mercado.

Entretanto, uma nova habilidade (da qual ele não se envergonha, pelo contrário, orgulha-se com peito inflado) domina-o visceral e incontrolavelmente: a sensibilidade para com os traços humanos. Benjamin observa atentamente o comportamento dos fregueses. A forma como cada um pechincha, como cada um exerce sua força aquisitiva. Uma filha adolescente troca olhares vitimados com a mãe para obter sua anuência de compra; um senhor gorducho posiciona as pastas diante do espelho de forma a encontrar aquela que lhe esconda melhor a barriga; uma senhora hesitante vai quase toda a semana à loja, experimenta vários tipos de bolsas de cor bege sem nunca conseguir se definir. Cada cliente mantém uma relação particular com o objeto desejado. Há aqueles que precisam ser econômicos e práticos. Outros são inconvenientes por sua arrogância, e Benjamin tenta deles se desvencilhar o mais rápido possível.

O instante das negociações é subjetivo e emocionante. Benjamin se mostra condescendente ao perceber que a freguesa se interessa realmente pela bolsa, mas tem alguma limitação financeira concreta: ele então decide dar desconto ou parcelar, fazendo de tudo para favorecer a venda. E se entra na loja alguém com maior renda, mas que acha prazer em barganhar e compara a sua mercadoria com outras de preço menor, para pagar menos, Benjamin se põe gradativamente irritado, o semblante obstinado. Ele começa pacioso a explicar que, por aquele valor que o sujeito relata, a bolsa deve

ser de couro sintético, um *shlock*¹⁰, e que não há como equiparar dois produtos feitos de matérias diferentes. Porém, se há maior insistência por parte do cliente ou qualquer demonstração de soberba, Benjamin abandona a cordialidade inicial quase pueril e pontua que a compra pode ser feita em outra loja, que a bolsa barata e falseada é, de fato, a que se merece!

Afinal de contas, ele é um bom negociador. Não brinca em serviço, mesmo que em certas exceções se exalte um pouco. Ufana-se do valor de suas mercadorias e sabe ser convincente na apresentação de sua qualidade. Benjamin indica para o dentista Rafael, cujo casamento não vai lá muito bem, que *aquela não é uma bursa qualquer, é de pelica! Olha essa textura!*, pedindo delicadamente que tocasse no couro macio para se certificar do quão especial ela era, *sente, sua esposa vai mostrar todos os dentes em um sorriso de boca aberta quando receber esse regalo*. Algumas outras bolsas são feitas de um couro resistente, forte, o tato duro como uma expressão da sua longevidade - *que iria durar uma eternidade, ficaria de herança!*, ele afirma ao sapateiro Nicilovitz cuja família era extensa, com seis filhos ranhentos espalhados pelo Bom Fim. É irônico pensar que Benjamin falasse em herança, justo ele, que no futuro emudeceria diante de seus descendentes.

Para as moças misteriosas de óculos escuros e boinas laterais à la Marlene Dietrich, ele apela para o lado arcano da vida, destacando a parcela oculta, submersa das bolsas: o forro. Segura uma das peças e alega que *essa pode ser apreciada por dentro e por fora, não é só bonita no exterior, tem um forro que parece abraçar o que se carrega dentro*. Já para as meninas que só não perdem a cabeça por estar amarrada ao pescoço, Benjamin ressalta o papel das *rijas alças, presas com costuras firmes!* Mas talvez o que mais o empolgasse na exaltação de suas bolsas fossem os fechos, que poderiam ser de metal nas bolsas mais finas ou de zíper costurado nas mais simples. Ele aponta para o bornal surrado da freguesa que busca uma mudança e afirma que *é fechado apenas com uma presilha no centro, e que tudo o que se guardava dentro caía, escorria pelos lados!*. Finaliza a persuasão ponderando que esse é o principal diferencial das sacolas da casa. Seus fechos são seguros, garantem que os conteúdos todos fiquem bem guardados, evitando extravios.

¹⁰ Shlock – em ídiche, significa porcaria, coisa chinfrim, falsificada.

Displaced persons

Eu não sou a menina de lenço
Vermelho no cabelo, sobretudo
Grosso e expressão sisuda
A encarar a neve borrada
em um inverno polonês
Perdida, filha da caça
Com a sacola na barriga

Também não sou a senhora
Pálida de cabelos ruivos
Ancorada na janela, com sua
Planta, sua gaiola vazia
Sua curiosidade apática
A mão levemente suspensa
Dentro da alça reluzente
Em que maçãs brilham tímidas

Sou, no entanto, o peixeiro
Com o olhar remoto, pés
descalços no calor, torso
pendido para o lado
e o sol iluminando os
contornos exaustos da pele
Não é de frutas ou de cervos
Que me impregno- é do peixe,
do cheiro nauseante,
inconfundível
do peixe

sou mais precisamente
esse jeito de carregar
uma sacola entre
a cabeça
e o ombro - assim,
Rente ao pescoço
Nas saboneteiras



Le Pêcheur/The Fisherman, de Moïse Kisling

10.

Quero encontrar uma mala, mas não há comércio na Av. Bagé, no bairro Petrópolis. Eu subo a lomba íngreme quando saio do trabalho, iniciando pela Protásio Alves e vou avançando, a respiração ofegante, os passos cada vez mais arrastados. Vou até quase a fronteira com a Carlos Gomes, onde já é possível escutar algum burburinho vindo da parada de ônibus. De resto, é só silêncio, ruas praticamente desertas ao meio-dia, moradores que jamais se cumprimentam porque deixam seus apartamentos e migram direto para os carros blindados com vidro insulfilm. Eu tento reconhecer algum rosto, mas todos estão camuflados dentro de suas imponentes caminhonetes. O único estabelecimento pelo qual passo é uma estofaria verde, em que poltronas e cadeiras são expostas na calçada. Ninguém nelas repousa. Não há um mercado ou uma loja onde consiga achar a minha mala. Percebo que há, no entanto, alguns operários de capacete e uniforme azuis, alguns dispostos em roda, outros mais solitários, comendo a sua marmita cotidiana. Eles estão sentados no chão, o suor abate-lhes a face, eles são invisíveis conquanto sejam os verdadeiros construtores desse bairro inteiro de cidadãos discretos. Os verdadeiros moradores da Av. Bagé, com suas longas pausas, sua melancolia erguida como tijolos. Cruzo timidamente o olhar com um deles, receosa de ouvir algum comentário machista, porém constato que ele me estranha sem exclamar nada. Nós nos estranhamos mutuamente, enquanto ele mastiga um pouco do arroz, esmagando o restante com uma colher. Outro operário apoia-se na minicarregadeira, ele fuma, uma nuvem escura me atravessa. Às 14 horas, provavelmente recomeçará a sinfonia das obras, marteladas e escavadeiras musicais. As casas são derrubadas, uma a uma, para dar lugar a prédios enormes envidraçados, esses que tão bem escondem os transeuntes, uma vizinhança inteira oculta. A Bagé metamorfoseou-se

desde a minha infância, de modo que os espaços foram sendo supridos por mais edifícios e menos árvores. Cortaram o imenso ipê-amarelo, cortaram, pois ele estava apodrecido por dentro, mortíço, ameaçando cair sobre nossas cabeças. Tudo é transformação e tudo é tempo corrido correndo. E eu atrás dele, à procura de uma mala para ir embora desse marasmo impassível, desse abandono. Decido me dirigir ao Bom Fim, porque na Osvaldo Aranha existem muitas lojas, empórios, bazares, todos abertos até tarde. Atraco o 431 Carlos Gomes Salso e vou em direção da Protásio novamente, o ônibus corre e pula, sobe e desce diante do asfalto mal colocado, diante dos buracos que não são preenchidos. “Olhe em volta, alguém está dançando?”, miro a campanha da prefeitura para conscientizar sobre o uso de fones de ouvido. “Uma pena”, reflito, desejava de mais dança compartilhada.

De dentro do ônibus, contemplo a imensa muralha do colégio iídiche¹¹ onde estudei durante minha vida toda. A cada ano que passava, as grades subiam, o medo aumentava, a ponto de colocarem uma sala na entrada em que os alunos ficavam presos para poder abrir a porta de acesso ao pátio. Na saída, roletas foram instaladas. Lembro-me desse tempo com alguma saudade, não muita, pois as crianças sabem ser cruéis.

Chego ao bairro mais colorido e boêmio da cidade, pessoas tomam café após o almoço. Atravesso a Felipe Camarão em direção à Osvaldo Aranha. Passo infinitas vezes pelo número 1170. Ando em círculos, confusa em determinado momento, desnorteada, mesmo que familiarizada com aquele território. Chego a entrar em algumas lojas da Fernandes Vieira, da João Telles, mas volto sempre para os mesmos algarismos da Osvaldo.

¹¹ Assim era denominado o colégio para alunos judeus, visto que o idioma falado pela maioria dos imigrantes seguia sendo o iídiche. Atualmente, chama-se Colégio Israelita.

1170. Esse número não me diz nada, mas me chama atenção a imagem de uma senhora observando por alguns minutos a loja sem, no entanto, adentrá-la. Fotografo-a com meu celular:



Será que ela vislumbra seu reflexo no vidro? Ou compara preços? Ou o anúncio a lembrou de que há um dia em que as mães são congratuladas? Será que ela se recorda de algo?

Sento-me no banco da frente e fico a olhá-la imiscuída ao cenário. Gosto das pichações, mas a loja me parece apertadinha. Logo compreendo que não se vendem malas, apenas bolsas e sapatos. Mas permaneço ali. Talvez eu deva

me arriscar a adentrar aquele espaço ou a convencer a senhora a adentrá-lo. Talvez eu não precise de uma mala como aquela de minha cabeça, talvez uma bolsa já me fosse o suficiente para ir embora. Hesito e permaneço onde estou.

Homens de camisa florida e coque no cabelo caminham com instrumentos musicais transpassados no corpo. Estudantes da UFRGS vêm da Ramiro Barcelos em direção ao Campus centro, com suas mochilas indicando o nome do curso que estudam. Serão enfermeiros, farão curativos e acudirão artérias cansadas. Mulheres de saia longo e colares indianos são estonteantemente bonitas. No meio de tamanho movimento – a presença da senhora titubeante a me atrair com sua força centrípeta, nós duas no olho do furacão dos passos embalados, das estampas coloridas. Nós duas agarradas no meio da vida a fluir, nós estagnadas, apavoradas de medo, meu lenço do pescoço é de seda e se desfaz em pedacinhos com a velocidade do vento, nós duas no centro do tornado, congeladas tal como a foto mais brusca. Como a foto mais assassina de memórias.

Benjamin está satisfeito com seus negócios. É, todavia, um homem de natureza sofrida. Ele se impõe algumas privações. É avarento e não ousa contratar novamente um funcionário para lhe ajudar, pois não quer gastar com mais despesas. As contas da casa, a comida, o pagamento aos fornecedores: ele enumera o prejuízo mensal em uma folha de papel. De todo modo, o seu grande impasse para com a loja são as malas, as pesadas e enormes malas. Relegadas à parte debaixo das prateleiras, são menos vendidas que os demais utensílios pela dificuldade de serem carregadas. Vários fregueses se desencorajam de comprá-las por receio de terem de levá-las até sua residência, muitas vezes distante. São poucos os que têm o luxo de possuir um automóvel. Benjamin hesita diante da desistência frequente dos clientes, porém está convicto de que não vai empregar ninguém para realizar entregas. Acredita ser mais vantajoso que ele próprio faça esse serviço, nem que precise reduzir o horário do almoço para menos da metade do tempo. Salvo o martírio de uma vida em torno do dinheiro, a ticanhez ao menos lhe concebe uma alegria: a de passear por entre as ruas de Porto Alegre. A de ser um turista e romper, ainda que minimamente, com a lógica urbana. A de deixar o Bom Fim por algumas horas.

Ele salta mais faceiro da cama quando está previsto o deslocamento. Até os pesadelos cotidianos não o assustam tanto. Em geral, apanha na Osvaldo Aranha o bonde Petrópolis. Neste bairro, mora grande parte da freguesia rica da Casa das Bolsas, com ambições de viagens ao exterior. Benjamin nunca se senta ao longo do percurso. Fica em pé, com uma das pernas levemente para fora, o tecido da calça meneando conforme aumenta a velocidade. Espanta-se com as zonas mais residenciais, com ipês-roxos decorativos e com poucas pessoas a transitarem pelas ruas. No Bom Fim, tudo parece mais dinâmico – estudantes circulam com suas mochilas e seesteiam no parque; pedreiros empurram carrinhos de tijolos; o ciclista machuca a perna e estaciona na esquina da Santo Antônio para conter o sangue; duas moças com sacolas passeiam de braços dados após o almoço; senhoras de bengala tropeçam nas calçadas; o sapateiro está a postos para lustrar os pés dos senhores engravatados; e todos esses personagens-tipo se reúnem em alguma loja estreita para papear e matar tempo com o vendedor. Já no Petrópolis, não há sinos de igrejas a tilintarem nem pequenos estabelecimentos. Há uma mata virgem, casas bem espaçadas entre si, um silêncio que remonta aos tempos mais remotos. O bonde sobe morros levemente arredondados, até o ar parece mais ameno por essas bandas. As colinas emocionam Benjamin pelas suaves osciladas, diferente da platitude do Bom Fim. As ruas do Petrópolis recebem alguns nomes femininos, como Dona Lúcia ou Dona Alice. Há uma delicadeza que o toca fundo, embora não cogite abandonar o seu bairro original, talvez por uma limitação de caráter, pela força do hábito, por ser afeito a mudanças somente quando se tratam de bolsas;

talvez porque sinta amor pela região primeira que o acolheu e se identifique com a singularidade judaica que colore as avenidas. Gostaria, no entanto, que houvesse uma rua que o lembrasse de uma mulher, uma rua que o guarnecesse do leite materno já esquecido. Benjamin salta na Dona Eugênia e caminha em direção a uma propriedade branca e arborizada, as alças da mala a lhe estancarem o sangue dos dedos, os quais oscilam listras brancas e avermelhadas. O braço pesa, ele sente o cansaço, a sede. Mas todo aquele esforço seria compensado na viagem de volta, o retorno para casa, com as mãos leves, a circulação perfeita e o dinheiro no bolso. A freguesa escancara a porta, observa a mercadoria, apalpando-a. Entrega-lhe notas amassadas. Benjamin inala aquele cheiro específico, oriundo do suor ácido em contato com o papel gasto, e sente uma alegria descomunal. Até que é bom receber uma dose homeopática de sofrimento para depois valorizar as brechas de felicidade.

Ele então vai regressando ao velho e constante Bom Fim. Persiste uma densidade humana, como se o oxigênio se encorpasse. Ele entra na loja e mira Hana no balcão, em pé a coçar a cabeça com um lápis. Esther está ao seu lado, já com um ano e meio de idade. A menina fica em pé, ergue a cabeça, mas está longe de enxergar o que está além do balcão – apenas intui, pelo ruído, que o pai chega, e exclama sílabas incompreensíveis. Uma agonia intuitiva circula pelo corpo de Benjamin como um choque elétrico. Ele pressente que o passado voltará para assombrá-los, fantasmas diante da cama de crianças medrosas. Até então, o pretérito estava sendo tapado como panos ínfimos a conter uma inundação, reaparecendo em pesadelos, em diarreias e em gastrites. Um dia, talvez, transbordará. A melancolia sentida é irreparável. O que ninguém sabe é que a Casa das Bolsas está, na verdade, ancorada sobre o entardecer: aquele instante acabrunhado do dia que logo se esvai. Suas paredes têm ouvidos equivocados que repassam informações sobre a guerra e provocam confusões nos moradores. O estoque da loja se engrandece em muitos momentos, um porão de objetos sufocados. Bolsas anacrônicas vão se acumulando, a poeira não as inibe, mas Benjamin e Hana sentem medo de tocá-las. Deixam a portinhola sempre cerrada.

Receita para ir embora

Enche uma mala de 55 kg
Com todas as lãs e panos
A cangarem pescoços
Forra suas alças com chumbo
Senta no pegador até que
Ele deixe de ser extensível
Põe lubrificante em suas rodinhas
Em seus zíperes
Esfrega o poliéster
com esponjas ásperas
Reveste o alumínio
De sujeira, todo o pó
Que houver na casa
De umidade, toda a água
Que houver na banheira
Encontra um cadeado
Enferrujado e incapaz
De ser aberto
Pula, pula sobre
a bagagem até o suor
escorrer de tua face
e teu pé esquerdo cravar no fecho
Grita, grita diante do sangue
Até que algum vizinho
Te escute e telefone para o SAMU
A sirene apita, enfermeiros tentam
Te desenganchar da mala,
Tu estás presa, dez
Homens fortes te carregam
Até o hospital junto dela
Atadas siamesas
Amputam teu pé esquerdo
Um alívio
Estás solta e, ainda,
Aleijada
Ficarei aqui até o
Fim de meus dias, tu pensas,
Sem poder caminhar,
Um alívio
Até que te dás conta de
Que não estás mais
Em teu quarto

E que partir é sempre
Irremediável

11.

Tento fechar todas as portas do passado, tranco-as – mas de nada adianta: o passado está encravado em mim. Quando finalmente penso que encarcerei o pretérito, ele retorna, ele retorna maior e mais onduloso. Eis que entendo que as chaves de cada porta estão todas em minha bolsa, e elas ressoam um som de chuva enquanto caminho. Movem-se comigo, chovem em mim num choro salgado por dentro.

O passado está aqui agora ao meu lado, eu o ponho para dormir e acaricio seus cabelos parcos.

Talvez ele volte, ele persista, ele não me abandone, justamente porque minha avó nunca carregou sua mala para se transportar a um outro tempo. Ela habita aquilo que é antigo, como o mofo, a rã e as pedras. Como a mulher de Lot, aquela personagem bíblica que virou para trás em sua partida de Sodoma, desobedecendo às ordens dos homens. Portas do passado que a cuspiam para a frente, a cuspiam para o esquecimento. Enquanto ela corria e virava de costas. Quem sabe, em sua fuga, ela olhou para trás por receio de onde pisar no futuro. Ou por haver esquecido uma tigela suja na mesa.

Como a mulher de Lot, aquela que virou estátua de sal por hesitar.

Esther era verdadeiramente a filha da apatia. Embora fosse muito bonita, um nariz arredondado, cabelos dourados e os olhos de pedra safira azul escuro enfeitando o rosto, não se percebia como tal. Calava sua vaidade à medida que crescia como se fosse uma vergonha olhar-se no espelho, admirar-se. Os pais estavam constantemente prostrados durante o avançar dos anos. Nenhum telegrama da Polônia. Hana, que nunca sonhava ou não se lembrava dos seus sonhos, passou a acordar suada com tremeliques no meio da madrugada. A imagem ganhava contornos vermelhos brutais, ela pensava no pai de feições já borradas pela distância, o pai com seu discurso de jamais suportar a fome, de jamais suportar a humilhação, o pai falando que o suicídio poderia ser resistência também. Hana tinha pesadelos em que o pai roubava uma faca na cozinha dos campos e golpeava os pulsos. Por precaução inocente, ela passou a trancar o armário de talheres antes de adormecer.

Esther, a partir dos dois anos de idade, arrancava cabelos compulsivamente, até ficar careca em um pedacinho do couro. Os cabelos eram finos e tênues, ela necessitava despender de considerável força para puxá-los. A vaidade despejada na pia. Hana e Benjamin a levaram para o Javier, o peruquero uruguaio da João Telles, crendo que ela já estava almejando um primeiro corte de cabelo. Aqueles sintomas, que ninguém sabia serem frutos de uma ansiedade estratosférica, revelavam uma tricotilomania que se estenderia até a vida adulta, em que Esther usaria penteados com perucas da moda para disfarçar a calvície crônica.

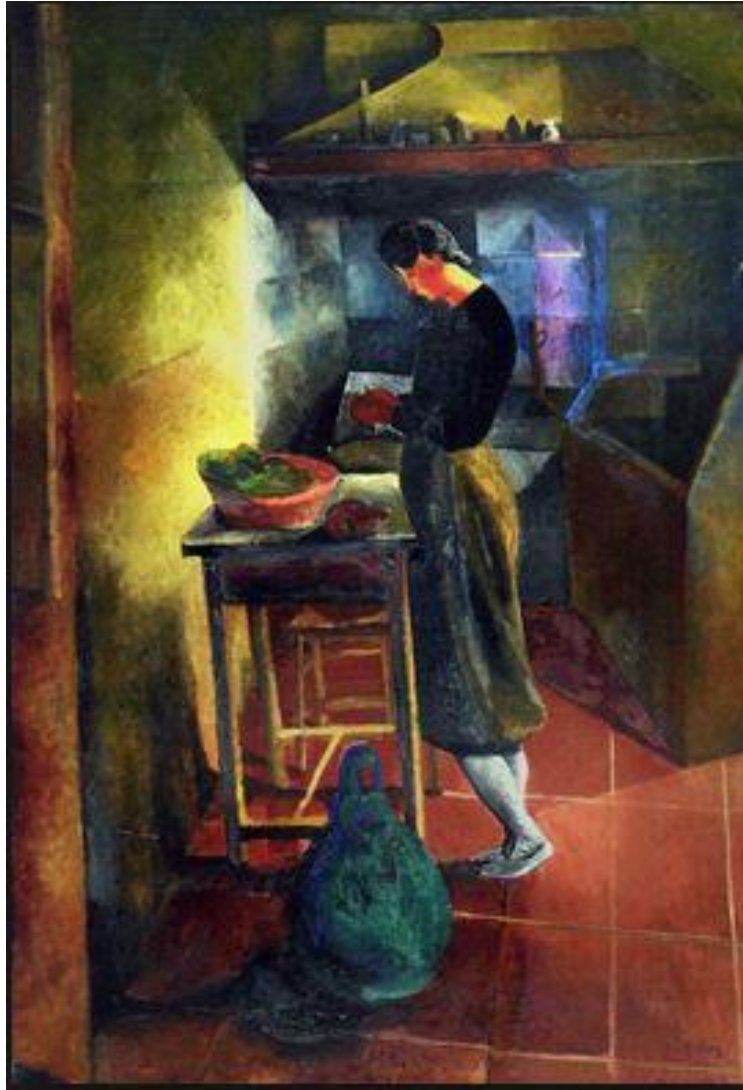
Hana e Benjamin não poderiam adivinhar que a mente é traiçoeira, dolorida, repleta de regiões obscuras. Eles estavam interessados por questões práticas, como em ganhar dinheiro e em economizar. Sua cabeça voltava-se totalmente para o trabalho. Não existiam supérfluos, e assim Benjamin declarava que eles consumiam apenas o mínimo essencial. O básico que uma família precisa para sobreviver. Esther, depois de adulta, repetiria esse discurso mentalmente, incorporando uma postura comedida, como se não tivesse direito a grandes saltos na beira da praia, a um sorvete com cinco sabores empilhados. Como se não tivesse direito a alegrias descomunais, sorrisos soluçados, ela a rolar na beira da praia, o maiô sujo de areia, a canga amassada, nada, nada disso ela ousaria explorar. Apenas o mínimo essencial durante toda uma vida, sentada na cadeira de chapéu. Afinal de contas, ela carregava a culpa e o privilégio de ter escapado, de ter crescido em um país sem perseguição escrachada aos seus, um país sem guerras declaradas.

Vazio

Esther arranca
 Cabelos como
 Uma noivinha
 Atormentada
 Arranca pétalas
 De margaridas
 Bem me quer
 Mal me quer
 Esther arranca
 Cabelos até formar
 Um buraquinho
 Que se alastra
 Pelas paredes
 Da sala de estar
 O teto ameaça cair
 Também furado
 Um balde a conter
 A chuva que invade
 Os pais tornam-se
 Detetives de fendas
 Remendadores de
 Fissuras tristes
 A mãe de Esther
 enquanto fatia
 bananas cheirosas
 É perpassada num
 Rasgo relâmpago
 Pela imagem do sonho

Seu pai e a faca
 A faca e o punho
 Ela o encontrou ali
 Sangrado a manchar
 O piso dos campos
 O odor podre adentra
 A cozinha asséptica
 Infesta os pratos
 Como formigas no verão
 Mas isso não tem a ver
 E ninguém sabe por que
 Esther, a neta sem vô
 Corta o mal pela raiz
 Todo dia após a janta
 Os fios enrolados na mão
 A lembrar que a mãe
 Também tem um buraco
 Na cabeça já que
 Nunca pôde arrancar
 Os cabelos
 Nem incorporar
 O desespero senão
 Tapá-lo como marcas
 De pregos inexatos
 São tapadas
 Por um quadro do
 Moïse Kisling¹²

¹² Pintor de ascendência judaico-polonesa que se refugiou nos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial para escapar do nazismo.



La Giovane Cuoca, de Moïse Kisling

12.

A ansiedade cela nossos corpos e viramos uma só. Debatemo-nos na cama, não temos sono, e a respiração se endurece à medida que criamos nossos atalhos. Emendamos a vida com esforço, tornando-a mais curta.

Essa mulher tem medo de tudo, eu penso sobre ela, essa mulher criou uma muralha de chumbo em volta de si. Ela gostaria de estar em redomas de cristal, santificada. Mas sua humanidade é motivo de constrangimento. Essa mulher se enterra e deixa só os olhos aparentes, espreitando cada movimento obscuro. Ninguém a vê, mas ela vê a todos, censora que jamais se distrai. Ela jamais se distrai.

Esther crescia como um cão recém-tosado, desprotegido de seus pelos. Ela tinha poucas palavras na ponta da língua e poucas mudas de roupas para vestir - quase como a quantidade ínfima que seus pais trouxeram da Polônia. As crianças também são sujeitos desejosos, talvez Benjamin e Hana desconhecessem a vontade de Esther de trajar vestidos diferentes. Ela possuía apenas dois, um para o inverno, outro para o verão. Hana os mandava fazer na costureira da Fernandes, dona Irina, porque era certamente mais barato que comprar direto das lojas. A empreitada de Hana consistia em ir a um bazar do centro para tatear diferentes tecidos, alguns com estampas floridas, outros lisos de tons mais neutros. Ela apreciava essa jornada íntima de deslocamento do Bom Fim até o centro, muitas vezes dirigia-se a pé por um terreno baixo e acidentado, cortado por árvores e capões que facilitavam esconderijos. Hana se lembrava dos amantes escondidos nos becos de Varsóvia, pensava que eles poderiam saltar daqueles escombros, surpreendendo-a com um passado. Ela seguia pelo Caminho da Azenha, na Rua Margem, por onde bondes circulavam. Mas ela continuava andando a pé, o salto minúsculo do sapatinho de boneca se enfiava nos ladrilhos. Ela se encurvava para ajeitá-lo.

Na sua mente fértil, o dinheiro não era uma questão a lhe restringir. Não obstante, bastava pisar os pés no empório, sentir as texturas nas mãos, os cheiros, o desfrutar daquele reduto privado que era, no entanto, compartilhado por muitos outros compradores - bastava pisar os pés no empório para seu senso de realidade alastrar-se como o fogo mais tirânico, suas asas eram podadas e ela pensava, preciso ser econômica. Levava assim os materiais mais acessíveis para que dona Irina costurasse. Até as calcinhas anágua eram alinhavadas por dona Irina com texturas ordinárias, causando assaduras na virilha pela aspereza. Esther era uma criança fora da moda, em uma temporalidade própria. Nos primeiros anos da escola, as coleguinhas se entreolhavam e miravam com desprezo para as vestes escassas que nunca variavam. Esther lembrava-se da desconfiança da mãe e aprendia a não rebater as meninas, evitando dar margem a questionamentos. Ela sofria discretamente, semente de rancor plantada que floresceria nos anos posteriores, culminando em grandes dores de barriga quando adolescente, em sua sina de jovem invejosa cuja cólera era forçosamente abafada.

Hana aperfeiçoava-se apenas nas refeições, provendo a família com um pouco mais que a mesquinhez absoluta: uma verdadeira *balabusta*¹³, a mãe judia prendada e com habilidades manuais. Contudo, engana-se quem pensa que ela era submissa ao marido. Hana era dona de uma personalidade forte, ela impunha sua opinião como misturava os temperos, convicta e ágil, proferindo sempre a palavra final.

¹³ Balabusta - em iídiche, mãe judia exemplar, que prepara as refeições.

Ela tinha o costume de cultivar galinhas em casa por ser mais saudável. Não acreditava nos frangos prontos e temperados, julgava que passavam rápido do ponto. Além disso, somente as famílias mais ricas davam-se ao luxo de comprar um refrigerador. Hana diligenciava todo um ritual lento que envolvia desde a ida ao galinheiro da Ramiro, onde ela escolhia uma das galinhas do quintal, a mais rechonchuda, ao que o vendedor amarrava as patas do animal sem cautela. Ela retornava com o bicho preso a se debater infimamente. Assim que pisava os pés na Osvaldo 1170, Hana atordoava-se com seu sadismo até então desconhecido e soltava o grilhão toda cheia de complacência, libertando provisoriamente a galinha. Esther temia aquela ave histriônica, com sua crista e papo vermelhos, seu bico implacável e seus barulhos atordoantes. Um dia, estava distraída a lavar uma uva na cozinha quando levou um susto da galinha inquieta vinda da varanda, saiu correndo pela casa, a galinha atizada a perseguia, Hana teve de intervir, contendo os movimentos do animal numa imprevisível capacidade domadora. Depois de algum tempo na convivência com essa sinistra moradora, era chegada a hora de matá-la. Sem coragem, Hana atava novamente o bicho, levando-o ao *shoichet*¹⁴ do bairro. Esther tinha de ir junto para segurar a bolsa da mãe que continha o pagamento. O *shoichet* era um senhor gordo, alto, que punha sua kipá na cabeça, que não se restringia a realizar abates, mas também batizados e circuncisões com suas unhas e dedos sujos, sem nunca haver infectado um único bebê. Ele degolava a galinha com aparente impiedade, Hana ficava enjoada, Esther fechava os olhos. Essa foi a única morte de que foram testemunhas. Conheceram-na em seus detalhes. Um suor escorria do couro cabeludo por debaixo da kipá, o *shoichet* estava mais ruborizado que nunca, pendurava a galinha em seu tanque, de cabeça para baixo. Esther martirizava-se por um dia ter rechaçado e infernizado a vida daquele pobre bicho, a guerra pertence aos homens, ela pensava. O *shoichet* enrolava a galinha, colocando o pescoço debaixo da asa. Hana e Esther voltavam para casa, impactadas com tamanha crueldade necessária. Hana depenava a galinha, a punha numa tábua com álcool, acendia o foguinho, revirava o animal para queimar a penugem. Ao fim, a depositava numa bacia com água por duas horas. No prato *cashet*¹⁵ que havia aprendido a montar, não podia sobrar resquício de carne crua ou de sangue escorrendo.

Ainda que a comida fosse simples, Hana preparava uma variedade de alimentos e escolhia o cardápio diário. Ela cozinhava croquetes de carne como ninguém, e Esther lambuzava os dedos de gordura, os lábios pareciam maquiados de óleo. Hana fazia também arroz, feijão, latkes¹⁶, caldo de repolho

¹⁴ Shoichet – profissional que abate o animal segundo os preceitos judaicos.

¹⁵ Cashet – ou kosher, comida judaica específica.

¹⁶ Latkes - é o nome de panquecas de batata ralada, tradicionalmente servidas na festa judaica de chanukah.

com purê de batata. Mas ela ostentava com brio suas duas especialidades: o farfel, massinha tostada e picada, elaborada somente aos domingos; e a sopa de doce, apelido que a filha havia dado para a sopa que continha farinha de trigo junto aos legumes, confeccionada nos almoços de sábado. Hana conglomerava a farinha nas mãos e arredondava o montante, gerando bolas que flutuavam nas águas e causavam as subidas da maré. Esther mergulhava a colher e ficava a criar o enredo da menina a boiar nas bolinhas, agarrando-se em meio à enchente. Então ela bebia o líquido, primeiro fazendo um barulhinho irritante como que sugando o fim de um suco com canudo, e salvava a sua personagem assustada. Depois, partia as bolinhas secas ao meio, observava o seu interior para mastigá-las com zelo.

A principal restrição alimentar na casa era com os doces, em razão da necessidade de não se gastar com o que era prescindível. Benjamin funcionava tal qual uma formiga masoquista, laboriosa e obstinada por açúcar, mas que não se permitia consumi-lo em grandes quantidades, apenas como recompensa miúda. Seu semblante, inclusive, lembrava o de uma formiguinha - ele era achatado, careca e bem magro. Esther, no entanto, julgava-o o homem mais lindo do universo, seu *tati*¹⁷ era o melhor. Ela tinha gostos muito parecidos com os do pai - inclusive, a paixão por doces. Ambos também se assemelhavam pela feição mais séria, pouco afeita a risadas, talvez por Esther ter esgotado toda a sua simpatia quando bebê para animar, em vão, os pais. Talvez por uma identificação posterior com Benjamin, homem cauteloso e focado no trabalho, incapaz de se permitir afrouxar as alças das sacolas e descontraír. Uma vez por mês, Benjamin se congratulava com a ida à padaria na Fernandes, a Três Estrelas, onde comprava pão e quindim de qualidade. Também selecionava cem gramas de biscoito e uma barra de chocolate. A meta era que tal luxo durasse de duas a três semanas, com Benjamin e Esther comendo cerca de um quadrado de chocolate por dia, um *nosh*¹⁸, um lanchinho permitido nos intervalos da tarde. Hana era um pouco mais corpulenta que os outros dois, porém não era uma grande entusiasta de doces. Preferia os salgados.

¹⁷ Tati – em ídiche, significa pai.

¹⁸ Nosh – em ídiche, significa lanche da tarde, algo que se come rapidamente.

Tapera

Minha bisavó cozinhava exatamente:
Gefilte fish, kneidale, galinha temperada, farfel, sopa de legumes, croquete de carne moída e triturada por suas próprias mãos.

Mas não cantava.

13.

Minha avó já se feriu muito mais em outros tempos.

Ela costumava subir até o telhado e ficar estirada, levando bicadinhas de pombos imundos. A ardência era uma prova tremenda de sua existência. O sol expandia os poros da pele. O suor que era nada menos do que culpa liquefeita. Ela se contraía e limpava os pingos que escorriam da testa. Uma forma de chorar sem perder a dureza. Os pombos são animais sujos que mendigam por amor. Ela saía com as pernas e braços marcados, feridas que diminuíram a angústia e lhe atestavam: respirava.

Hoje ela apenas aceita ser quem se é. Não nega, é frustrante. Mas ela se preserva em casa no dia de seu aniversário, quando a chuva é tão forte que seria estupidez sair e se gripar.

Esther crescia como uma flor miúda e recatada. Os seus aniversários eram comemorados modestamente com alguma torta pequena cujo sabor ela não se recordaria. Acendia a velinha, apagava, fim. Ela convidava só a Sofia, sua melhor amiga do Instituto de Educação, colégio em que estudou desde cedo. Sofia era uma das poucas alunas judias da escola pública. Junto dos pais, nos fundos da casa, os quatro cantavam parabéns e partiam parcos pedaços do doce de gosto desconhecido. Hana, sempre a poupar qualquer extravagância, fazia as unhas para mostrar que a ocasião era especial. Embora não se autorizasse a expender dinheiro em superficialidades, adorava ir à manicure e justificava a si mesma que havia uma importância e uma beleza naquela experiência. Mentalmente aquiescia que poderia frequentar o salão a cada quatro meses. Era um momento de maior intimidade, ela pensava, as mãos cedidas a uma desconhecida, as duas compartilhando uma fagulha de toque, uma artista a pintar e a podar as unhas, a outra espectadora lhe entregando com complacência toda a proximidade possível – justo Hana, bicho esquivo. Hana muito raramente também visitava o cabeleireiro para fazer penteados e colocar enchimentos no cabelo miúdo, uma *sheitel*¹⁹, ela dizia, uma peruca farta, o cabelo todo erguido para cima. Esther a contemplava orgulhosa, achava a mãe tão bonita, além de ser dona daqueles olhos azuis marinho-violeta de um tom intermediário entre o claro e o escuro nos quais a menina se reconhecia.

Esther, contudo, não saberia dizer quando a sua mãe completava anos. Do pai, apenas lembraria que o aniversário era em dezembro. E não haveria memória sobre a data específica, pois, de fato, não ocorriam festas ou celebrações. Os dias transcorriam batidos, mesmo os mais significativos, talvez porque toda a memória do passado polonês houvesse ficado cerrada às sete chaves. O tempo para Hana e Benjamin parou de contar durante e depois da guerra, eles não envelheciam, não se transformavam, estavam permanentemente seis anos mais jovens. Esther aglomerava em si toda a possibilidade de movimento e sufocava, flor mirrada.

O Brasil era, na verdade, como a paz felliniana que oculta o inferno. Havia uma beleza tropical, um brincar na rua, o embalar dos bondes. Mas, com pouco mais de cuidado, achavam-se vários nazistas infiltrados no governo de Getúlio Vargas e nas avenidas porto-alegrenses. O discurso de ódio sabe circular pelas fronteiras permeáveis como um pardal cujo bico está num país, a cauda noutra. Hana conservava os traços bastante paranoides de sua mãe. O que era inicialmente um *shtick*²⁰, uma mania cômica, foi se intensificando e gerando um pânico extremo. Espiava a todos de soslaio, cética, duvidava até do padeiro, do vendedor ambulante de frutas. Ela e Benjamin nem cogitaram

¹⁹ Sheitel – em ídiche, peruca.

²⁰ Shtick – em ídiche, uma mania, uma paranoia cômica.

colocar a filha na escola iídiche, por receio de chamar atenção, de o colégio sofrer ataques, de ser explodido – como ela iria saber. Hana era ambivalente, não sabia até que ponto se entregaria a alguma nova comadre, até mesmo de Faída andava mais distante. Porém, são poucos os movimentos pendulares que se sustentam. Hana terminava por despençar para o excesso e fincava os pés na solidão, lugar seguro.

Mais tarde, ela não viveu para saber, cantores de samba entoariam hits como judia de mim, judia, e o verbo judiar se incrustaria no dicionário provando que existia uma diferença visível e também idiomática que jamais poderia ser dissimulada. Quase como adivinhando essa predisposição, Hana prevenia a filha ao sair cedo para a escola. Ela alertava Esther, melindrosa: não fala mal de ninguém, não critica ninguém, já que a gente nunca sabe se estão blasfemando sobre a gente pelas costas. Acuada e tirânica, metia medo na criança, ordenando: não diz que você é judia na sala de aula. De fato, o sobrenome Shapiro não denunciava sua origem judaica. Às vezes, Esther regressava do colégio um pouco mais tagarela, contando histórias, por exemplo, que a colega tinha dito que sua mãe confessou que o coelhinho da páscoa morava no norte do Brasil. Hana, apavorada, decretava: você concorda, eu já lhe comprei muitos ovos de chocolate e você concorda que é o coelhinho, finge que não sabe, você não comenta com ninguém nada do que a gente conversa em casa, nada, entendido? E o que você diz quando suas colegas dão essa confiança pra você e lhe contam isso? Esther, olhos revirados, face abatida de resignação, respondia que só ouvia, só ouvia, não conversava, nay, ²¹nay, nay, mami²². Na velhice, Esther chegaria a orientar as netas no quarto da praia antes de dormir, o calor do verão que não cessava, o cheiro de churrasco vindo do andar de baixo: carnaval é uma festa perigosa, corpo de bêbado não tem dono, e não existe um amigo ou amiga em que se possa de verdade confiar nas horas difíceis, amizades são passageiras e falsas, quem fica mesmo é a família. As netas não entenderiam aquela descrença nos seres humanos, aquela suspeita constante que arrebatava a avó e lhe impedia de desfrutar de uma vida social saudável.

Hana almejava evitar maus presságios com a força de seus pensamentos e ritos, os quais transmitia à filha diariamente, em tom preventivo:

²¹ Nay – em iídiche, não.

²² Mami – em iídiche, mamãe.

Não deixe a bolsa no chão, você pode perder dinheiro

Espelho quebrado dá azar

Não passe debaixo da escada, senão você não vai crescer

Não tem problema de quebrar um copo após lavar a louça– os cacos ruins da sua vida podem partir

Gato é bicho traiçoeiro, você deve evitá-lo

Se você encarar um pato, seu filho pode nascer com
essa fuça

elefante traz sorte

Nunca deixe o chinelo
virado, que traz maus agouros

Esther, intrigada, questionava: mas por que, mami?

Hana somente reiterava, concisa:

É porque é.

Tem coisas que prestam, coisas que não, minha mãe que me falava isso, foi ela quem me ensinou essas crenças. É melhor prevenir que remediar. Esther ouvia falar na sua *bubby*,²³ sua avozinha, apenas assim, de modo frio e sucinto como justificativa para o inexplicável; apenas assim surgia no diálogo a avó perdida com quem ela fantasiava às vezes, desenhando de giz de cera um rosto narigudo e uma expressão suave. Sua *bubby* de quem nem o nome ela sabia, só que recomendava não encarar patos ou gatos, não deixar chinelos de cabeça pra baixo, ter elefantes nas prateleiras e jamais passar embaixo de uma construção. Sua *bubby*.

Muitos e muitos anos depois, Esther sentaria com a neta mais nova, que lhe perguntaria o que a avó herdou dos seus ancestrais. Esther, sucinta, revelaria baixinho, limpando um dos elefantes persas de sua estante sincrética - as minhas superstições. Muitos e muitos anos depois, Esther caminharia pelo Bom Fim com a neta e a faria desviar dos andaimes ou acelerar o passo amedrontada diante de gatos de rua, puxando a sua mão com força e deslocando-se sempre à sua frente para conduzi-la. Muitos e muitos anos depois, Esther mudaria a posição dos chinelos da neta na praia e lhe compraria hamsas nos camelôs de Capão. Muitos e muitos anos depois, Esther não deixaria essa mesma neta dar comida para os patos do lago do Parcão, para impedir que os filhos, seus futuros bisnetos, nascessem bicudos. E quando a avó fosse dormir na casa da neta para lhe fazer companhia quando os pais dela viajassem, ficaria desesperada sem a chave para trancar a porta internamente, faria a neta telefonar para os pais que estariam dormindo na madrugada da Alemanha para que eles lhe dissessem onde estava o molho, mesmo que houvesse porteiro, mesmo que por fora houvesse tranca firme, mesmo que houvesse segurança na esquina, mesmo que estivesse tudo bem. Ao não conseguir contatar sua filha, mãe de sua neta, no meio da noite, ao procurar atordoada por todo o apartamento e testar todas as chaves possíveis, ao finalmente achar a chave exata, redonda e prateada escondida debaixo de um chapéu, e ao rodar inúmeras vezes, com infinitas voltas para garantir o feito, Esther não se daria por vencida e colocaria duas cadeiras, uma por cima da outra, para obstaculizar a entrada de ladrões, para não ter os sonhos roubados - enquanto a neta a contemplaria perplexa, tentando atribuir sentido aos ritos obsessivos da avó. A neta faria inúmeras perguntas nessa mesma noite sobre a infância da avó, durante a novela das sete, para buscar acessá-la, e a avó pontuaria, direta: vamos conversar sobre isso quando começar o Jornal Nacional. A avó não toleraria ouvir más notícias, buscava refúgios na teledramaturgia, e as duas proseariam durante a uma hora e meia de noticiário, a televisão no mudo, as imagens violentas iluminando seus corpos noturnos. Nesse momento, a neta descobriria fatos importantes sobre

²³ Bubby - avó.

a vida da avó, ainda que esta dissesse que sua vida não tivesse importância alguma, peculiaridade alguma.

Esther não se lembra de nenhum cheiro da sua infância.

Lembra-se talvez de um cheiro. O cheiro do couro.

Esther perguntava:

-Pai, como você sabe se é couro?

-Principalmente pelo cheiro.

Benjamin lhe respondia e continuava:

-Você também deve olhar do lado avesso a camurça. E
tocá-la.

Não, nenhuma cor. Não havia uma cor específica na adolescência de Esther.

Esther conversaria com a neta sentada no sofá, sem mirá-la diretamente, o corpo e a face voltados para as ondas magnéticas da TV. A neta a estudaria em minúcias, os cabelinhos ralos presos por uma grande piranha de metal que parecia machucá-los, os olhos pintados com lápis bem preto, as sobrancelhas marcadas de delineador, os pés descalços cujos dedos estavam enrolados com esparadrapos, a roupa toda preta, as rugas minuciosamente posicionadas para contar uma história, para revelar retratos, todos os indícios do pretérito que a avó negaria. Depois de falar com sua voz baixinha, pausada, retirando do fundo do poço camadas de água mais límpidas, Esther iria querer remover a maquiagem para se preparar para dormir. Justo ela que usava palavras como maquiagem, milimetricamente posicionadas para delimitar sentimentos, essas palavras borrariam suas ideias mais razoáveis. A neta testemunharia o algodão absorver todo o laranja da base, em seguida o preto dos cílios, o marrom das sobrancelhas. A neta veria a avó desbotar e se tornar, paradoxalmente, mais vívida, um pouco mais vulnerável de uma forma bonita, passível de ser tocada como o couro mais macio. O ritual da desmontagem seria hesitante, a avó perguntaria por que a neta estava ali sentada em cima da privada tampada, contemplando-a. A neta apenas falaria que estava com o pensamento longe, embora justamente pensasse que existe cor e existe vida, sempre, cor e vida.

Ela admiraria a avó e escreveria mentalmente, pois a comunicação ainda era mais atravancada do que a porta cerrada em muitas voltas de chave e contida com duas cadeiras:

*Mulher, pega o teu corpo
 Pega ele com os dedos
 E tenta encontrar as dobras de silêncio
 onde moram aqueles sem-teto,
 desesperados e órfãos,
 pedindo colo
 Mas também onde habitam
 os amantes nos vagões destrilhados
 Pega o teu corpo
 e expele qualquer sentença
 Teu bom senso te adocece
 Olha ao teu redor:
 Vê que tua ira não abala o homem mais suscetível
 nem o cão entristecido
 As cordilheiras são também impermeáveis
 às tuas súplicas
 Olha pra mim, que te amo tanto,
 vê em meu olhar o reflexo da beleza*

*que é ser vista e tão absolutamente
adorada
As rugas entre as sobrancelhas
ou então a face lisa da criança que te habita
- ambos os modos são tu
E eu vou te amar nas duas pontas
da fita branca vermelha laranja
azul multicolorida que enlaça,
adorada avó amiga,
toda nossa graça*

Antes de deitar, Esther fecharia as janelas caso chovesse. Melhor prevenir que remediar. Não haveria uma fresta para que o ar novo entrasse e circulasse. A neta novamente acharia aquilo uma incoerência, pois a avó era claustrofóbica. Esther jamais pôde andar de elevador ou ir ao cinema quando mais velha, por medo de não vislumbrar a saída. Em sua mocidade, ficou presa no ascensor situado no vão entre dois andares, detida junto a dois homens, tendo sido salva por outros três técnicos que a resgataram com uma espécie de escada, ela, o vão, o abismo escuro, os homens como inimigos, a falta de ar, a impossibilidade de entrar outra vez no elevador. A neta concluiria que as pessoas coerentes são previsíveis e chatas, e então pararia de tentar decifrar cada comportamento contraditório da avó. Muitos e muitos anos depois, já na vida adulta, a neta também desenvolveria sintomas claustrofóbicos, vendo-se incapaz de ficar em multidões, como grandes espetáculos ou jogos de futebol. Nada mais angustiante que não poder vislumbrar a saída.

Semelhança

*Nós somos iguais,
meu bem,
e essa é a dor.*

*"Tu é tão diferente",
ela disse,
"é por isso que vou até ti."
Me tremem as pernas,
me atufam os olhos,
de tantos encontros
solitários*

*O outro
E eu
O eu
E o outro*

*Dois senhores engravatados
que se cruzam na rua
Duas mulheres na fila
do supermercado
que se esbarram
- A mostarda de uma cai
Sobre o Dove da outra*

*Nós somos iguais,
meu bem,
e essa é a dor.
Eu ouço teu sonho
e machuca
Tuas palavras
saíram da minha boca
A Esther sou eu
Tu que escreves
sou eu
quem escrevo
- E essa é a dor*

14.

Sonho que a clínica onde trabalho como psicóloga infantil vira a escola em que estudei, com meus ex-colegas perpetrando seus *bullyings* cotidianos, a escola judaica por vezes funcionando como um gueto, eu e minhas amigas estudando soluções iônicas para compreender patologias psíquicas, comendo nossa merenda e depois indo almoçar um bauru do Trianon, os tempos todos amalgamados e sem corte, eu retorno e passeio sozinha no pátio, ao que encontro e abraço uma menina de cabelos curtos dourados que usa óculos, e a carrego comigo para passar do outro lado dos pneus na areia, a menina é pesada e sinto as minhas costas crepitarem, eu a levo junto de mim para perto de um portão, ela pesa, pesa muitos quilos, ela veste uma imensa pochete rosa que parece conter pedras, eu digo que estou um pouco cansada de tentar segurá-la no colo e sugiro esvaziarmos a pochete robusta, eis que abro o objeto sem cuidado, virando-o de cabeça para baixo e me deparo com inúmeros cacos de vidro foscos, a menina se olha refletida em frangalhos, eu tento conferir alguma unidade aos cacos como num quebra-cabeça para compor aquele rosto e para que ela se compreenda, sua imagem fazendo sentido e sentir, acabo então pungindo as unhas. Sangro – e vibro.

Passo a enfiar cacos de vidros debaixo das unhas.

Sensação irritante de se saber torturador de si próprio. E não conseguir evitar o prazer extremo, quase doce, perfurante.

A menina me enrola os dedos com esparadrapo. Beija as pontas e diz que vai sarar, que eu aprendi a estar perdida, mas que posso voltar um pouco no tempo, quando havia serenidade, quando a mãe nos fazia tranças no cabelo e pontinhos na bochecha no dia da festa junina no colégio. Nós somos a mesma pessoa.

Oh, eu queria ficar aqui, pequenina.

O nevoeiro matinal cega os contornos das árvores. Hana abre as janelas da casa após despertar. Prepara o café, acorda Esther com um beijo na face. A filha come pão tostado, bebe o leite morno, e o barulho produzido pelas mastigadas intercaladas a engolidas é áspero e presunçoso. Ela come languidamente, o que angustia Benjamin, sempre em ritmo mais acelerado e já vestido para abrir a loja. É abril de 1946, Esther já tem quase oito anos. A menina separa o caderno, o lápis grafite e a borracha para fazer os deveres de matemática pela manhã enquanto os pais trabalham. Hana arruma-se automaticamente, traça um vestido um pouco manchado, não se maquia e as olheiras são constantes alças roxas a exclamarem cansaços. Ao que tudo indica, esse é mais um dia rotineiro. Fregueses adentram a loja, outros cumprimentam Benjamin com um bom dia dócil e costumeiro. Hana embrulha a primeira compra, o esmalte já gasto evidencia que faz tempo que ela não vai ao salão. Quando o movimento diminui perto da hora do almoço, ela passa a descascar os resquícios de tinta branca das unhas, está distraída e tranquila, pois hoje vai apenas esquentar a sopa de legumes preparada ontem antes de dormir. A barriga de Esther ronca. Benjamin regressa aos fundos da casa para pegar um casaco, já que vai efetuar uma entrega de mala em breve.

Hana e a filha encontram-se sozinhas na loja durante alguns poucos minutos. A primeira está no balcão. A segunda sentada numa cadeira ao lado da mãe com o caderno escancarado nos joelhos. O que vai acontecer agora será lembrado por Esther como *A Primeira Cena*, ao contar o episódio para a neta que preparará seu Projeto Raízes, um mapeamento da história dos antepassados, no colégio ídiche no fim dos anos noventa. *A Primeira Cena* de Esther não foi a de seu nascimento, a da comemoração de algum momento especial, a do dia em que ela viu um avião passar pela primeira vez no céu ou uma andorinha pousar perto de sua perna em uma poesia nunca antes vista. *A Primeira Cena* de Esther foi a do recebimento da Carta, a fatídica Carta que transformou seus pais em sombras.

O carteiro José chega, um senhor bigodudo fatigado, e entrega o telegrama para Hana, que prontamente se reconecta e abandona as unhas. Ela toca naquele papel e lê que o remetente é o irmão de Benjamin, Yuri, o qual ela havia reencontrado uma vez após a vinda para o Brasil, quando teve de casar-se novamente para validar o acordo no novo país. Yuri viajara com a mulher a Porto Alegre e participara da pequena cerimônia realizada também junto de Faída e Aron, antes de Esther nascer. Desde então, não se viram mais e pouco se correspondiam. Aquele envelope, vindo logo após o término da guerra, após anos sem notícias da família, anos que discorriam sem se ousasse pensar e conversar a respeito da guerra, anos em que a guerra era temida e evitada com superstições – aquele envelope denunciava um acontecimento. Aquele envelope ordinário era trágico. Aquele envelope fazia

Hana se escordar dos dias transcorridos, sim, tantos dias transcorreram até hoje, o tempo andou impiedoso.

Hana toma a carta nas mãos, agradece o carteiro já pouco lúcida e grita o nome de Benjamin. Hana só voltaria a sentir ansiedade parecida diante de um papel quando esperaria pelo resultado de seu raio X do tórax, décadas depois. Ainda assim, nada se equivale ao presente momento de se estar com o envelope entre as mãos trêmulas à espera dos segundos e ínfimos metros que a separam do marido. Esther agora abandona o caderno e presta muita atenção no atordoamento da mãe. Benjamin chega, Hana estende o braço e lhe confia o telegrama, ele o abre afoito e, num átimo, Esther verá o pai chorar pela primeira vez na vida. O pai então se põe a chorar, chora e grita, chora e grita e uiva, chora e grita e uiva e se acocora, como um bebê de poucos dias que quer regressar ao útero. Hana prontamente acede à comunicação não verbal do marido e desaba junto. Esther desespera-se muito internamente, pois não se atreve a perguntar o que acontece. Esther não vai à escola nesse dia, Benjamin não vai levar a mala nesse dia, a loja é fechada, Hana tranca-se no banheiro. Decreta-se silenciosamente um luto que Esther não decifra de imediato. Hana e Benjamin, antes de dormir, apenas anunciam que ficaram sabendo que toda a família havia desaparecido na guerra. Não falam para Esther sobre a morte de todos eles, sobre que qualquer um pode morrer e se pode morrer de formas horrendas, não lhe dão grandes explicações, como se uma criança não tivesse competência para entender. Como se uma criança não fosse sujeito desejoso. Como se uma criança não sofresse. Eles pedem que ela não faça perguntas que não terão condições de responder. Esther aquiesce e tenta dormir, mas a única imagem que aparece dentro da cortina dos olhos são pontos luminosos com ruídos de desespero, o pranto do pai, um pai que chora, o pranto do pai, uma mãe descabelada pela primeira vez.

A insônia a perturba e os pesadelos, quando é possível dormir, pousam sobre seu ombro como gaviões atazanados, sem educação alguma. Ela não consegue se desvencilhar dessa sombra de bicho errante e mau. Às vezes, a angústia lhe vem tal qual um corvo transparente de tão abstrato. Ela carrega a sua espingarda. Mira. O alvo existe como a mais despenada das aves, uma ilusão. Ela chega a bater bem forte com as mãos na cabeça pra ver se sente alguma dor concreta, já que a outra dor é intangível e misteriosa, como um pássaro esquivo que não voa.

Nessa imensa noite, Esther guarda fragilmente na memória o único poema que lhe tocara até então, um poema escrito por uma mulher de nome bonito, chamada Cecília Meireles. A professora o lera em sala de aula pausadamente, Esther sentiu um arrepio de eriçar os pelos, de enlaçar a garganta num nó firme como o cadarço do tênis que aprendera a fazer. A professora tinha uma voz doce e bonita. Esther recapitula a parte final da poesia para tentar se acalmar – *as crianças fecham os olhos sedosos. As*

cabanas são como pessoas muito antigas, sentadas, pensando. Uma pequena música toca no fim do mundo. Uma pequena lua desenha-se no alto do céu. Uma pequena brisa cálida flutua sobre a árvore da aldeia, como o sonho do pássaro. Oh, eu queria ficar aqui, pequenina.

Oh, eu queria ficar aqui, pequenina.

Esther logo esqueceria esse poema, como ignoraria os detalhes mais singelos que a faziam forte. Ela sufocaria o fato de que um dia a literatura lhe foi útil por colocar uma criança menina como protagonista. Ela desmemoriaria, como num espelho invertido, e tudo lhe pareceria estranho e torto.

A *Primeira Cena* marca em Esther não um nascimento, mas uma morte inaugural. Um gosto de morte que não se vê e que não se toca, mas que paradoxalmente se vive. Consolida-se como um divisor de águas pluviais que até então corriam soltas, chuva boa de sentir na nuca, as quais subitamente se deparam com uma montanha alta, alta, ardilosa – e é nesse espigão que o peito de Esther encharca, que ela inunda, inunda e transborda. Embora ela vá cronologicamente crescer e envelhecer, embora o relógio vá avançando e as páginas do calendário sejam arrancadas, o que persiste desse suposto distanciamento temporal, desse suposto atenuamento da ferida, desse suposto erguimento de cabeça é a crista nunca apagada da montanha. Esther tenta voar e deixar para trás o trauma, mas para onde ela recorre quando cansa, para onde ela recorre é para o cume da montanha, único resquício do passado que subsiste e se atualiza. Esther foi arrebatada. Ela vai estar no ônibus às 16 horas da tarde de 1995, buscando a neta na escola, e terá de descer antes do ponto, porque a cena regressará implacável. Ela estará cozinhando batatas e precisará desligar o fogão, abanar-se com uma revista, porque a cena regressará implacável. E ela não vislumbra uma saída do alto, pois não há vista para ser contemplada, ela apenas volta para a crista que interditou sua chuva de meninice, volta para a crista porque é a única coisa que enxerga, porque foi arrebatada e gira, gira, tudo em sua volta gira, grito da clausura.

Caro leitor,

Por responsabilidade afetiva, esbarro com uma limitação nessa narrativa. A minha suposta onisciência de narradora não é tão poderosa a ponto de que eu perca a minha humanidade e me consolide como um Deus. Há muitos furos nessa história escrita numa tentativa de reunir uma cacofonia de vozes. Alguns gritos, alguns lamentos. Sussurros, preces e cantos. Vozes agudas, graves, aveludadas ou estridentes. Vozes antigas que ainda ressoam e vozes presentes que já se perderam. Tudo isso para constatar que não se sabe o que estava escrito naquela carta, naquele pedaço de papel dobrado ao meio. É inviável preencher com ficção um conteúdo que gerou tamanha dor. É simplesmente da ordem do impossível, pois preservo minha ética e não quero espetacularizar uma violência. Uma violência é uma violência, sem fita métrica ou termômetro, imensurável e descomedida, que apenas quem a viveu pode senti-la. Ressalto aqui a força do buraco, da incompletude. Esther jamais adivinhou o que estava escrito naquela Carta. Sabia que era um papel pequeno, que fora redigida em polonês pelo irmão de Benjamin, seu tio Yuri – somente isso. Poderia ter três linhas ou pouco mais de um parágrafo. Poderia estar borrada com uma lágrima do tio ou ser exata como as contas a pagar. O fato é que a Carta não conseguiu comunicar. A Carta falhou no seu objetivo de transmissão e o que promoveu foi um emudecimento coletivo. Hana e Benjamin nem sequer telefonaram para o irmão em São Paulo, tocaram a vida em constantes rodopios apáticos.

Telegrama

*Ela é a mulher que envelopa cartas
E não aquela que as escreve
Ela dobra o papel, coloca o selo
Mas a tinta não viu escorrer
A quem ela endereçaria
Sua própria letra?*

*Ela é a mulher que recebe A Carta
E passa ao marido para abrir
Pois dói demais ser
O destinatário
Ter um nome
Dói saber o que aconteceu*

*A sapiência que fustiga
Quando é tão melhor
Envelopar cartas
Sem descerrá-las*

15.

De súbito, sou jogada do rabo de uma baleia no Porto de Rio Grande. Caminhando a passos preguiçosos e me secando ao sol gradativamente, com dor nos ossos devido ao arremesso, chego a Porto Alegre. Finco então meus pés, minhas mãos, na argamassa das calçadas. E componho a fabulação de que estou enraizada. Fundada. Na verdade, prego-me no concreto e assim me sustenho. Aprisiono-me. Porque é certamente difícil circular e saber onde estou.

Moro nessa cidade há mais de vinte anos e ainda não entendo como me deslocar. Qual atalho desemboca na Vicente da Fontoura, que nome é esse? Como vou da Felipe Camarão até a Av. Bagé, qual ônibus, quantos passos, esquerda ou direita, qual o tempo de carro? Sempre completamente perdida, uma estrangeira, como se fosse a primeira vez que caminho por entre as ruas que são as mesmas, com suas pequenas transformações nas lojas, nos estabelecimentos, nos tamanhos dos prédios – na realidade, são enormes transformações, mas as designações seguem iguais, suas cores muito similares, e até agora eu não compreendi quais percursos me conduzem de volta até casa, em que esquina dobro, se a Carlos Gomes vai até o aeroporto, até a Protásio, até hoje parece não haver uma logística, eu simplesmente sou jogada de uma ponta a outra como recém saída de um rabo de uma baleia que não navega nossas águas e desponho uma espécie de identidade morosa que nunca se deflagra.

Benjamin circulara por essas mesmas ruas, pisara nesse mesmo cimento, levando malas até suas clientes. Os bondes que viraram ônibus, ele ficava em pé, sem jamais se sentar, esperando para descer. Eu sonho que essa mala chegue até mim e que ele me conte a sua história, como veio parar aqui, ora bolas? Por que destina essa bagagem a criaturas anônimas em vez de pegá-la para si, recheá-la de memórias, de detalhes como o colar antigo de Hana, prateado com

pérolas e feito por um artesão polonês? Por que ele não me mostra essas pequenas preciosidades, a sua escova de dentes, o radinho de pilha que comprou após o falecimento da mulher para ouvir Rigoletto gritado por Giuseppe Verdi? Por que não me sacode com esses objetos e me dá um senso de orientação, me pega na mão para embarcarmos num navio, para conhecermos outros oceanos. E eu, quando crescida e localizada, depois hei de voltar. Depois hei de voltar.

Por que decidiram viver em um bairro chamado Bom Fim? Em uma cidade chamada Porto Alegre? Foram os únicos a sobreviver de uma família numerosa. Tentam, em vão, recordar-se das ruas da Polônia. Elas não recebiam um nome de pessoa importante. Eram adjetivadas, do que eles conseguem lembrar, ao traduzirem para o português. Rua Mole, Rua Dura, Rua Escorregadia... não, Rua do Pato. Sim, algo como Rua Escorregadia. Todos os adjetivos que lhes faltam agora durante uma conversa, a absoluta supressão de uma fala mais singular e detalhada, encontram-se condensados na perspectiva de habitar um bairro denominado de Bom Fim. Elo com uma Polônia carente de nomes próprios, onde toda a gente se esfumou e virou número, estatística. Elo com uma Polônia repleta de idiosincrasias, de experiências a serem qualificadas. Distinguidas. E não como hoje, em que a vida é o que é, o que precisa ser. E não como hoje, em que sua filha Esther não ousa perguntar como eles se sentem. Gostaram, não gostaram? O que querem com isso, o que pensam daquilo? É ruim, desagradável, prazeroso, doído, revigorante? Às vezes, ela se arrisca a deduzir pelos olhos da mãe o que se passa, aqueles olhos violeta como os da Elizabeth Taylor, aqueles olhos violeta que outrora foram mais impávidos, mais destemidos. E não como hoje.

Hoje, só chega até a filha o inominável. Ela também jamais se atreveria a furar a bolha lacônica que lhe escasseia a respiração. Embora quisesse tanto, para além da especificação das vivências de seus pais, conhecer o fim que tiveram seus predecessores. Ela supunha que todos haviam morrido, mas como, onde, de que modo? Tomou conhecimento pelos jornais de que judeus foram assassinados em marchas exaustivas ou bombardeados em voos rasantes. Ficou sabendo de mulheres judias que, após o fim da guerra, foram estupradas pelos libertadores russos, algumas chegando a cometer suicídio para findar a dor. O inimigo que não se extingue facilmente, o inimigo que pode estar no seu próprio time. Para Esther, os homens eram sim os verdadeiros donos da guerra, ela temia pelas mulheres de sua família mesmo após a libertação. Será que era mesmo possível um dia se libertar? Esther também soube que as fotografias que chegavam até ela, os esqueletos minguados, aquela consternação coletiva, tudo aquilo era espetáculo. Ela não constatava de fato o que as vítimas sentiam, quem realmente eram - quem eram os seus e como os seus se sentiam. Depois da guerra, muitos sobreviventes raquíticos recebiam alimentação gordurosa e em grande quantidade, de modo que a sociedade os deturpava, não se adequava às suas necessidades, pessoas morriam de excesso depois da privação, uma ironia. Judeus poloneses voltavam para suas casas e eram expulsos pelos cristãos poloneses que almejavam a limpeza completa, a continuidade do nazismo. O que Esther concretamente sabia era que a guerra se estendia, a guerra estava ali, a guerra era ela em seus bombardeios internos, sua mente pulverizada de suposições.

Talvez sua avó se chamasse Hilda, Raquel, Susana. Mas era só isso que desejava: saber o fim.

E seus nomes.

Sentença

Depois de tantas
Timelines
E de horas a fio
Não podendo
Verter certezas
Opto pelo destino
Vou à cartomante:
As mãos sofrem
De hiperidrose
Esguicham água
Ela não encontra
Linhas de condução
Senão para uma poça
Que encharca o tênis

(Minhas mãos que não dirigem
Carros nem seguram mapas
Apenas afogam pés cansados
De procurar a direção precisa)

16.

O que cada um carrega consigo?

Eu ouço de um paciente de nove anos com problema de enurese que ele carrega a morte do avô no bolso lateral de sua mochila.

- Quer ver?

Ele me questiona.

- Se você quiser, pode me mostrar.

Respondo um pouco perplexa.

O menino então abre ansiosamente o zíper que protegia debilmente um aparelho de celular cuja tela estava riscada de descuidos e tombos. Ele entra no whatsapp, vai até a conversa com sua mãe, desliza com o dedinho indicador gordo para cima:

- Está aqui, pode dar play.

Clico no vídeo. A imagem é acinzentada, distante e pontilhada, parecendo ter sido registrada por uma câmera de segurança. Vejo um senhor entrar na loja de conveniência de um posto de gasolina. O senhor mostra desesperadamente seu aparelho telefônico de modelo antigo para a atendente, numa tentativa vã de se comunicar, até que cai no chão com uma mão no peito. Uma roda de funcionários o cerca para ajudá-lo, os quais fazem gestos para chamar a ambulância. O vídeo termina após cerca de quatro minutos.

O menino está cuidando de minhas expressões faciais diante da crueza de um instante derradeiro.

- Ele tinha recebido aqueles trotes dizendo que eu fui sequestrado. Ficou muito nervoso, foi pro posto pra tentar pôr mais créditos no celular e sacar algum dinheiro, caso ligassem de novo dando outras informações.

Um guri desforrado de tanta culpa, sem o fecho para lhe reter a urina à noite, transbordando de angústia. Ele se sente responsável pelo enfarte do avô e precisa carregar a cena em sua mochila da escola, todos os dias. Ele repete o instante

fatal ao acordar, antes do almoço, no recreio da aula e depois da janta. Quatro vezes, ele aperta play. Quatro vezes no dia para não dar azar, para não perder mais ninguém. No pensamento ruminante e mágico de um menino que transporta o trágico do mundo nas costas. Se não for assim, a sua mãe pode também deixar de existir, e logo a cidade, o país, o universo. E só sobraria ele, no engrandecimento infantil de suas ideias. Tudo está em jogo e depende exclusivamente da sua mirada de espectador.

Ele é tal como uma sacola grande, profunda, mas incontinente, sem fecho éclair. Teme sua própria mortalidade e o efeito gerado nos outros, despedaçando-se todo, esvoaçando-se todo. Eu passo a tentar ouvi-lo, vê-lo como um ser brincante que não tem, no entanto, aqueles poderes destrutivos de bruxo que tanto teme. Ele é gente, feito de osso, de carne, de algumas memórias assustadoras e de outras mais bonitas. Como das vezes em que o avô o entretinha com uma caixa de fantoches, engrossando e afinando a voz para incorporar personagens.

Todo esse trabalho é demorado e me faz pensar no excesso. Há, de um lado, um menino nesse mundo que todos os dias existe para repetir uma morte, para procurá-la, encontrá-la, e logo perdê-la, sem conseguir retê-la em si. Aquela morte anda pelas ruas com ele, no corredor de ônibus da Protásio e na caminhada até a Independência. Ele chega ao colégio, senta-se na escola, aprende a conjugar alguns verbos, e a morte não o abandona.

Há um excesso de imagem que não se difere do absoluto vazio. Pois o resultado dessa equação é o zero, o todo equivale ao nada e vice-versa.

Penso em Hana.

Hana, antes de queimar a carta, levou-a dias na sua bolsa baú quadrada para ir ao mercado e perambular pela Henrique Dias, olhando as vitrines das sapatarias. Uma carta

enxuta, de uma folha só, que não continha nenhuma generosidade de lhe informar com sutileza. Era bruta como um cuspe nos olhos. O telegrama que tudo oculta tem a mesma dureza do vídeo que tudo mostra. Duas pontas que se abraçam e se descobrem iguais. Hana também nunca absorveu nenhuma perda, ainda que jamais houvesse visto qualquer detalhe que fosse. O dia da morte, a hora, o local – nada sabia. Mas ela é exatamente como aquele garoto apavorado cujo conhecimento violenta e castiga e zera a compreensão; ela é uma menina triste, uma eterna criança órfã repleta de pensamentos supersticiosos para lhe afugentar maus agouros. Ela carrega consigo uma morte seca para passear, uma correspondência unívoca para passear, algumas linhas para passear. E nenhuma história para passear.

Há um grande relógio redondo na Casa das Bolsas que marca 14:35. Hana o observa e, automaticamente, pula cinco horas. 19:35. Já anoiteceu na Polônia, enquanto aqui o dia engrena com dificuldade. Está muito calor, ela se abana com um leque e arruma parte da franja que se enroscou ao suor do rosto. Apoia as mãos no balcão e se dá conta de que uma asfixia lhe invade o peito, ela faz uma força para retirar o ar da Terra e reuni-lo dentro de si. Quando até a respiração se torna pensada, quando até a respiração exige esforço, a condição humana beira ao abismo. Relâmpagos de uma memória não vivida a acometem com muita agressividade, a louça ainda na mesa quando os moradores poloneses tiveram de abandonar suas casas, os gatos miando de fome, o trem abarrotado de lamúrias, a nudez, as listras, mulheres desesperadas por um par de sapatos que lhes protegesse de infecções, mulheres cuspiendo o pão duro, dividindo o cobertor, na resistência absoluta ao frio, mulheres franzinas a tombarem uma a uma. Hana ficou sabendo de mortes assim, e agora é seu pulmão quem a trai sorratamente e não a deixa se desvencilhar de um resíduo de passado próximo como uma nuvem tóxica que se estende até sua cabeça. São 19:35, e ela não sabe se há alguma conhecida sua viva, alguma tia ou vizinha assando doces para a sobremesa, passando o café. Certamente não há - ela teria recebido notícias. Ou se fora às 19:35 que sua mãe havia partido, o que ela estaria fazendo nesse instante se houvesse sobrevivido, e o pai, e seus irmãos e irmãs, quem sabe não foram eles a carregar pedras e tombar no chão com cicatrizes infectadas nos pés descalços, o que de fato ocorreu, Hana deseja as minúcias do acontecimento, ela quer os dados embora seja difícil supô-los na concretude da experiência de morte, ela jamais enterrou um familiar, todos evaporaram com uma correspondência mal redigida, não há oxigênio suficiente no mundo para que Hana inspire hoje, a caixa torácica é oca, o pulmão desfalece solitário e o ar não sai pela sua boca, nenhum som consegue ser emitido, ela emudece, não há oxigênio suficiente no mundo para que ela ganhe uma existência, também não há humor suficiente, nem literatura, nem canções, nem amor – há apenas um esboço dela, ali, inclinada no balcão, o relógio a marcar dois horários distintos e simultâneos, duas facetas de seu coração, sendo que uma ela renega em carne mas ressurgem em sonhos, em tinta, no sangue de sua tosse. Ela está doente e não ousaria expor esses pensamentos, brincar com esses pensamentos, chorar com esses pensamentos, deliciar as netas com sua voz de mulher aflita.

Ainda há pôr do sol em Varsóvia
Assim como ainda há nascer do sol
Em Varsóvia
É quase inacreditável que hoje
Varsóvia tenha Starbucks
Shopping mall,
Pizza hut
E hard rock café
Esses departamentos
Que assemelham
Porto alegre
A qualquer outra parte
eu perscruto uma Varsóvia
antes distópica
agora corriqueira
no Google earth
sou um pontinho laranja
a contemplar retângulos
organizados
provavelmente casas
condomínios, prédios
uma vegetação moderada
em quadrados
que alternam verde escuro e claro
e perto do frodo's restaurant
deparo-me com caixas marrons
abarrotaadas, empilhadas:
eis o gueto de Varsóvia,
nossos muros
distráidos
a impor uma diferença
entre as paisagens
não estou mais em Porto Alegre
e no zoom me transponho
a uma parede de tijolos
Rija e velha
que ainda se sustenta
ao lado do fast food
o meu zoom é minucioso
e no entanto
não enxergo
os corpos
magrinhos,
magrinhos
esqueléticos
abarrotaados, empilhados
-osso luz
Que em tela
não renasce

17.

O judaísmo para mim é essa sua capacidade, vó, de chorar durante toda a cerimônia de Iom Kippur²⁴. Você quer muito esse perdão, quer muito mesmo que alguém afague a sua cabeça por algumas horas. Você volta a ser menina temerosa a exigir um cuidado. Quando o shofar²⁵ toca, é como se todo o seu corpo se reconectasse com algo maior, com a responsabilidade de uma missão com a qual você precisa se comprometer - e você adulcece novamente. Esse é o único espaço comum da religião judaica em nossas vidas, que vem mais imbuído de um desejo de tradição e de sentir que de qualquer dogmatismo. Você fecha os olhos e se apropria da dor, do grotesco, do medo, da intimidade. Nos outros dias do ano, você passa horas na missa da igreja alternando sentar-se e ajoelhar-se, uma dança ritualística que você se permitiu fazer depois da morte dos seus pais. Tal coreografia de mãos e joelhos e glúteos alivia o seu sentimento de culpa. Na sinagoga, você não consegue mais ir com tanta frequência, pois há uma parcela sua que não se expia, que se martiriza. Você é aquela que restou e quantas assombrações lhe atordoam a mente, mortas justamente em razão de terem entoado essas rezas. Você sente ódio e mágoa e também você não entende como chegou a esse ponto. A ponto de ter se tornado uma cristã na prática, a ponto de que compra santos de barro e de porcelana para decorar as suas prateleiras, a ponto de que reza cotidianamente às duas da madrugada diante de uma vela na pia, segurando uma cruz entre os dedos. Eu nunca vou me esquecer de estar dormindo na sua casa em uma noite de inverno, eu era pequena, e vi a luz

²⁴ Iom Kippur - Dia do Perdão para os judeus. No calendário judaico começa no crepúsculo que inicia o décimo dia do mês hebreu de Tishrei (que coincide com setembro, outubro ou novembro), estendendo-se até ao seguinte pôr do sol. Os judeus tradicionalmente realizam um período de jejum de 24 horas e oração intensa para celebrar esse dia.

²⁵ Shofar - instrumento de sopro sagrado para os judeus. Na tradição, lembra o carneiro sacrificado por Abraão no lugar de seu filho, Isaac.

acesa na cozinha em paralelo ao ronco estrondoso do vô que vinha do quarto. Caminhei devagar e observei você a segurar um terço, sussurrando baixo uma oração que eu não compreendia. Descobri posteriormente que você apenas se permitia passear com seus pais no Natal. Vocês foram assimilados, até que era bom se misturar, e o Pessach²⁶ virou quase uma obrigação - único jantar judaico de sua infância, perpetuamente dentro do apartamento, com a clássica sopa de bolas assimétricas que sua mãe preparava sem lhe explicar o porquê.

Você se agarra a muitos ícones e endeusa tantas pessoas... Você acumula inúmeros objetos desimportantes, como pedras, conchas e elefantes persas. Mas a ironia reside no fato de que você não hesitou em jogar fora tantos diários escritos por minha mãe em um rompante, em efetuar uma limpa imediata na casa de toda a possibilidade de construção de discurso e de história.

Eu registro com minhas retinas implacáveis o seu sincretismo budista-cristão e as suas infinitas fotografias das netas, que você tem a habilidade de condensar em poucos porta-retratos. Nunca ninguém antes soube aproveitar tão bem quatro porta-retratos como você.

Talvez eu tenha herdado de você esse deslumbramento para com o outro, essa exaltação do outro, inclusive da religião alheia - e a conseqüente autodepreciação. Você a nos interrogar: "olhem para a mesa do lado. Sejam discretas. O que vocês acharam daquela mulher com lenço vermelho no pescoço?" Não sei vô, por quê?, nós replicávamos já cansadas dos interrogatórios mesquinhos. "Ela era tão bonita na juventude, parecia a Vera Fisher... e era ousada, casou-se por uma semana e abandonou o marido. E olhem como ela segue bem conservada, quase sem rugas. Ela está melhor do

²⁶ Pessach - Páscoa judaica também conhecida como "Festa da Libertação", que celebra a libertação dos judeus da escravidão no Egito em 14 de Nissan no ano aproximado de 1440 a.C ou 1280 a.C.

que eu'. Não adiantaria dizermos mil vezes que não, que aquela senhora estava envelhecida. Embora isso não importasse, e que você fosse linda de fato, você sempre foi a mais linda e segue sendo, porque você fingiria não escutar. Você é teimosa como pedra. Eu também sou teimosa com minhas crenças. Também acredito que todos são super-heróis, invencíveis, com falhas corrigíveis no photoshop ou com filtros do instagram.

Meu olhar também é mais generoso para com as outras pessoas do que para comigo mesma. Não sei de onde vem a nossa tirania com a nossa própria mente, as sentenças que nos outorgamos sem folga. De onde vem esse impulso ao sofrimento, ao autodesprezo? Essa sina de nunca ousar cessar o martírio, de estar constantemente com a ponta da faca mirada em direção ao nosso pescoço. O judaísmo então existe em mim quando a vejo sentindo-se absolvida, leve, curtos instantes de paz em que você se deixa acarinhar. Você é como todos os outros ali presentes, com a diferença de que não se senta nem por um segundo. Você fica em pé, disfarçando suas lágrimas curtas enquanto as luzes se apagam, as crianças entram com seus candelabros, o rabino entoia *Avinu Malkeinu*²⁷, nos abraçamos e nos embalamos suavemente de um lado para o outro. Eu decoro a sonoridade, mas não sei dizer exatamente o significado do que cantamos, senão unicamente para nós duas: uma reconciliação com o passado.

²⁷ Avinu Malkeinu – reza judaica recitada durante as cerimônias de Rosh Hashaná (ano novo judaico) e Iom Kippur (Dia do Perdão). Significa, literalmente, “nosso pai, nosso rei”.

Uma grande queimada perpassou a vegetação dos corações de Hana, Esther e Benjamin. A carta trouxe o silêncio absoluto. Em uma época em que todos os vizinhos já tinham radiola em casa, eles não ouviam músicas, ficavam marasmados como os fetos que nem chutar sabem. O casal era um amontoado de células que, muitas vezes, suprimia sua humanidade. A casa não continha flores ou detalhes, apenas um quadro falsificado do Moïse Kisling. Um lugar sem idiosincrasias, sem surpresas ou recantos. Esther conservava, porém, uma postura esperançosa de juventude, mesmo que timidamente. Hana e Benjamin não preservavam vida social após o telegrama. Faída e Aron, que tinham uma filha chamada Leila, poucos anos mais nova que Esther, decidiram abrir uma loja no centro da cidade, onde residiam a esse momento. O estabelecimento, chamado Courolândia, atraía transeuntes bem vestidos, com excelentes paletós, chapéus e vestidos. As pessoas se arrumavam para passear na Rua da Praia durante uma tarde de final de semana. O local era fino, sofisticado e vendia bolsas importadas de Paris, bem como cintos e carteiras italianos. Faída e Aron até o fim dos seus dias devem ter pensado que o motivo do afastamento de Benjamin e Hana fora primordialmente a sua inveja, sua inveja cravejada desde os tempos em que Aron negociava independente e fazia mais dinheiro. Eles sequer imaginariam que Hana e Benjamin estavam blindados, anestesiados, sem condições de tomar um mate na Redenção todos os domingos ou estirarem-se em cadeiras de praia na calçada. Esther eventualmente encontrava Leila no Clube Israelita, durante o verão. No futuro, Leila casaria com um argentino góí e se mudaria para Salta, as duas nunca mais se fariam novamente. Leila era uma mulher à frente do seu tempo. Esther aceitava as imposições dos pais, como se engolisse uma medicação amarga a contragosto, mas necessária para não adoecer. Restaram muito mais sobreviventes nas famílias de Faída e Aron: talvez isso explique certo comportamento menos comprometido com a necessidade de ver uma filha esposando um judeu e de garantir a continuidade de uma tradição. Ou certa ganância menos avarenta e mais alegre, já que eles se permitiam um pouco mais que o mínimo essencial.

Quando Hana achava que não engravidaria outra vez, parou de menstruar e logo veio a certeza de carregar um bebê em seu ventre. A gestação pegou a família de surpresa, não fora planejada e desejada como com Esther. Hana estava mais abatida e envelhecida. Benjamin mais tacanho e maníaco. Esther tinha onze anos e ficou feliz com a notícia, pois sempre quisera uma irmã companheira com quem brincasse de boneca e confiasse aquilo que era obrigada a esconder das colegas. Fantasiava-se penteando a mana e fazendo tranças em seu cabelo. Mas eis que, passados nove meses, nasce um menino, pequeno e gorducho, molengo, que não serviria nem para brincar. O nome eleito foi Samuel. Ele cresceria em meio a pais desvitalizados, a uma irmã bem mais velha e pouco presente, e teria de juntar esforços para

encontrar o seu lugar. Pertenceria a movimentos sionistas, seria mais religioso que o restante da família, nutriria ímpetos de mudar-se para Israel, de falar com o tio de São Paulo. Haveria nele uma parte integrada e saudável, a parte que não testemunhou a Carta, o pranto e o uivo dos pais, a parte que o motivava a diferenciar-se um pouco, mesmo que dentro das limitações. Dono de uma inteligência bem avantajada, terminaria o ensino médio no Júlio de Castilhos adiantado e ingressaria direto na faculdade de Medicina na Universidade Federal. Cursaria a residência em traumatologia após graduar-se e, em razão de seu êxito profissional e da resistência dos pais fragilizados em perdê-lo, terminaria por afastar-se das pretensões sionistas e se quedaria no país. Ele saberia desentortar ossos, o gesso sob os braços quebrados – mas jamais saberia colocar molas em corações esburacados. Herdaria a avareza do pai, conduzindo-a a um fanatismo obscuro, chegando a ser encontrado catando moedas que sobravam do parquímetro, a boca a salivar do desejo de encostar no zinco e do medo de ser pego, entortando a cabeça em todas as direções. Afinal, ele se tornaria um profissional bem-sucedido e se esforçaria para repudiar os traços fantasmagóricos que herdara sem seu próprio consentimento.

Samuel recém completava três anos. Os dias eram varridos pelas vassouras mais cruéis, soltando todas as partículas poeirentas para cima. Pedacos de ar se tornam visíveis quando a poeira sobe e o sol impõe-se. Apenas as cabeças de Benjamin, Hana e Esther seguiam polvorosas, o oxigênio mal circulando, o tempo estagnado, o arrebatamento permanente. As festas judaicas foram totalmente esquecidas. Somente Pessach e Iom Kippur eram perpetuadas. Pessach virara sinônimo de sopa de bolas na janta e matzá no café da manhã. Esther um dia leria que significava a saída às pressas dos judeus do Egito, um pouco como a de seus pais da Polônia, assim, um povo sempre em eminência de expulsão - o que de errado se faz? Ela também se preocupava em ser expulsa do colégio se matasse aula ou excluída do grupo de amigas por sua escassa variedade de roupas. Tornava-se uma desculpante fabricada, pronta para assumir a culpa, para pagar o pato no lugar do menino que colou o chiclete no cabelo dela, fui eu que provoquei, ela se antecipava para a professora, fui eu. Então vinha o Dia do Perdão, o Iom Kippur, e Esther precisava muito dessa absolvição. Hana não podia jejuar, Esther não saberia dizer o porquê, não recordaria o motivo. Benjamin e a filha jejuavam. Samuel era ainda bem pequeno para privar-se da comida, mas quando crescesse seria o mais fervoroso e fiel à tradição, acompanhando toda a cerimônia suado, com a bíblia nas mãos e a kipá na cabeça. Esther ia junto da família ao *shio*²⁸ pelas 11:30 e lá passava o dia fofocando com duas ou três meninas da sua idade, observando as brincadeiras dos mais novos no auditório da sinagoga.

²⁸ Shio – sinagoga.

Samuel e outras crianças corriam de um lado para o outro alvoroçados, exalando um odor azedo. Aos adultos, ficava destinada a parte barulhenta das rezas, o cheiro de suor imperando desde as escadas. A barriga roncando, a fome, o toque agonizante do shofar, um chifre de carneiro oferecido ao sacrifício, as crianças entravam com algumas velas no andar de baixo, perto da torá e do rabino, riam, cochichavam, não tinham dimensão da ardência daquele sopro, da ruptura que promovia, o silêncio enfim todo condensado naquele som estridente e titubeante, Hana imbuía-se no mais absoluto vazio, Benjamin limpava o buço. Esther franzira o queixo e não admitiria a fragilidade de chorar em público. Anos mais tarde, com mais ou menos pudores, não se sabe ao certo, ela desabaria de pranto e inundaria seu curto lencinho. As filhas e netas a confortariam, ela não diria nada e logo se recomporia quando as luzes acendessem. Uma transe adorada de se ver, os poucos segundos em que ela era ela.

Por ironia do destino, a festa mais socializada e comemorada era o Natal. Não havia celebração de Chanucá, a menorá com seus candelabros não passava de um enfeite da Casa das Bolsas. A alegria vinha das luzes natalinas colocadas na cidade. Na véspera do dia 25, a loja ficava aberta até mais tarde pelo fluxo intenso de compras, fechando à meia-noite. Esther sentia-se especial ao auxiliar a mãe nos pacotes e nas notinhas, dobrava de uma ponta à outra o papel estampado com temática natalina munido das cores vermelha e verde. Quando a bolsa era menor, o papel sobrava, cedia, e ela então o dobrava mais de uma vez ou realizava um pequeno corte para não haver excessos. Orgulhava-se de si própria, de sua destreza, ser uma embaladora como fora a sua mãe. Gostava do Natal verdadeiramente. Ao final do expediente, os quatro caminhavam até o mercadão em frente ao parque da Redenção, comiam sanduíches abertos de azeitona com presunto fresco e bebiam Coca-Cola. No ano novo, esse mesmo movimento se repetia, o mercadão, o sanduíche, a Coca, a caminhada do verão, os quatro sozinhos, sorrindo para a vizinhança com certa reserva.

A tristeza assolou a minha pele
 Como um vinagre derrubado
 Ao temperar o alface

"Alface, a pouca comida
 Que os judeus tinham no Egito"

Essa era a frase que minha irmã
 Repetiu, repetiu até decorar
 Na apresentação de Pessach
 Do primário no Israelita

Todos os dias, no almoço
 Ao se servir de salada
 Ela sabia e sussurrava
 Para não esquecer

"Alface, a pouca comida
 Que os judeus tinham no Egito"

Quando chegou o dia planejado,
 Ela tremia ao segurar o alface
 E colocá-lo na keará²⁹
 Meus pais balbuciavam as
 Mesmas restritas palavras
 Quase cômicas
 Temendo pela memória da filha

A alface romana
 É amarga
 Resistente ao calor
 Um talo pendido
 nas costas

Um povo que foge
 Às pressas e que falha,
 Esquece o fermento,
 Falha e esquece,
 Ainda que urja agora
 Lembrar o alface
 Repassar a sentença
 adiante

A alface é feminina,
 Chama-se chazeret
 Acha-se aos montes
 No supermercado

É banal e é,
 No entanto,
 O que restou de
 Tradição para a família
 Que jamais comemorou
 A Páscoa, senão aquela
 Dos ovos de chocolate
 Achados também aos montes
 No supermercado
 Mas por um preço bem menos
 Modesto – sendo que derretem
 Facilmente ao sol

Eu cubro o alface
 De vinagre balsâmico
 Sujo as minhas mãos
 Um pedaço do jeans
 No sentimento oceânico
 De abrir o mar com
 Luvas de boxe

Não é tristeza encardida
 Em trajas e luto
 -É saudade

²⁹ Keará – nome dado ao prato utilizado no Sêder de Pessach, para a religião judaica.

18.

O cheiro de mar. A varandinha pichada em que cadeiras de praia se misturavam com areia. As havaianas calçadas nos pés, tocando por vezes a aspereza dos grãos. O vento era cálido como o hálito da mãe mais apaixonada por seu bebê. A vó e eu não conseguíamos dormir. Eu a ajudava com palavras cruzadas. Um grupo de homens do condomínio da frente bebia cerveja e ouvia uma música alta. Nós duas ríamos, cúmplices, eu dizia que preferiria morrer primeiro a perdê-la na hipótese mais torturante para uma menina supor, a de que me colocaria diante dela para salvá-la se um homem daqueles de repente nos assustasse. Ela apreciava o afeto, mas ponderava que não, era ela a mais velha, ela partiria primeiro. Como assim, existe uma ordem, uma hierarquia? Eu contestava, mesmo que possivelmente pensasse com outras palavras. Em seguida, caminhávamos até as duas GELF's da esquina, optando sempre pela da esquerda - ela não entendia como duas sorveterias iguais conviviam uma de frente para a outra, as duas lotadas a toda hora. Que critérios os veranistas tinham para escolher? O nosso era simples, mais uma das superstições da vó, a esquerda trazia sorte. Pesávamos nossos copos de plástico, o meu muito mais caro, voltávamos a pé para o grande e mofado Edifício Conforto, que ficava posicionado em um beco sem saída. A poluição sonora não nos abatia, estávamos na praia e de férias, ora. Eu sentia sono, deitava em seu colo no sofá da sala, o vô vidrado na minúscula TV usando fones de ouvido. Ela me acarinhava o pescoço, minha pele áspera de púbere, espinhas me povoavam. Os sinais ela contava, um a um, todas as marcas de onça pintada que jamais pude esconder. Minha pele está cheia, não há espaços para tatuagens ou piercings, ela já está cheia, manchinhas do sol debatendo-se para ocupar cada centímetro. Quando eu estava quase dormindo,

ela dizia que lia em voz alta no quarto para mim. Eu achava aquilo engraçado, ela mal podia abrir os olhos de cansaço, eu já não era mais uma criança tão pequena, na verdade eu provavelmente já lia mais que ela naqueles tempos. Mas era divertido vê-la na cama ao lado da minha, os óculos e as calças de pijama, falando em voz alta palavras de literatura infanto-juvenil. Seu livro favorito era *A bolsa amarela*, da Lygia Bojunga. Às vezes a cabeça pendia para frente e ela comprimia as pálpebras, inventava a continuidade da história e aquilo era gozado demais. Eu ria, ela acordava, percebia o seu leve sonambulismo, nós gargalhávamos.

“A bolsa por dentro: Abri devagarinho. Com um medo danado de ser tudo vazio. Espiei. Nem acreditei. Espiei melhor. – Mas que curtição! – berrei. E ainda bem que só berrei pensando: ninguém escutou nem olhou. A bolsa tinha sete filhos! (Eu sempre achei que bolso de bolsa é filho da bolsa.) (...) Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não.

[...]

Pronto! A arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.”

E logo ela se punha a completar com o incompreensível: o galo, o galinho da menina, o galo que gorgoleja, o galo que canta, cantou, o galo Afonsinho... Eu tinha crises de deboche, pensava mas que raio ela colocou o galo justo agora, na hora da descrição da bolsa. Ele é um personagem que salta de dentro da Bolsa amarela muito depois! Quem sabe ela inconscientemente soubesse que uma bolsa com filhos era a sua história, a família toda contida ali dentro sem poder ser carregada por ela, uma herança perdida sem conexão ou despache. Uma transmissão interrompida. O seu desejo também foi abandonado junto com a possibilidade de

narração. Eu até hoje me desespero para conseguir adivinhar o que ela quer. Na tentativa de não dar trabalho a ninguém, ela termina por dar trabalho em dobro. Vó, você quer suco ou água? Qual dos dois? Vó, você está com sede? Quer que eu ligue a televisão para você, quer dar uma caminhada? Você sente fome? Ela diz que não, que recém comeu, que não quer nada, obrigada, embora eu escute sua barriga roncar enquanto estou deitada em seu colo e ela me faz cosquinha. Fico exausta, esperneio, pelo amor de Deus, só me dê uma resposta, só me diga o que prefere. Onde mora o seu desejo, onde ele ficou guardado, como faço para resgatá-lo e o puxar de volta pra mim? Contudo, agora já sei o motivo, já sei por que o sono a invadiu exatamente nesse momento da leitura, pois ela se via como a Raquel, personagem menina principal do livro. E porque todas as vontades dela precisaram ficar presas na bolsa, ninguém mais ia ver a cara delas. De outro modo, seria insustentável seguir viva. O galo da menina cumpre a função que para ela é quimérica e improvável: a de ser um comunicador. Ele anuncia a aparição do sol, rompe o mutismo da noite pelo qual ela fora capturada. Mas é também o galo-macho que não deixa as galinhas de Hana saltarem e entoarem seu cacarejar. O galo que aparece bem no instante em que ela poderia me entregar seus ovos, me dizer o que existe dentro deles, o que pode nascer um dia com a casa rangendo e rachando.

Eu queria, vó, que você cantasse para mim.

Samuel conferia graça à rotina e aos ritos já amortecidos de esperança. Era curioso, interessado e não tinha registro violento no corpo, embora sentisse o desânimo da família e lutasse contra ele. Samuel não absorvia tanto a dor como Esther, não era tão permeável. Samuel não era o filho da apatia. Talvez os pais já estivessem um pouco mais inteiros, passados tantos anos do dia da Carta e da descoberta do fim. Estimulada pela vitalidade da criança, a família encorajou-se a passar o verão em Capão da Canoa, fato que se renovaria em outras temporadas futuras. Samuel seguidamente dizia que queria ver o mar. Hana e Benjamin nunca haviam viajado desde que chegaram em Porto Alegre, estavam solidificados no concreto viçoso que absorvia o sol e os fazia esmorecer de calor. Esther havia ido duas vezes com Sofia para a praia de Garopaba, em Santa Catarina. Mas partir em família seria um momento totalmente inédito para ela. Benjamin não podia se ausentar da loja durante a semana, de modo que a mulher e as crianças foram primeiro para passar quinze dias corridos. Ele iria de sexta a domingo. A viagem demorava um mínimo de quatro horas e meia, quando não chovia ou quando não ocorriam acidentes de percurso. Hana entrou no ônibus e estava preocupada com a bagagem excessiva que deixara no porta-malas. Nunca havia se afastado dos seus enxutos pertences. Esther fechava os olhos quando o veículo começava a acelerar, para não marear. Ela era a náusea personificada, respirando fundo com o olhar abandonado de perturbação. Samuel ficava deslumbrado à medida que a viagem seguia pela orla marítima, enquanto a mãe temia um atolamento na areia. Quando estavam próximos ao destino, Hana foi acometida de uma emoção ao lobrigar o farol que anunciava a proximidade, a chegada, um lugar fresco inaugural ainda não manchado de tristeza. Mais tarde, Scliar soube tão bem descrevê-lo, e Samuel leria o autor e recordaria de como a mãe se afetara por aquele sinal, por aquela brecha no espaço e no tempo. Os três tocam o Hotel Bassani em sua estreia, com Esther segurando a mala, Hana com o filho no colo. Esther vislumbra as sacadas do lado de fora e sorri – sempre admirou as varandas, os espaços intermediários entre o fora e o dentro, uma mão estendida ao vento, pisando no solo do quarto. O ar da praia era diferente, eles já podiam sentir. Por ser tarde, apenas jantaram no buffet do salão do hotel e foram dormir no chalé de madeira, único para toda a família. Não desfizeram a mala, senão para catar pijamas dali de dentro.

No dia seguinte, Esther despertou de sobressalto às sete da manhã, assustada por estar em um lugar novo pela primeira vez, e não encontrou a mãe deitada. Samuel dormia com os lábios abertos. Esther ficou tentando espiar por entre as persianas para não acordar o irmão, mas não se conteve e pulou para a sacada. De lá, contemplou o corpo de Hana caminhando lentamente em direção ao mar, o maiô preto que mal segurava as ancas, os pés na areia seca até alcançarem a beira, a areia úmida, as tatuíras incômodas

das quais ela desviava. Hana primeiro tocou a mão na água, como que medindo a temperatura e preparando-se, depois foi avançando e submergindo, num mergulho longe de ser redentor. Ela tapou o nariz e afundou abrupta como um âncora, no que parecia ser mais um de seus ritos supersticiosos que uma verdadeira libertação. A cena poética prontamente se desfez em Esther, que ria do afundamento robótico da mãe.

Esse mergulho emblemático ocorreria mais duas vezes ao dia – pelas dez da manhã, Hana regressaria à praia com os filhos e novamente entraria de forma mecânica no mar. No fim da tarde, seria sua última imersão, quando todos os hóspedes já estivessem recolhidos. Esther não saberia dizer se Hana conservava alguma promessa, se sentia algum prazer na repetição – nunca perguntou à mãe para entender. E, durante todo o veraneio, Hana mergulharia essas três vezes, o sal grudado no corpo e o cabelo ressequido.

A rotina na praia transcorria suave. As refeições eram feitas no hotel e, nos intervalos entre uma e outra, a fome era mínima. Esther no máximo ousava pedir um pastel de queijo na beira. Todas as manhãs, ela empanturrava-se com o óleo Dagelle, mas permanecia na cadeira de chapéu, debaixo do guarda-sol - não sentia desejo de entrar na água ou o sufocava, pois o medo falava mais alto. O mar representava tudo de mais incógnito e misterioso, algo incapaz de ser controlado com a força de seu pensamento obstinado. Esther, agora uma adolescente, não havia trazido sua própria bagagem individual a Capão, de modo que Hana lhe alcançava o óleo que dava espinhas e bronzeava mesmo a mais esquiva das criaturas. Samuel recheava o balde de areia e o esvaziava no mar, enchendo-o novamente de água. E se entretinha nesse vaivém até que a mãe sugerisse ir embora para almoçar, angustiada com as repetições constantes do filho cujo calção estava pesado de areia molhada, repetições por vezes tão iguais as suas. Após o almoço, Esther costumava passear pelo centrinho com duas amigas que conhecera no Hotel Bassani. Duas amigas com as quais não se permitia falar sobre assuntos íntimos como sexualidade e religiosidade, limitando-se a escutar os delírios daquelas jovens e a completar com trivialidades arbitrarias. Ao final da tarde, quando Hana dava seu derradeiro mergulho, as três jogavam canastra e dorminhoco no saguão. Quando a noite avançava e as estrelas eram pontas resplandecentes a enfeitarem o oceano como glitters, Esther juntava-se à mãe e ao irmão para jantarem, geralmente sopa de legumes. Até que as luzes se apagassem e eles fossem dormir, ardidos das horas somadas de tamanha presença do sol no rosto. Samuel, quando adulto, cultivaria memórias latentes da sua primeira infância amparado pela narração scliariana e comporia mentalmente uma Capão quase deserta, límpida, sem caixas sonoras, filas, edifícios altíssimos e competições de ciclistas – uma Capão exatamente como ele havia esquecido, mas que ficara no seu corpo: a dos cômoros altos de areia fina que tapavam as escassas casas quando buscavam ser achadas do

calçadão; a das carroças puxadas por bodes e cavalos, conduzidos por senhores que vendiam abacaxis ou outras frutas tropicais; a das conchas trituradas que podiam fincar os pés; a dos banhados repletos de sapos cujo coaxar se ouvia rompendo o silêncio antes de dormir.

Era um sábado qualquer de verão. Samuel ficava faceiro com a presença do pai nos finais de semana. Os dois jogavam bola, mergulhavam juntos. Uma mosca petulante colava na pele gordurosa de Esther. Hana deitava na esteira e observava o filho e o marido brincarem. Eis que a placidez é interrompida por um abrupto afogamento, banhistas se aglomeram na beira, um salva-vidas pula nas águas amarronzadas que só o mar de Capão sabe ter e retorna com uma moça arrastada entre os braços, executa uma respiração boca a boca, ela cospe, tosse e então renasce, todos aplaudem. Todos, exceto Esther. Aquela moça calhou de ser a sua vizinha de quarto do Hotel Bassani, recebeu várias visitas ao longo do dia, o que pôs em Esther mais medo das águas violentas do mar. Ela jamais se arriscaria a nadar, senão poderia transformar-se naquela moça transtornada em evidência, aquela gente toda a espreitando curiosa, aquele beijo com gosto de morte ou de salvação, a baba do salva-vidas, a água cuspidada dos lábios da moça caída na direção de seu busto, os seios um pouco maiores que os de Esther, uma espécie de erotismo perverso acometeu seu corpo, identificada com a moça resgatada, a moça sem destreza para nadar, a moça perdida nas ondas e então virando grama sobre as dunas.

Muitos e muitos anos depois, Esther iria para Capão com a neta no dia dois de fevereiro para levar oferendas à lemanjá, rezaria de pés descalços e colocaria uma vela na estátua enorme do orixá na divisa com Atlântida, na orla cujos cômoros persistem bem menores, de modo que é possível vislumbrar todas as casas e blocos de prédios grosseiramente grandes. Uma multidão embalada por batuques as acompanharia, as duas se encaminhariam em direção ao mar denso e bem escuro misturado com a noite densa e bem escura, um grande espaço único e sem bordas, as duas levariam rosas brancas abertas e molhariam os pés, efetuariam pedidos, mãe cujos filhos são peixes, lemanjá, pessoas de rostos embaçados, a esperança de ver o pélagos fecundado, o sal e a brisa avolumando as melenas. Assim talvez Esther se reconciliasse com seu horror do mar, com a lembrança da mulher quase afogada. No dia seguinte, as ondas não trariam apenas águas vivas ou algas para a areia, mas também flores.

O verão acabava e todo aquele círculo moroso se repetia. E se repetiria ainda tantas vezes, giraria, giraria, a Terra volteando, os homens não saindo do lugar. Esther agora já estava finalizando o ginásio, posteriormente ingressaria no magistério, lecionaria como professora, mas sempre persistindo a sensação de estar vivendo pouco, de não ter importância, de intuir o mínimo essencial, aquela anciã sensação de paralisia. Benjamin e Hana seguiam obstinados em ganhar dinheiro. A essa altura, já tinham certo rancor da

Courolândia estar tão próspera, Aron com aquele *spiel*³⁰ de vendedor, uma lorota que lhe rendia frutos; e a Casa das Bolsas perdurar tão raquítica, uma sobrevivente em meio aos bazares maiores que abriam no Bom Fim. Samuel crescia e era briguento em casa, questionava, não se resignava, tinha sua patota de crianças da escola, sua gangue dos sete anos, cheia de meninos sardentos e espoletas. Esther, no entanto, deixava o irmão se esparramar, os pais se roerem de inveja, ela nada podia fazer. Muito menos em relação a si mesma – era o que pensava. Nas reuniões dançantes realizadas no terraço do Cinema Baltimore ou nas casas de algumas colegas, ela escutaria piadas sobre suas mesmas três blusas, seu único vestido de festa xadrez e seus sapatos iguais reciclados pelo engraxate quando gastos. Ela ouviria essas gozações com semblante blasé, mas por dentro estaria com dor na barriga, o ódio crescendo no útero, um desejo de parir a morte, de degradingolar-se feito doida, de mandar todos longe. Até que, num rompante inusitado inclusive para ela própria, pegou a tesoura do balcão da loja e se viu mutilando o vestido xadrez de mangas longas, ela o cortou com fúria, sem coragem de pedir um novo para a mãe. Após deixá-lo com as mangas cavadas e mais curto, acalmou-se, deu-se conta de que não fizera grande estrago e decidiu-se por costurá-lo. O seu pai havia lhe ensinado, quando ela era menor, a alinhavar. Por preguiça ou falta de jeito, ela nunca se aventurara nessa empreitada antes. Naquela noite, ela foi ao baile com o vestido remodelado, de caimento mais atual. E a partir desse ímpeto glorioso do corte, Esther passou a reformular todas as suas peças surradas. Ela tornou-se uma emendadora de fissuras tristes, das suas próprias fissuras tristes. Aquelas que ninguém mais poderia emendar por ela.

³⁰ Spiel –em ídiche, lenga-lenga, papo de vendedor, lorota.

Servindo-se de bolas de sorvete,
 Esther cava fundo o creme
 O flocos, o morango
 Ela mergulha o rosto
 O hálito frio lhe sopra
 Como o vento no cabelo
 A flor de lótus trêmula
 O dente-de-leão descamando
 Uma viajante desvanecida
 Ela cava a terra com a
 Ânsia dos cachorros
 Mais curiosos
 Onde ela enterrou a
 Correntinha do passado
 A carta sagrada intangível
 Servindo-se de bolas de sorvete
 De menta, de maracujá
 Sabores exóticos
 Suas escavações
 A concha funciona
 Tal como uma pá
 Arqueológica
 Ela revolve camadas
 Antigas suas, cheiro
 Doce do passado
 Eu queria poder ajudá-la
 A encontrar a correntinha
 Nós duas Tateando a terra
 O chão batido por onde
 Plantas pequenas crescem
 Ela olha a noite estrelada
 Pontos de luz de cálcio
 Que estalam os dentes
 Feito pedaços de chocolate
 A concha entre os dedos
 A praia, o cheiro de
 Capão a lhe aguardar
 Ser uma viajante

No tempo
 Revolver camadas
 Antigas da memória
 Com o que você
 Tem sonhado?
 Cada camada sua
 Tem um nome
 Um nome e uma
 Promessa
 Uma a uma se esvai
 como pétalas
 Você está nua e a nudez
 É o seu melhor
 Poder escancarar o frágil
 Você vira uma avó
 A se servir de sorvete
 Trajando roupas sérias
 Sacola flácida ao ombro
 E no entanto sempre
 Atrás da correntinha
 Atrás da carta
 Tateando o solo
 Agora comigo
 Com aquelas
 Que você pariu em um parto
 De gozo e suor, como
 Uma arqueóloga acorada
 A descobrir ossos inéditos

19.

Algumas histórias que escuto dos pacientes sobrevivem em mim como certas cenas de filmes, aquelas das quais não nos esquecemos. Uma menina chamada Ana me pergunta como me lembro do que ela me conta no consultório se não utilizo lápis ou caneta para anotar as suas palavras. Mas os diálogos marcantes persistem como nos bons roteiros de cinema. Hesito ao lhe responder, do alto de minhas poltronas berger, que minha mãe herdara dos avós em seu consultório psicanalítico e que agora me havia dado de presente. Eu, recém-formada, cerrava os olhos nos intervalos entre as consultas para tentar compor a cena de minha mãe fazendo das poltronas seus cavalos e ela, Ruth, a princesa indomável. Como nos filmes western que ela assistia quando pequena escorada em seu pai. Atender pessoas pode gerar também tamanha emoção.

Como escutar Ana.

Ana fora criada pela avó, que chamava de nona. Ana e a nona detinham os segredos uma da outra. Até que a nona ficara roxinha, roxinha e falecera por problemas na vesícula. A mesma vesícula inflamada que Ana retirara dois anos depois por ser sempre acometida por dores estratosféricas e vômitos constantes. A mesma vesícula, bolsa da memória, que se engrossa quanto mais se vive, e acumula grãos de areia que não se esvaem. Ana precisou remover a vesícula para não morrer. Chegou à consulta mostrando cálculos biliares de diferentes tamanhos que saíram de dentro de si, segurando um saquinho de rochedos esbranquiçados. Cada pedra, ela dizia, corresponde a um segredo da nona, eu não podia mais carregá-los comigo, senão enlouqueceria. Preciso aprender a coexistir com minha memória sem que ela se enrijeça, sem que precise portar segredos de outras pessoas até o túmulo. Resgatar o passado com brandura, em vez de perder a vida

em nome dele. É o que penso quando tu me perguntas por que não faço anotações enquanto te ouço, devolvo, pois é duro e áspero como uma pedra empenhar-se em lembrar tudo. É da ordem do impossível reter o passado dos outros conosco. A memória que não causa dores e ânsias é seletiva, penso. Seletiva e livre e dançante.

Talvez não sejam necessários grandes apêndices da memória quando ela realmente coexiste conosco. Quando a lembrança nos integra e quando somos, também, parte dela. Como a cena mais linda de um filme francês assistido no quarto, no videocassete, em um verão de 96, em que a protagonista confessa, no suprassumo final - quando estou bem comigo mesma, viajar não é mais estar longe.

Hana e Benjamin moravam a poucos metros do Cinema Baltimore e não viam filmes. Jamais ingressavam, mas não faziam ideia de que a sala continha um telão gigante com projeção de 70mm. Os letreiros convidativos mobilizavam moradores do Bom Fim e de outras regiões a se ornarem de trajes especiais, desde sobretudos a scarpins, para assistirem à estreia de um filme americano, francês ou italiano. Benjamin e Hana pareciam imunes a esse apelo, ou fingiam sê-lo. Esther cedia mais facilmente aos estímulos e, quando púbere, pegava escondida um trocadinho do caixa para ir ao cinema com a Sofia após a aula.

Mais mocinha, ela veria *Assim caminha a humanidade* com a amiga e o seu irmão mais velho esquisito - e tudo o que conseguiria desejar eram aqueles olhos violeta da Elizabeth Taylor, tão bonitos quanto os de sua *mami*, uma cor que parecia forjada de tão exótica. Depois contemplaria, com essas mesmas companhias, Gina Lollobrigida no *A Mulher mais bela do mundo* - e tudo o que conseguiria desejar era aquele corpo voluptuoso e sensual. Esther sempre desprezava o que era seu, não valorizava o quão bonita era e se comparava com as grandes atrizes idealizadas. Não percebia que seus olhos azuis eram tão fortes quanto o roxo de um soco no estômago. Eram contornados com a haste quase preta feito bambolê a lhe ajudar a revirá-los para cima, descrentes, quando alguém a elogiava. Ela desconfiava de qualquer enaltecimento por parte de admiradores. Era uma adolescente tímida e cismada cujo corpo, embora sinuoso, havia de ser inferior ao de Lollobrigida e ao de outras musas. Esther não era boa o bastante, nunca fora boa o bastante.

Em uma tarde de sábado, Esther assistiria com eles ao filme *Melodia interrompida* e se surpreenderia com o fato de que o irmão de Sofia chorava, sem nem ao menos disfarçar! Eleanor Parker interpretava Marjorie Lawrence, uma soprano australiana diagnosticada com poliomielite no auge da carreira. Ela perdia os movimentos, ficava presa a uma cadeira de rodas, a música se interrompia, e tudo era silêncio. O irmão estaria emocionado com a sensibilidade da película e, pela primeira vez, Esther o notaria com pupilas de ternura maliciosa, que se dilatavam de atração em meio a ondas luminosas advindas da tela. Ela era esteticamente similar à atriz Eleonor Parker, com feições delicadas, mas psicologicamente era como se o irmão de Sofia a tivesse descoberto na essência da cantora desencorajada de cantar, na mulher paralisada por receio e pavor. Esther se sentia revelada diante da comoção do rapaz, como se fosse ela quem realmente o comovesse, ela desnudada e confessada, ela admitida. Justo ela que, desde que presenciara o pranto agonizante do pai, não conseguia mais associar a emoção com algo bonito. Era uma vergonha despir-se assim, era uma brutalidade.

A partir de então, passou a sentar-se ao lado dele no cinema. Mais tarde descobriria que era amor.

Ele se chamava Adão, o primeiro homem da Terra, seu primeiro e único homem.

Ela muitas vezes sentiria o descontentamento de Eva em si, um desejo insano de burlar as regras e morder a maçã, mas não toleraria ser expulsa do paraíso, não suportaria ter de eximir-se desse pecado enorme. Ela era uma infratora a conta-gotas.

Muitos e muitos anos mais tarde, Adão contaria para as netas a história de como ele e Esther se apaixonaram. Falaria que *Melodia interrompida* fora o único filme que o emocionara verdadeiramente, ao que as duas resolveriam baixar o longa no computador no começo dos anos 2000 e passar uma tarde buscando adivinhar qual a cena que deixara o avô em lágrimas. A soprano é casada com um médico devotado que a inspira a se reerguer e, em uma cena, ele põe uma ópera para estimulá-la a andar. Ela rasteja até o vinil para desligá-lo – a imagem é dramática, até mesmo piegas, mas decerto tocante para a época. Talvez seja aqui que o avô chorou, as duas instigariam. Em outra parte, a personagem é convidada para cantar ao batalhão do exército e inicialmente recua, temendo não conseguir vocalizar em uma cadeira de rodas, ao que o chefe insiste, afirmando que vários dos seus homens estarão sentados como ela. Marjorie engole coragem, entra em uma sala repleta de homens mutilados, desesperançados do pós-guerra e canta *Somewhere over the rainbow*. A neta mais nova se arrepiaria e intuiria – foi aqui que o vô chorou, só pode ter sido aqui. Mas ela se enganava. Ao indagar o avô, ele confessaria que chorara na cena em que Marjorie abria o armário do banheiro e pegava comprimidos para morrer, ao que seu esposo chegava em casa e declarava, eu não casei com você pela sua fama, por você ser uma cantora importante, eu casei com você pela mulher que você é. Nesse momento, Adão se arrepiou e sentiu – para ele, essa era a definição de amor. O amor era uma verdade. Esse fora o grande sonho do avô, o de tirar a mulher da apatia, o de fazê-la entoar algum cântico otimista em vez de vê-la calar. Ele almejava o dia em que a melodia interrompida recomeçaria, e as netas entenderiam como ele se via tal qual o cônjuge empenhado em dar palavras, ritmo e movimento à soprano muda.

Um avô que sabe chorar é, espera-se, um avô capaz de gerar netas que sabem chorar.

Traspasse

*Fomos atravessados
Pelo mesmo espeto metálico
A firmar nossas costelas
Girando no fogo infundo
O odor queimado prova
Que somos matéria
De uma só carne*

20.

O avô que passa 5 minutos inteirinhos tentando abrir um chocolate meio amargo enquanto critica o governo Dilma. Em nenhum momento, repara o quão ridícula é aquela cena - e segue tentando romper o plástico implacável, sem prestar muita atenção. Suas mãos trêmulas com um leve grau de Parkinson... A pele das mãos é intercalada por queimaduras que o dermatologista faz, pequenas agressões em nome da saúde. Os dedos são moles e gordinhos, elásticos. Parecem pequeninos travesseiros. Acho que há um excesso de cartilagem em contraponto com ossos enfraquecidos. O mundo existe nas mãos do meu avô. O mundo está naquela limitação em tentar abrir um chocolate meio amargo. Virou questão de honra: ele agora recusa a ajuda que lhe ofereço. Quer provar que consegue e segue parolando, fingindo que o esforço incalculável que despense na embalagem é muito mais secundário que a sua prosa antidílmica. Mãos desgovernadas e incertas confabulando sobre o futuro do país.

A avó que chega na sala e que rasga o plástico num ímpeto, como com as suas tesouras em seus cortes de roupas. Ela vive desses pequenos rompantes descontrolados para recuperar certo posicionamento, ela acredita que assim terá as rédeas novamente da situação e sufocará a ecolalia do marido. Suas mãos são seguramente mais firmes que as dele, ainda que a tendinite cerceie os movimentos do braço direito. Sem jamais ir ao médico temendo um grande tumor, um tumor tal qual aquele que matou sua mãe - ela cria o pior em sua cabeça, como as galinhas cultivadas para a morte, e apenas enfaixa o braço com algum pano velho após o marido terminar de falar, após ela esgarçar a embalagem e abri-la e após cozinhar uma miojo com nuggets para a neta e se queimar no fogão porque a sua destreza não é mais a mesma.

O único prato que minha avó cozinhou para mim durante toda a minha infância: massa miojo com nuggets.

As pequenas ilusões cotidianas nos salvam da morte.

Eu não sei se me agarro a essa ilusão para me manter viva, essa ilusão de que um dia vou partir, de que conquistarei existência própria, de que meu corpo terá os contornos que eu determinar, e não aqueles que os outros impõem, e não uma subsistência marcada unicamente pelas mãos da minha família, pelo gosto de galinha caipira na massa enroladinha e seca que é, na verdade, pura gordura frita, pura shmaltz³¹. Eu vislumbro essa distância, não sei se me iludo como quando era criança e contemplava um reflexo nos óculos escuros da minha mãe e queria senti-lo, eu não compreendia. O que tenho nos dentes hoje é a crocância dos nuggets de frango que são nada menos que galinhas jovens, galinhas adolescentes trituradas todas juntas, todas compondo a mesma pasta rosada e enorme na qual se adicionará corantes artificiais e amônia para liquidar as bactérias e fabricar um gosto bom.

Menos da metade da composição dos nuggets é feita de carne de frango.

O resto é uma mistura de cartilagens.

Gorduras.

Ossos triturados.

Nervos.

E veias.

Fomos todos inseridos no maquinário, separados mecanicamente, indiscriminados na pasta rosa desesperançada. Identifico uma veia minha, somada aos ossos do meu avô – e aos nervos, aos nervos de aço, frios como uma saída do mar em dia ventoso, os nervos da avó que nunca se afoga porque nunca arrisca nadar.

³¹ Shmaltz – em iídiche, gordura.

Esther o havia conhecido quando ia estudar na casa da Sofia, para ajudar a amiga que tinha dificuldades na escola. Às vezes, seguiam madrugadas adentro debruçadas em livros abertos pela cama. Ao final, por estar tarde, Sofia sugeria que o irmão acompanhasse Esther de volta. Vem, Adão, faz companhia para ela até sua casa. Eles moravam na Santana, e não havia perigo de caminhar às duas horas da manhã, atravessando a rua pelo Pronto Socorro, passando pela Osvaldo até pararem frente ao número 1170. Esther irritava-se um pouco, sentia certa repulsa pelo falatório estranho de Adão, sua idealização do *american way of life* e seu repúdio aos comunistas. Ela não se importava com política, subestimava-se muito para opinar sobre esses assuntos e preferia dar de ombros. Também se incomodava com o fato de não poder andar plenamente sozinha, uma moça de respeito necessitando de um homem ao seu lado, uma lástima. A despedida era fria, sem beijos. Finalmente ele passou a escoltá-las até o cinema e finalmente chegou o dia do *Melodia interrompida*. Futuramente, nas repetidas caminhadas crepusculares, Esther tomava fôlego para perguntar por que Adão vinha sempre junto com as duas. Ela esperava uma declaração, acreditava ser o ímã para o rapaz. Na realidade, Esther julgava-se intimamente bonita, embora disfarçasse com sua modéstia de pessoa inapta a aceitar elogios. Ela logo se frustraria, refugiar-se-ia novamente na insegurança ao ouvir de Adão que a mãe dele o havia obrigado a colar na aba da irmã por suspeitar que Sofia tivesse um namorado góí. Ele ficara encarregado de rodeá-la em todos os cantos e prestar lealdade à sua amiga, que talvez servisse como uma boa fonte de informações, recomendação também vinda da mãe – mas você nunca me diz nada, nada de suspeito, ele concluiria em sua elástica prosa. Esther parara de prestar atenção na primeira frase, estava decepcionada. Mas revelava seca que não podia delatar a amiga (mesmo sabendo de todos os romances de Sofia com góis proibidos).

Adão estava mentindo. Esther, nessa noite, sentiu raiva de ser tão estúpida. Na semana seguinte, Adão foi com as duas ao Dia na Moda, no Rio Branco, dia estereotipado em que as mulheres pagavam um pila para entrar, passeavam por feiras, entretinham-se com diversas tendas. Enquanto Sofia experimentava uma saia, Adão confessou que havia brincado naquela noite, que seu motivo para grudar na irmã era outro. Esther, que comia um algodão doce, engasgou-se, sua fantasia materializada, não havia instrumentos para lidar com a realidade, sua fantasia ali inteira, ela correspondeu reservada e nervosamente. Adão tocou levemente em sua mão enquanto falava, ela sentia borboletas no estômago.

Foi assim que Adão passou a ir até a Casa das Bolsas junto a Sofia no fim de tarde de sábado, depois subia sozinho com Esther, não mais a deixava no portão se fosse ainda início da noite. Os dois namoravam. iam aos bailes no Círculo Social Israelita, em cima do Cinema Baltimore, com orquestra ao

vivo. Dançavam bolero e tango de corpos colados, embalados por canções da Norberto Baldauf. Em algumas tardes de domingo, frequentavam o bar do Aurélio, comiam sanduíches abertos de pernil de porco. Adão descontraía, debochando, só como se for *casher*.

Hana simpatizava com Adão principalmente pelo sentimento genuíno que ela percebia vir dele em direção a sua filha. Benjamin, sempre mais tenaz, observava cauteloso o guri e proferia em conversas atravessadas com a mulher que aquele menino era um *kendale*³², aquele guri tinha um jeitinho de fazer as coisas que não era o certo. Nas conversas aromatizadas pelo café passado, Adão contara a Benjamin que largara a escola no quarto ano por não gostar de português, que trabalhara primeiro numa serraria com quatorze anos a mando de seu pai diabólico, Benjamin não se convencera pela visão vitimizada do garoto. Mas Adão tinha infinitas palavras para lançar, ele jamais se continha, jamais sinalizava um ponto final, a não ser se fosse interrompido. Seguiria então explicando que vivia numa maloca sem água aos quatorze anos. O irmão serrava a lenha e lhe trazia, ao que Adão a ensacava, metia-se numa carroça com rodas grandes de ferro, sendo conduzido por um cavalo árabe cor de pinhão, e montava sem cela, desengonçado e magrela a entregar nas casas das madames. Subia pelas escadas, os cotocos de lenha lhe pinçando as costas, as sacolas entre o pescoço e o ombro, nas saboneteiras.

Até que, não suportando a exploração, decidiu procurar um novo ofício. Candidatou-se para a vaga de aprendiz do seu Rosseli, um italiano que trabalhava na esquina da rua Uruguai, em um pequena oficina de peles. Seu Rosseli gostou da motivação do jovem rapaz e logo o contratou. Ali, soube manusear a máquina de dois pratos e uma lançadeira, meneios repetidos em que dava a laçada e trazia, para perto de si, a linha, a linha da sua vida. Ali eu aprendi a laçar Esther, ele brincava, ela revirava os olhos com suas hastes de bambolê. Adão era rápido e caprichoso, tornando-se um boníssimo peleteiro. Ele não adivinharia que a vida lhe pregaria uma peça - suas mãos destros e habilidosas desenvolveriam cedo o Parkinson, tornando-se difícil até mesmo tragar um dos seus cigarros.

Era assim que Adão apresentava-se nas primeiras conversas teoricamente superficiais para o pai de sua amada. Apesar disso, tinha bom humor, fazia graça de si mesmo, expressava sua opinião sem pudores. De certa forma, esse jeito causou boa impressão em Benjamin e em Hana, uma espontaneidade visceral, uma narrativa repleta de detalhes, de especificidades, justo perto deles - criaturas que generalizavam tudo o quanto possível, que pouco se lembravam de nomes de amigos antigos, de velhas histórias.

³² Em iídiche, refere-se a pessoas que fazem coisas com um jeitinho próprio, pouco honesto.

Que só tinham consigo, vagamente, os nomes de lugares borrados pelo nevoeiro, como as ruas do Bom Fim cujas placas ficavam turvas diante da neblina.

Prolixidade

A minha prolixidade
É o oco em meu peito
Que faz as palavras saírem
espirradas, sem jeito

O cérebro congela
Não me penso
Apenas falo como tusso,
Sangrando qualquer lenço

21.

Conto, na terapia, que não apareci no ultrassom que minha mãe fez poucas semanas após engravidar. O útero estava vazio, como o buraquinho na cabeça de Esther. O médico garantiu que não havia bebê ali dentro e rebateu com frieza a convicção dela. Ele puxou meu pai para um canto e perguntou se ela não havia enlouquecido, se tinha alguma fragilidade mental. Minha mãe foi embora da consulta bastante assustada, duvidando de si mesma – pois o especialista garantiria que a imagem já conseguiria denunciar uma existência, mesmo sendo recente demais. Essa sensação perdurou durante um mês, quando ela refez o exame com outro profissional e sim, me achara. Ali estava eu. Minha analista me pergunta como seria para minha mãe me perder, em um contexto em que me vejo viajando, indo embora. Não consigo supor como seria para minha mãe me perder assim como não consigo supor como deve ter sido para meus bisavós perderem absolutamente todos os que amavam e lidarem com o crescimento dos filhos. Meu tio-avô era um defensor do sionismo e participante de movimentos judaicos como o Dror, mas Hana lhe disse que não admitiria que ele fosse para Israel. Ela era alheia à política e alheia a novas perspectivas de vida, julgando tal ideia uma traição. Sua mãe adoraria sedimentar seus filhos e netos todos, grudados nela, em uma escultura coletiva imutável.

Não é tão simples para nós abandonarmos a argila seca, pois ameaçamos quebrar toda beleza e toda promessa de arte.

Benjamin entendia de couro como Adão entendia de peles. Um pouco mais interessado pela vida do garoto, Benjamin lhe perguntava sobre que materiais eram utilizados na fábrica de Seu Rosseli, ao que Adão esclarecia em pormenores. Eles não trabalhavam com a pele toda branca do arminho, pois era muito cara e não renderia clientela no país. O vison selvagem e o petit gris eram mais onerosos também, mas eventualmente se faziam casacos sofisticados com eles. Trabalhava-se com a pele do carneiro tostado, tingido de marrom, que era comercializada como mouton. Adão apreciava elaborar estolas com a pele da raposa da Sibéria, sendo necessário dispor de habilidades para regulá-la, cortá-la toda em V, e inserir uma camurça fina de cor branca em seu interior. As mais comuns e acessíveis eram as peles de chinchila e de coelho. Então Adão se punha a discorrer mais e mais, entrando em territórios longínquos para replicar a simples indagação de Benjamin. Os franceses retiravam a pele do coelho e consumiam sua carne. Passavam-na pelo curtume, davam-na tosa, tingiam-na de marrom, para então simular a pele de lontra, bicho selvagem mais raro de ser encontrado. A pele de coelho que chegava à loja do Rosseli vinha principalmente da França, da Rússia e do Canadá. O clima frio do inverno nessas regiões favorecia um pelo mais fechado e maior, diferente do coelho brasileiro, cujo pelo era falhado e menos atraente.

Quando a pele do coelho chegava, era primordial soprá-la com delicadeza. Por vezes, havia uma carequinha do tamanho de um polegar, devendo-se extraí-la com uma gilete ou costurá-la de modo a escondê-la, levantando-a inteira para não cortar o restante. Esther ouvia essa prosa com indignação, desgostosa de sua escolha afetiva, mas se esforçava para não transparecer o mal-estar. Como poderiam ser tão parecidos nesse ponto, o pai e o namorado? Viviam às custas do sofrimento dos animais. Justo eles, pertencentes a um povo que padecia, dois sofredores, como não empatizavam com a dor de um bicho? Afinal de contas, ela era o coelho com tricotilomania, ocultando seu buraco com perucas. Os homens devoravam sua carne e depois repudiavam as falhas do seu couro cabeludo, desprezavam a sua pele. Ela agora teria de expiar triplamente os seus pecados, rezaria demasiado, ainda que jamais vestisse um dos casacos de Adão para amenizar a culpa sentida.

Mas Esther havia, consciente ou inconscientemente, escolhido um homem que sabia falar, que sabia falar demais. Um homem que sabia chorar sem desesperar-se. Um homem que dizia aquilo que ela reprimia. Ele compunha malabares de palavras, trocadilhos muitas vezes toscos, outros certos. Ao dissertar sobre política, ele zombava— se partido fosse bom, não seria partido, seria inteiro. A família ria, um pouco sem graça. Agora Adão já jantava na Casa das Bolsas rotineiramente, já era repreendido por Samuel, que

levantava da mesa impaciente diante do locutório interminável do futuro cunhado. Agora Adão já contava para a família de seu quarto emprego.

Adão, como Esther, também era cria dos fundos de uma casa. A diferença era que ele abria seu próprio negócio com o dinheiro recebido do trabalho com seu Rosseli e construía uma fabriqueta apegada a um quarto no terreno de seus pais. Pediu para o tio uma máquina de costura emprestada, este lhe deu uma máquina enferrujada que Adão pacientemente desmontou, lubrificou, deixando-a no ponto. Seu negócio prosperou, estava com cinco empregados, mas não podia registrá-lo com menos de 21 anos. O pai lhe implorou para colocar a fábrica no nome de seu irmão mais velho, o outro irmão de Sofia que Esther pouco vira, um rapaz com bôcio e olhos desbotados pela ambição. A loja crescia e vendia tecidos, roupas íntimas para mulheres, valises de nylon, lençóis da Santista e, principalmente, os casacos de pele, que Adão confeccionava junto a sua equipe nos fundos da casa. A loja crescia e não levava seu nome, o que frustrava Adão. Afinal, ele era um grande criador de nomes próprios em histórias alongadas, em piadas judaicas. Ele concebia de Mendelzinho à sra. Iva Turkenicz, narrava suas idas ao banco, suas aquisições avarentas no brique. Mas Adão queria ter algo para chamar de seu para além de seus personagens.

Esther, circunspecta que era, não aceitava uma grande variedade de peças. Utilizava os mesmos modelos trazidos pelo marido até esgarçarem, até reformulá-los com sua tesoura precisa, somente abandonando-os quando seu estado fosse irremediável.

Minha camurça blue velvet

Uma rosa anoréxica
 Desidrata, rechaça
 As gotas d'água
 Sou sua
 Netinha-flor
 Maldita cavando
 Poços para hidratá-la
 Minhas unhas de pétala
 Estão sujas
 Ela míngua enquanto
 Gorgolejo
 Vovó não deixe
 Seu couro craquelado
 Sua pele de coelho
 Rala e carequinha
 Ser tapada com peruca
 Os visons selvagens
 São animais solitários
 Você se parece com eles
 Depois que sai do banho
 E passa um hidratante
 Nas pernas curtas
 A resplandecerem
 Beba um gole d'água
 Antes de ir embora
 Os cômodos da praia
 Onde você está?
 Quando ficou alheia
 A minha insistência
 De regador
 Minha rosa anoréxica
 Sua flor está riscada
 Resta fazer camurça
 Do lado oculto da pele
 Do lado avesso da pele
 Eu apalpo tuas mãos
 De pêssego,

Minha blue Velvet
 Veludo azul que
 Nunca se encarde
 Uma rosa anoréxica
 Incapaz de aceitar
 Minha ajuda ofertada
 Beba um gole d'água
 Ainda resta esperança
 De camurça para
 Eu sentir seus
 Marasmos como
 Se fosse cega e
 A descobrisse em
 Braile, na verdade
 Você é mais tátil
 Do que qualquer outra
 Coisa, seu pai dizia
 Que o couro precisa
 Ser sentido com
 A ponta dos dedos
 Minha rosinha
 Anoréxica, sem fome
 Você há de sentir sede
 Aceite um gole d'água
 Sou um regador que
 A persegue e a convoca
 Com as pontas dos dedos
 Minhas mãos que tocam
 A terra, as unhas sujas
 Seus olhos blue Velvet
 Minha camurça
 Que persiste na praia
 De Capão da Canoa
 As dunas de areia
 Uma rosa mirrada que resiste
 Você é uma sobrevivente
 Na teimosia de moça
 Mulher avó triste

22.

Eu decido colocar o vinil Refazenda, do Gilberto Gil, depois de muito me sentir endurecida com a poluição sonora da cidade, depois de muito procrastinar a minha escrita, a evolução de meus pacientes, depois de refletir sobre toda a existência de uma menina que atendo chamada Valentina, uma menina com traqueostomia que usa um bottom na barriga para não extravasar o líquido do corpo, a boca escorregou e parou perto do umbigo, uma menina chamada Valentina que não tem fechos, cujo forro está invertido, que não sabe fazer fronteira e vaza, todos os coleguinhas zombam dela, contrabandistas, cuido os meus limites para não invadi-la. Eu decido colocar o vinil Refazenda, porque a minha mãe me mostrou a música brasileira desde pequena, nós duas assistindo aos concursos de MPB da televisão, embora ela me contasse que a música não estivesse no sangue da nossa família, não havia rádio na casa dos seus pais e avós, eu escuto isso com bastante alumbramento, acho fascinante que pessoas vivam no silêncio, na verdade ritmadas por uma caneca batendo na pia, a torneira escorrendo, o ruído dos carros ouvidos de dentro do portão, essa poluição sonora que me endurece. Ponho o LP no toca-discos do meu quarto. Como moderninha-clichê que sou, gosto das coisas antigas, uma indie retrô. A música escolhida é Retiros Espirituais, eu abraço meus joelhos, entoo baixinho: nos meus retiros espirituais, descubro certas coisas tão normais, como estar defronte de uma coisa e ficar horas a fio com ela... estou concentrada, à flor da pele, pela primeira vez paro em meio a tantos dias acelerados, conectados ao iphone, whatsapp e instagram. Sou invadida pelo sopro nostálgico de um tempo que não é o meu, mas o da minha mãe, um tempo em que ela ia ao show do Gil no Araújo Viana a céu aberto, calças pantalonas, brincos de argola, bolsa de tricô, cinto gigantesco, mascarando balas de

goma, e o seu pai lhe aparecia para lhe envergonhar e dizer que aquele cantor era um desajustado que só emitia ruídos sem letras e que já estava tarde, aquela música era de comunista, comunista da mesma laia dos que na Ucrânia mataram sua família, aquela música deveria ser interrompida. Eu estou muito mergulhada na figura da minha mãe jovem sendo levada para a porta, puxada pelo braço, enquanto me concentro em todo o arranjo e sinto que continuo a sua biografia, nossas pequenas heresias que atravessam anos de história, os homens que não nos compreendem. De repente, a música empaca, há uma ranhura no disco da qual eu havia me esquecido, o disco está arranhado, a voz do Gil agora abandona a serenidade e é frenética de ecolalia, desfaço minha posição em meio ao susto. Estar empacado em meio a uma melodia interrompida, a cantora que perde os movimentos e que fez meu avô chorar, uma carta que emudece e abafa a comunicação na casa de minha avó, só fazendo subsistir o ruído da janela enguiçada, o barulho da chave a rodar, os ossos estalando, as mastigadas ásperas da garota comendo um pão pela manhã. Os Dj's costumam abusar desse efeito. Eu não tenho nada contra Dj's, contra os seus scratches. Na verdade, eu amaria poder voltar e avançar a fita rapidamente, saber do passado e das consequências da minha sapiência no futuro. Mas estou inviabilizada, ainda, de criar arte com isso que trava, com isso que fere, com isso que esteticamente me desagrada. Levanto irritada e coloco a haste de metal do toca-discos para um pouco depois, desloco-a temporal e espacialmente. Eu pulo a parte arranhada que incomoda, a cabeça doendo. Preciso prosseguir a melodia interrompida, recomeçá-la como for possível, mesmo que evitando contatar o talho, o risco do vinil. Mas o corte está em mim quando termino a canção, a flauta, o violão, a percussão, sou atingida em golpe drástico e reconfortante, o corte permanece e gosto da sua

coloração, da sua profundidade, o corte me convoca e eu o persigo: um momento novo, vento devastando como um sonho sobre a destruição de tudo, que gente maluca gosta de sonhar. Eu diria sonhar com você jaz nos espirituais sinais iniciais desta canção. Retirar tudo o que eu disse, reticenciar que eu juro, censurar ninguém se atreve, é tão bom sonhar contigo, oh, luar tão cândido.

Esther foi pedida em noivado com um pequeno anel de brilhante. Os pais aquiesceram, Benjamin já menos relutante. O noivado foi realizado em uma pequena cerimônia conduzida por ninguém menos que o *shoichet* gordo de mãos sujas que degolava galinhas. Ao final, o *shoichet* passava o prato para recolher donativos, afirmando aos donos da festa que, em retribuição, não cobraria pelo bris³³ do neto que um dia viria.

Esther e Adão casaram no ano seguinte, em um almoço abastado no Círculo Israelita povoado basicamente pela família de Adão. O cerimonialista eleito, dessa vez, não fora o *shoichet* mendingante por gorjetas, mas o cantor de músicas hebraicas, seu Citrin. Tinha uma voz forte que atingia notas surpreendentes para a imensa família de Adão - pouco menos incríveis para Hana, Benjamin e Samuel, céticos com o poder da música. Esther e Adão, embaixo da chupá³⁴, beijavam-se timidamente. O marido quebrava um copo com o pé direito, conforme a tradição. Um dia, ele contaria para a neta – a minha pisada gerou muitos cacos de vidro, muitos mesmo, uns cento e tantos pedaços.

Hana e Benjamin compraram, com suas suadas economias, um apartamento para presentear os recém-casados. Como este ainda estava em construção, Esther e Adão mudaram-se provisoriamente para a casa da Santana, em cujos fundos Adão havia montado sua fabriqueta e um quartinho. A família do rapaz morava, fazia pouco tempo, no centro da cidade, de modo que a casa antiga estava vazia. Esther arrumava, pela primeira vez, uma pequena mala para ir embora dos limites do Bom Fim. Esse curto período seria marcado de certo gozo de autonomia e de liberdade pelo casal emancipado, os dois explorando-se em sua solidão desajeitada. Não demorou para nascer a primeira filha, cujo nome escolhido fora Sandra. Esther trabalhava como professora primária na vila Maria Degolada, terminava o magistério, estava atarefada. Mãe de primeira viagem que era, costumava deixar a bebê com Hana, e a avó convalescia com aquela nova possibilidade de cuidado. Hana via em Sandra uma fonte de cura, uma história virgem recém-inaugurada, livre do passado distante.

Após dois anos, Esther engravidava novamente. O nascimento da segunda filha, chamada Ruth, coincidia com a mudança para o apartamento da Felipe Camarão, que ficava pronto. Em meio a caixas, fios elétricos soltos, rodapés despregados, Ruth fincava a sua existência. Esther, na dificuldade de conciliar amamentação com a situação estressante, entregara a filha mais velha aos cuidados de Hana provisoriamente. Esses dois meses que Sandra passara com os avós renderia em Esther uma culpa mortífera, a ponto de superproteger e sufocar o rebento nos anos seguintes para compensar o

³³ Bris ou Brit Milá – circuncisão realizada pelos bebês judeus do sexo masculino.

³⁴ Chupá – tenda embaixo da qual ocorre a cerimônia do casamento judaico.

breve afastamento. Ela jamais se perdoaria por tal abandono e levaria ao extremo seu estereótipo de mãe judia zelosa, simbiótica, aquela que não dorme até que as filhas cheguem em casa, esperando-as com Nescau morno. Aquela que telefona sete vezes para as filhas já adultas para saber se chegaram bem à praia e que se ofende visceralmente caso as netas não liguem uma noite para lhe dar boa noite. Aquela que passa mal com náuseas e vômitos se está chovendo quando a filha embarca para Salvador e que só sossega quando a neta lhe mostra o itinerário do voo pelo celular. As duas ficam acompanhando a rota no iphone, a avó com os olhos cravados na tela, em meio a Gatorades e bolachas de água e sal. Aquela que depois de se despedir da neta ligaria para ela às 3h da manhã para conseguir o DDD de Salvador por estar com maus presságios.

É 071, 015, 021? Você saberia me informar, *bubale*?

Solidariedade

Esther pegou um estilete e me lascou inteira quando eu mesma
duvidava que existia
Adão quebrou um vidro de pimenta na minha frente quando eu achava
que nada mais podia arder

As pessoas todas me ampararam com choques elétricos para ver se eu
dormia

23.

Quantas angústias cabem num corpo?

No bolso do jeans grudado à perna suada, quantas?

*Na mochila bagunçada, revirada de esquecimentos,
quantas?*

*Nas roupas do armário caótico da vó, que eu tento
dobrar e conter como numa avalanche, quantas?*

Hana havia desabrochado com as presenças de Sandra e de Ruth. Estava mais conectada com o bairro, com a facilidade de ir comprar balinhas para as netas no bar do Seu Juca, na esquina da Felipe Camarão. Sandra era mais quieta e contida, passando horas a contemplar os couros das bolsas em suas ranhuras. Já Ruth era dona de uma agitação nunca antes vista na família, sendo apelidada de pipoquinha. Esther trabalhava o dia inteiro e deixava as meninas sob os cuidados de Hana. Sandra e Ruth, ainda pequenas, passavam as tardes nos fundos da casa a se pretenderem princesas cavalgando nos braços das poltronas berger, ou a fingirem darem aulas uma para outra, imitando a mãe em seu ofício de professora.

Esther deslocava-se até o trabalho em um longo caminho tortuoso. Apanhava o bonde Gasômetro até a João Pessoa, saltava, esperava cerca de cinco minutos e dali pegava o bonde Partenon. Descia na Bento Gonçalves e subia uma imensa lomba até a escola pública onde lecionava, que estava situada na entrada da Vila Maria Degolada. Os chinelos de borracha evitavam que entrassem pedras a lhe pinicar os sapatos. Até na chuva era preferível calçá-los, lavando os pés na torneira quando chegava. Ela usava botas de couro somente no inverno, demorando mais tempo para subir até o topo, dado o peso desse calçado compacto. Bufava de dores musculares, contrariada pela temperatura baixa.

Um dia, houve uma pequena intercorrência. Telefonaram para Esther, que lecionava sobre verbos intransitivos, como o verbo nascer, quando foi avisada de que Ruth se machucara. Esther deixou a vila apressadamente, os dedos dos pés pressionados para não derrapar lomba abaixo e para não perder os chinelos. Nessa época, Esther havia pego piolho pela quarta vez. Nos períodos em que contraía a terceira praga do Egito, ela lembrava-se vagamente de Pessach e se prontificava a raspar os cabelos das filhas com máquina zero, as melenas grossas e fartas que haviam herdado da família de Adão despencavam nos fundos da Casa das Bolsas ao som agudo e intermitente como o alarme mais odioso. Esther ruminava - mas que *shlimazel*³⁵, que *shlimazel*, é muita má sorte, a quarta vez empiolhada, só podem ter me rogado uma praga mesmo! As meninas ficavam de coco pelado.

Sentiam-se nuas ao andarem pelo Bom Fim.

Nesse dia da ligação na escola, Esther chegou à Casa das Bolsas e se deparou com Hana atucanada, as mãos na cabeça, meu deus, ela gritava, a Ruthinha entrou vitrine adentro e se cortou no rosto, *oy vey, oy vey!*³⁶ Eu não

³⁵ Shlimazel – em iídiche, significa azar, falta de sorte.

³⁶ Oy vey – expressão em iídiche que significa “ah não!”, aludindo a um desespero.

devia ter deixado a *bubale* sozinha, minha *kindella*³⁷ querida se bateu tão feio! Hana já havia levado a neta em dois médicos e estava prestes a conduzi-la ao terceiro, o dr. Katz, pois os anteriores eram fraudes, ela conspirava - são uns *schlocks*, não nos prescreveram nenhuma medicação! Coitadinha da minha *kindella*, preciso de um *macher*³⁸, alguém deve fazer alguma coisa para ela melhorar! Esther, em vez de rechaçar o alvoroço extremado de Hana, embarcava junto, mãe judia agoniada que era – não negava esse traço de caráter hereditário. Correu até os fundos da casa, onde estava Ruth a segurar um gelo enrolado com pano na testa: um ínfimo galinho denunciava o acidente, logo abaixo de sua cuca lustrosa e careca. Esther beijava a filha, aliviada, tocando-lhe a face e a ensopando de babinhas adocicadas. Ruth limpava o rosto em gestos bruscos, suspirando.

Apesar desses pequenos incidentes imprevisíveis, tudo corria bem na vida de Esther, Adão, Hana e Benjamin. As meninas eram guiadas por Hana até o Instituto de Educação, onde estudavam. Ruth e Sandra seguiam de mãos dadas pela Osvaldo Aranha junto da avó, cadernos nos braços e mochilas às costas. Esther, nos feriados, ensinava a filha mais nova, que era a mais desbravadora, a como ajeitar um bom pacote para os fregueses da loja. Esther envolvia os grandes papeis decorados com árvores natalinas ou com coelhos de Páscoa e os dobrava delicadamente, recortando com tesoura as sobras, a língua para fora tocando o buço, denunciando sua vívida concentração. Ruth não se continha em sua admiração por Esther, julgando a mãe uma estrela de cinema, e não se inibia de a seguir imitando.

Eis que, no inverno de 1969, Hana começou a apresentar uma tosse seca, uma tosse seca que crescia a ponto de manchar lenços, de contaminar toalhas. Esther acompanhou a mãe para fazer um raio X de tórax. Hana estava mentalizando pequenas orações e reproduzindo suas superstições a todo lugar. Embalou o espelho para afastar o risco de quebrá-lo, os elefantes estavam todos dispostos na sala, os chinelos virados para cima. Ela impelia Esther a repetir esse mesmo comportamento ritualístico, não adivinhando que a filha já carregava consigo suas obstinações. Adão e Benjamin assistiam impassíveis às crendices das duas mulheres, acreditando que a suspeita da pior doença não passava de mais um dos seus exageros – elas não param com essas *mishugas*³⁹, cada loucura que me inventam, grunhia cético o já envelhecido Benjamin. Até que o resultado chegou, um envelope que outra vez Benjamin abria e que continha desenhos brancos em fundo preto que mais pareciam arte moderna, pequenos borrões que aludiam a dois órgãos encostados. As mulheres não tiveram coragem de olhá-lo. Esther sussurrava

³⁷ Kindella – expressão carinhosa em iídiche para se referir a crianças.

³⁸ Macher – em iídiche, significa tomar uma atitude.

³⁹ Mishugas – em iídiche, significa loucuras.

diante do Dr. Katz, as mãos entrecruzadas, *kaina hara, kaina hara*⁴⁰, *Deus te proteja de todo mau olhado, Deus te proteja* – e mirava sua mãe de soslaio.

A sala do Dr. Katz era muito iluminada. O rosto do Dr. Katz era sombrio como as multidões em dia de chuva. Pela primeira vez na vida, a onipotência supersticiosa de Esther e de Hana não lhes rendia frutos. Não espantava a sina da doença. A distância absurda mantida entre as duas mulheres e a morte era finalmente suprimida, como quando um mapa é dobrado e dois lugares apartados se encostam. Um destino talvez seja inescapável mesmo, todas as superstições do mundo não poderão afastá-lo, modificá-lo, atenuá-lo. Hana tinha câncer no pulmão, justo ela que nunca fumara e que reprimia o marido e o genro para largarem esse vício detestável. Justo ela, que sonhava constantemente com a asfixia em câmaras de gás e conferia mil vezes se o fogão havia sido desligado corretamente, temendo morrer intoxicada enquanto dormia um sonho medroso. Hana queria viver, por mais que os anos parecessem ter estagnado durante a maior parte de sua existência, só voltando a andar quando as netas nasceram.

Ruth e Sandra assustavam-se ao aperceber a mãe tão pálida. Esther tirou licença no magistério, acompanhava as internações constantes de Hana, as meninas iam fazer temas de casa no hospital – porque Esther nunca, de fato, havia criado um lar seu para que as filhas morassem e se abrigassem. As meninas desfrutavam maior parte de suas horas na casa dos avós ou, agora, no hospital. A família não comemorava mais Pessach. Ainda bem, Esther pensava, supondo os sabores amargos da Keará, com sua raiz forte. Ela preferia empanturrar-se com os ovos de páscoa, pingos de serotonina para lhe conferir algum prazer no cérebro. Hana, quando voltava para a Casa das Bolsas, por curtos períodos, trancava-se no quarto e uivava de dor baixinho, temendo afastar a freguesia.

Hana faleceu no ano seguinte sem delongas, abreviando o derradeiro momento como num sopro. Os fantasmas que Esther portava nas costas se regeneraram com essa nova perda, como se tivessem força novamente para adentrar a sua cabeça blindada. Sua *shivá*⁴¹ estendeu-se por bem mais que sete dias, ela trajava preto e tinha a face fúnebre. Passava horas descascando cebolas na pia, o cheiro a lhe contagiar, o rosto inchado e as lágrimas fixas. Esther regressava à sua Primeira Cena, à sua montanha de crista alta, de crista pontuda, mais íngreme que a lomba da Vila Maria Degolada. Ela queria, sim, degolar-se como o *shoichet* degolava galinhas. Esther retornava para o trauma, para a tragédia, como o único território seguro que reconhecia. O resto era limbo e lama.

⁴⁰ Expressão em iídiche que significa que Deus te proteja ou Deus te proteja de todo mal.

⁴¹ Shivá - período de luto judaico com duração de sete dias após o sepultamento.

Dois anos se passaram, e Esther seguia usando as cebolas como pretexto para chorar. Um dia, Ruth rebelou-se e pegou um espelho para que a mãe se mirasse. E ali estava ela, Esther, os olhos empapuçados marcados de lápis, um vestido preto surrado, as bochechas manchadas de descuido. Os anos ganhavam forma em sua pele, a qual se fazia testemunha da passagem. Nesse instante, Esther decidiu sair de sua *shivá* e trajar o azul turquesa combinando com sua íris. Mas outros lutos mais obscuros e sutis a rodeavam. Benjamin também entrara em uma depressão após a morte da amada. Sua alma desfalecia como se ele minguasse, minguasse, a ponto de ficar diminuto. Fraco que estava, sem desejo de se alimentar, foi acometido por doenças crônicas como a diabetes. Justo ele, que tanto amara doces. A vida perdia os sabores, ele fumava para esquecer, fumava, pois a fumaça turvava os contornos dos objetos da casa, os contornos das pessoas. Não suportava mais as queixas fúteis das freguesas, nutrindo ímpetos de socá-las com sacolas rígidas.

O seu cometa havia partido. Seu avião, decolado. Finalmente. Finalmente um movimento. Mas ele havia ficado do lado de fora, contrariado a esperar, contrariado e esquecido, com os pés sempre fincados na terra cimentada do Bom Fim. Eis que contraiu um problema pulmonar, como a mulher. Tossia e manchava janelas, em seu desejo oco de sair de casa. Ficou esquelético e pálido como um sobrevivente dos campos.

E foi assim, sem perguntar a ninguém, sem hesitar, que pôs à venda a Casa das Bolsas, mudando-se para um apartamento minúsculo na Henrique Dias.

Esther ficou sem chão. Tudo o que tinha estava condensado naquele terreno estreito por fora e imenso por dentro, naquela fachada amarela, naquelas bolsas que se renovavam a cada estação e que a remetiam ao futuro, ao futuro possível. Adão tentava segurar as rédeas da situação e preparava sanduíches de peito de peru às filhas no apartamento do avô, conduzia-as à escola, daminhas sem lar que eram. As duas só retornavam à residência da Felipe Camarão antes de adormecer e encostavam-se no pai para ver filmes western na televisão, os caubóis petulantes ironicamente lhes traziam paz.

A Casa das Bolsas fechava como uma porta que se bate todos os dias ao se sair de casa apressado para ir trabalhar, amarrando a gravata ou calçando as sapatilhas enquanto se desce as escadas. Fechava na banalidade prosaica e cotidiana, destituída de criatividade, fazendo jus ao seu nome.

Alguns fregueses lamentaram, mas logo se acostumaram com outros tantos estabelecimentos de bolsas que ganharam morada ali - ainda que a lucidez de Esther tenha sido a de querer esperar mais por essa transição, a de querer guardar um pouco do passado em si, a de querer elaborar o término apressado. Ela não gostaria que o novo a invadisse desse jeito, do mesmo modo como prédios tecnológicos e envidraçados apagam casas antigas de

tijolos, as quais resistem na lucidez de terem sido construídas intimamente pelas mãos de seus próprios moradores. Ela vislumbrava encaixar a corrente prateada rompida que a mãe usava, reposicionar suas pérolas, não ser uma ermitã ao vento. Esther estava lúcida em meio aos passos morosos e adoecidos de seu pai. Esther estava lúcida e isso a assustava, como se tivesse acordado de uma anestesia que embaralha os sentidos de toda uma vida. Ela agora sentia dor.

Benjamin seguia fumando em sua teimosia de homem refratário a prescrições médicas. Ele não era tão facilmente seduzido pelo saber do Dr. Katz como a falecida mulher e a filha, hipocondríacas a cultuar receitas e medicações como templos convictos. Benjamin conspirava, inclusive, que o Dr. Katz fumava na intimidade para suportar tamanhas súplicas de mães judias desesperadas. Adão sentava-se com o sogro e os dois pitavam nostalgicamente, baforadas que lhes repercutiam satisfações. Até que atendeu ao último desejo do velho: o de ganhar um radinho de pilha, fazendo-lhe a surpresa de comprar um sony no bazar do Alfredo, quase na esquina com a Miguel Tostes. Foi assim que a melodia de Benjamin se reativava, ele com os olhos longínquos de solidão a contemplar o reflexo nas janelas, uma vida inteira que poderia ter sido e que não foi, uma vida inteira que foi e que passou, o Barbeiro de Sevilha e a Madame Butterfly tocavam incansavelmente, os ouvidos peludos depositados na caixa de som. O radinho mais parecia uma pequena sacola preta com uma ínfima alça.

Benjamin deslizava os dedos pela antena. Languidamente.

Eclodia, de suas veias mescladas aos fios elétricos, um desejo de transmissão.

Os dedos iam, vinham, acariciando-a, como se toca uma corda frágil de violino.

Um radinho de pilha, um sinal que pegava, o contato logo rearranjado em sutis movimentos caso a música chiasse. O contato logo rearranjado.

Benjamin pôde voar através da melodia. Ele morreu no mesmo dia 11 de novembro que a mulher, exatos três anos depois. Ambos por complicações pulmonares.

Decolagem

Seus chinelos de astronauta
Virados cuidadosamente
para cima após descalços
(Não se sabe ao certo
O tempo que a borracha
Demora para se decompor
Estimam-se 600 anos)
Transportam-na ao cume
Das montanhas
Ao bico do céu
Uma lua prateada
Povoada por fantasmas,
Essas
Eternidades sem nome

24.

Meu avô resumiria sua vida para mim praticamente em duas esferas - sua noção de casa e sua necessidade irrealizada de locomoção.

1. A casa ou o nascimento

Nasci num depósito de um pequeno armazém. O irmão do meio de três filhos que vieram ao mundo com 5kg. Mas minha mãe sempre dizia que quem arrebentou toda ela fui eu. Fui o único que nasci em casa. Tua avó também, porque, na época do Samuel, já se poderia fazer o parto com doutor no hospital.

2. Os deslocamentos ou a morte

Quando morrer, quero colocar minhas cinzas na caixa d'água da zona sul - assim, todos vão ter de me engolir.

Meus avós nascidos de mãos de parteira. Meus avós que acreditam que possuir uma casa é ter de se grudar nela, é jamais poder deixá-la. Meus avós que não carregam casas dentro de si. Meus avós que só partem depois de mortos. Que só se movem quando cremados, cinzas ao vento. Na tradição, os judeus não podem ser queimados. Minha mãe sonha com crianças queimando em fornos a lenha, abre um a um, mas não me encontra. A subversão que só ocorre quando não mais se vive.

Esther e Adão tentavam prosseguir a vida em meio a saudades, ao fim do nome do lugar ancorado no entardecer que lhes funcionava como porto seguro até então. Não mais pronunciar a *Casa das Bolsas*, porque era melhor esquecer. Ruth e Sandra não compreendiam, ficavam afastadas dos rituais de despedida, pois Esther julgava que as filhas não teriam paciência de esfregar uma mão na outra após o sepultamento, os avós envolvidos com mortalhas assépticas que ocultavam suas carnes contaminadas – as meninas poderiam trazer consigo maus agouros do cemitério caso estivessem sujas.

Eles nunca viajavam. Estavam sempre na Felipe Camarão e em seus arredores. Mas não necessariamente por afeição a suas raízes. Estavam presos, seus descendentes pensariam. Esther, com sintomas claustrofóbicos, tinha pânico de avião. O marido passava os dias assistindo a programas estilo Globo Repórter e acreditava não ser importante viajar - ele já havia visto de tudo. Conhecia as grandes montanhas, como o Everest, a Chomolungma, a K2, a Kangchenjunga. O Nepal, o Paquistão, a China. Não eram as montanhas às quais Esther recorria em seus arrebatamentos, com suas cristas pequeninas situadas no Bom Fim. Tratava-se das mais altas do mundo, e Adão as reconheceria no mapa aberto e riscado de caneta vermelha, todas elas, sem nunca haver saído do lugar. A única travessia que realizavam a cada veraneio era a de ônibus até a praia, com agora duração de duas horas, sendo percorrida não mais pela orla marítima, mas por uma estrada mal asfaltada repleta de bueiros. O farol não era mais contemplado para anunciar a presença de Capão da Canoa, como as solenes cornetas anunciavam a chegada dos pomposos reis antigos. A chegada agora era menos gloriosa. A família de Adão possuía um apartamento no centro de Capão, frequentando-o durante o ano novo e a primeira dezena de janeiro. Adão havia acordado com os pais e os irmãos de frequentá-lo com a mulher e filhas nos quinze últimos dias de fevereiro. Chamava-se Edifício Conforto, cujo nome condensava uma ironia - não tinha nada de confortável. Era sujo, barulhento, as paredes emboloradas. Dona Neide, a zeladora, acordava às seis da manhã e cantava enquanto varria o saguão, seu berro ecoava e desadormecia os moradores. Os gatos chiavam e se escondiam debaixo dos carros de alguns proprietários. Ou dona Neide gritava com o sobrinho pequeno, vá, Inácio, tira essa roupa daí!, a voz rouca de cigarro que não modulava em intensidade. Ruth, Sandra e Hana despertavam assim, iniciando os dias de mau humor. Adão levantava mais cedo para caminhar na areia sob o amanhecer e para depois preparar metodicamente o seu clássico lombinho ao molho vinagrete. Descia para a grande mesa do saguão, descascava as cebolas e, ainda chorando, picava o tomate. Metia muito carvão na churrasqueira; enquanto a esquentava, banhava o lombo com o molho recém-feito, para ele ficar úmido como o sofá da estreita sala do apartamento no Edifício Conforto. Seu espeto metálico atravessava o porco impiedosamente, a carne toda comprimida ia ao fogo. As

meninas se deliciavam, o pai é um chefe, um chefe gourmet! As netas jamais teriam a chance, no futuro, de contemplar o velho cozinhando apaixonado. Ele já estaria aposentado de si próprio, sem vontade de mexer os joelhos. As netas se deitariam na mesma cama em que Sandra e Ruth sonhavam no Edifício Conforto, tábuas duras de madeira. Elas também despertariam com os urros da dona Neide e, quando estivessem quase adormecendo novamente, seriam irritantemente avivadas pelo fragor das mãos dos avós a tatearem sacolas plásticas. Eles dormiriam no sofá da sala e deixariam seus pertences enrolados em sacolas do supermercado no armário do quarto em que as netas estariam. Acordariam mais cedo para ir à beira da praia, cerca das nove da manhã, mensurariam o barulho dos pés na madeira com zelo, mas sua precaução de nada adiantaria, a sinfonia de ruídos das sacolas plásticas em movimento seria estridente. Na escuridão do quarto levemente rompida pelos raios de sol entre as persianas, eles procurariam seu protetor solar fator 60, seus chapéus, seus óculos de sol e seu minguado dinheiro para comprar pastéis de queijo. Sondariam os pertences como detetives cegos, fazendo as sacolas chiarem em sua dança agoniada. As netas se debateriam na cama, juvenzinhas exaustas que eram, bufariam e não conseguiriam descansar na época de veraneio.

Ambições

*Nossa família,
Cardume
No asfalto*

*Tenta vencer o
Tapume
Aos saltos*

25.

Minha andorinha de voo partido, alguém quebrou suas asas usando uma foice, pois elas eram pesadas, imóveis como raízes. Minha avó cimentada no asfalto de uma cidade tantas vezes triste que chamamos Porto Alegre. Ela passa os dias na cama assistindo à programação completa da globo, ou então vai à igreja e reza de joelhos, ou ainda ao Iguatemi e olha todas as vitrinas, curiosa, sem permitir-se comprar. Atraca o ônibus em frente de casa e foge do marido que brinca, defendido, ela nem me ama mais, deve estar tendo um caso com um juvenzinho. Ela pega um pote de plástico do buffet a quilo da esquina, misturando polenta frita e peixe assado, porque tem preguiça de cozinhar. Ela irrita-se com o marido quando ele começa a falar até abafar o tv fama e as fofocas de celebridades de que ela tanto gosta. Ela aumenta o volume, bufa, fica zangada, mas de modo algum ergue a voz.

Ela diz que velhos não têm notícias e me confessa ter sido muito assediada pelos professores da escola quando lecionava, mas pelo amor de Deus, não conta isso para o teu avô. Ela diz que velhos não têm notícias e encontra uma senhora chamada Mirna quando está comigo passeando pela Osvaldo, sente medo da cadela que Mirna cuidadosamente deixa dentro da porta, ela e Mirna dão-se as mãos, pronunciam nomes que nunca antes escutei, ambas apresentam um sotaque gaúcho dos anos 40, o r proferido mais escarpado. Fico pensando quem é essa senhora por quem ela parece cultivar afetos puros da sua mocidade, por que ela rompeu o contato se Mirna é ótima, se Mirna diz, aparece aqui em casa Esther, a gente come um bolinho de cenoura com calma, eu só encontro você no Zaffari.

Gostaria de ver a minha avó programando viagens com suas amigas, exercitando-se, perdendo-se em risos maiores que seus deboches comedidos. Mas tudo de si ela atribui como vergonha, uma velha que perdeu a noção do tempo, que se

acha adolescente, o seu tempo acabou, essa calça jeans não é de gurria?, ela me pergunta, e eu lhe digo que está uma gata. Mas eu não quero ser gata, quero admitir a idade que tenho, ela retruca. Ela detesta eufemismos para a terceira idade como juventude acumulada e, no entanto, um dia confessa que não suporta pensar na morte, que seu sonho era que desenvolvessem uma cápsula da eternidade para nunca morrer, a vida estendida até no mínimo os duzentos anos, ela contemplando os tataranetos adultos e a continuidade da sua genealogia. Sinceramente não compreendo, pois ela fala estar mais pra lá do que pra cá desde que nasci, afirma que não há novidades, questiona por que você escreve sobre mim se não sou uma pessoa famosa? Sou seu objeto de escrita de repente, mas você não se descentra, não se importa de fato comigo. Só com a avó da sua cabeça. Você quer escrever sobre mim, mas há semanas não me telefona.

Você fala da minha vida sem perguntar, na verdade você fala de seus próprios sentimentos.

Ela finca todos os seus alfinetes em minhas nádegas, pondo-me tonta, nauseada, pois é difícil nessas horas perdoá-la. Ela me deixa em pé, sem jamais me sentar, movendo de um lado a outro meu corpo carregado de culpa, uma imensa sacola de alfinetes que beliscam e me recordam de que não estou imune, de que sou parte da sua dor, do corpo adoecido. Se ela quiser suturar a ferida e mutilar o pedaço podre, vai cortar uma porção da minha carne, péssima cirurgiã que é.

No entanto, ela me lança suas espadas pontudas sem lembrar que há pouco me revelara seu desejo de permanência: ela quer persistir nos tataranetos, existir por

séculos. Urge que eu a escreva, grafia incerta que inscrevo em nossos pulmões sem ar, errante tatuadora que sou.

A depressão é uma forma de fingir não lutar pela vida, de desistir de antemão quando, no íntimo, se espera que a vida surpreenda e a convença, como nas crenças mágicas por superstições. Ela prefere ficar estática na sala com seu cobertor de lã com cheiro de espirro mesmo no verão a declarar que ama viver, que sobreviveu e que adora a sua resistência.

É curioso pensar que Esther, esse filhote da Casa das Bolsas, essa prima da Courolândia, nunca houvesse tido a sua própria bolsa. Ou seus sinônimos. Alforjes, bursas, valisas, malas, embornais, mochilas, maletas, capangas, carteiras. Nada.

Na escola, levava apenas um caderno e pedia lápis emprestado para Sofia. Quando saía em sua adolescência, enfiava a mão dentro de uma das bolsas da prateleira da loja, removia o jornal colocado em seu interior, e a preenchia com algumas notas de dinheiro e com sua carteira de identidade. Depois, voltava e devolvia a bolsa ao lugar exato, recolocando o jornal amassado no forro. As mãos cheiravam a papel impuro e barato, ela ia então dormir.

Muitos e muitos anos mais tarde, ela se posicionaria no banco do pátio da escola ídiche em que suas netas estudavam, esperando por elas para levá-las para casa, os amigos comentariam, maldosos, por que a avó das gurias carregava tantas sacolas plásticas consigo.

Ela nunca tivera bolsa. Andaria pelas ruas do Bom Fim com cerca de quatro sacolas duras e barulhentas da Marisa ou da Renner sempre, duas em cada cotovelo, e dentro delas mais sacos molengas de polietileno envolvendo chocolates Ferrero Rocher que ela trazia para as netas. A mesa de sua sala era uma infinidade de sacos plásticos do Zaffari. Se a neta queria um lápis de cor para desenhar, precisaria abrir sacos e mais sacos, encontrando desde balas de menta a rosquinhas da Maomé para achar três ou quatro lápis enrolados. A cozinha também era minada de plásticos, inclusive dentro da geladeira - os sacos brilhosos e pequenos das comidas congeladas eram colocados no freezer e os restos do buffet a quilo ficavam em caixas de isopor dentro dos sacos recebidos no restaurante. Não havia somente um lixo, mas sacos e mais sacos separando os tipos diferentes de materiais numa pilha desesperadora. Ela, que teria consciência ecológica para realizar a coleta diária e uma culpa imensa pelos pais haverem explorado o couro por tanto tempo, não se daria conta de que estaria, com esse vício por sacolas plásticas, a entupir bueiros, a causar enchentes, a deixar as tartarugas sem respirar, mortas na beira de Capão. Se ela adivinhasse sua parcela real de irresponsabilidade ambiental, permaneceria o dia inteiro na igreja para expiar os pecados.

A neta, numa tarde, perguntaria por que diabos a avó nunca possuiu uma bolsa. Ao que o avô se precipitaria e responderia - porque ela tinha todas as bolsas à sua disposição.

Esther jamais se deu conta de que não desenvolvera um senso de propriedade. Nunca tivera um lar que pudesse chamar de seu. Quando as filhas eram crianças já crescidas, seguiam fazendo todas as refeições na Casa das Bolsas, de modo que só voltavam ao seu apartamento na Felipe Camarão para dormir. Era Hana quem cozinhava e quem as acolhia, enquanto Esther e

Adão trabalhavam. Anos mais tarde, quando a neta queria visitá-la, Esther não a deixaria subir e diria, me encontre ali na sorveteria Cronks, que eu já desço.

Uma mulher sem bolsa, sem memória. Todos gostariam de um dia vê-la feliz, feliz de novo, feliz pela primeira vez, apropriada de si.

Resignação

*Esther afoga as mágoas
Lavando a louça*

*Todos esses manequins a esperar
O restaurante abrir*

*Eles te convocam com os olhos
Tu baixas a face, o asfalto torto*

*Segue com teu passo rápido,
a postura curva*

*a Casa de Sacos Plásticos
Do supermercado*

*Tua pia imunda de pratos,
restos cotidianos*

*Esther afoga as mágoas
Lavando a louça*

*Ela espreme o lábio
Enquanto limpa*

*O detergente vaza
O ralo entope*

*Ela bate no lixo
as sobras acumuladas*

*tim, tim,
tilinta*

*Bate mais uma vez,
Mudando o ângulo*

*Tim,tim,
tilinta*

*Agora sim:
Não há mais nada.*

*(Os pratos escorrem
A umidade convida*

*Adão vai então secar a louça:
Botar panos quentes)*

26.

É Natal e, pela primeira vez, decidimos fazer um amigo secreto. Pelo fato de a família de minha mãe ser judia, sempre celebramos essa festa mais moderadamente, uma pequena árvore de bolas douradas, um peru cozinhado de improviso. Mas, agora, quisemos inovar. Escrevi os nomes dos meus avós, do meu tio-avô, dos meus pais, da minha irmã, de seu marido e dos pais dele. Piquei o papel e misturei tudo, colocando em um gorro de lã. Cada um retirou o seu amigo na semana anterior, num almoço de sábado. As olhadelas arteiras de mistério, as risadinhas e os blefes forjavam o suspense. Minha avó, desde o instante em que extraí minha tira de papel, falou em voz alta – eu sinto que foi você quem me pegou, pelo modo como pôs na toca a mão esquerda, foi você.

Dessa vez, sua superstição estava irritantemente certa e eu, péssima mentirosa que sou, fiquei a fingir, a rebater que então eu sabia que ela havia me tirado pelo modo como colocava o cabelo atrás da orelha após recolher o nome do gorro. Minha expressão era acintosa, eu precisava despistá-la. A família havia combinado um valor mínimo e um máximo para o presente. Eu assumi a missão difícilíssima de perambular pelas ruas do Bom Fim mais uma vez, porque a minha rua, no Natal, conseguia ser ainda mais deserta e assustadora. Caminhei até a Protásio, apanhei qualquer ônibus que talvez fosse o 476 Petrópolis PUC. Novamente os bueiros, as trepidações, o colégio iúdiche. Aportei na esquina da Felipe Camarão com a Osvaldo. De longe, mirei o meu avô na porta da tabacaria da esquina a conversar com o proprietário, o ventiladorzinho de teto, ele em sua poesia do cotidiano. Não pude acompanhá-lo, minha tarefa urgia. Perambulei pela grande avenida e, mais uma vez, a senhora hesitante estava diante da porta do número 1170. Resolvi finalmente superá-la, deixar de contemplar reflexos e de ser

muda e só, avançar sobre ela e adentrar na loja de bolsas que não vendia malas.

Ali, pus-me estonteada, fascinada pelo enorme corredor que levava até os fundos interditados, onde supus as melenas de uma grande samambaia. As prateleiras, as escadas, tudo milimetricamente posicionado, de modo que nem notei a vendedora loira de imenso sorriso clareado a me indagar, o que você deseja?

Eu a ignorei completamente e fui atraída por uma bolsa pequena, preta, de couro brilhoso. A voz da vendedora ia narrando as qualidades daquele objeto enquanto eu o tinha em minhas mãos, admirada. As alças podem ficar mais compridas, assim – a vendedora gentilmente tirava de mim para me mostrar – ou mais curtas, ou dá para removê-las completamente de modo que a bolsa se torne uma compacta nécessaire. Tal foi o meu espanto ao ouvir dos seus lábios-colgate que o preço da peça sacra estava dentro dos limites estipulados para o amigo secreto. Imediatamente comprei para a minha avó, a mulher de sacolas que nunca tivera uma bolsa antes – mas não sem receios, temendo que ela pudesse ficar ofendida com minha ousadia.

Chegado o dia da troca, ela apontava para mim quando todos estavam jocosos em roda e dizia foi você, foi você quem me tirou. Quando então a descrevi para que os outros a adivinhassem, comecei dizendo que se tratava de uma pessoa muito parecida comigo. Gritaram prontamente o nome dela, a qual não parecia manifestar surpresa, apenas emoção, como se valesse a pena apostar em seu instinto supersticioso. Ela abriu a bolsa, namorou-a, eu disse que ela podia usar nas formaturas chiques, como na da minha prima, dali a dois anos.

Quem me tirou foi a minha mãe.

Quando acabou a janta, minha avó me puxou para um canto e disse – eu adorei, é pequena, prática, ideal, bem do

meu gosto. Eu sei que é uma bolsa fina de couro, mas não vou guardar para usá-la só daqui a dois anos. Vou usá-la a partir de amanhã.

Boto o necessário que preciso para ser quem sou e vou desfilhar no Bom Fim.

Foi ouvindo essas palavras que decidi que estava pronta para viajar. Quando partir não é mais estar longe porque estamos bem conosco e com os nossos. Voltei ao número 1170 e levei uma bolsa no formato de mochila, igualmente pequena, que não precisava ser despachada. E logo estava eu mais uma vez na Av. Bagé, agora com um mapa aberto no chão, riscado de vermelho com círculos de destinos, explorando caminhos para um mochilão que saísse, enfim, do papel.

Como os amigos que deixam de ser secretos.

Diversos anos se passariam após o fim da Casa das Bolsas, Esther já seria avó há pouco mais de duas décadas, e ainda persistiria nela um desejo de exercer a sua função de *bubby* carinhosa e atenta. Talvez porque nunca houvesse sido ela própria uma neta e tido uma avó para chamar de sua, com um nome para o qual ela se direcionasse e pedisse, mimada, uma cosquinha antes de começar a novela. Ruth e o marido costumavam viajar regularmente durante uma semana nas férias de julho, a filha mais velha do casal já habitava uma outra casa, mas Esther suplicaria para maternar a mais nova, a sua *bubale* para sempre pequena em seus olhos. Seria mais ou menos assim: logo que Ruth deixasse a cidade, a avó telefonaria para a neta para averiguar se esta precisaria dos seus cuidados. Embora a neta dissesse que não, que tudo estava bem, que ela já sabia se virar muito bem obrigada, a avó repetiria ao celular, em um looping sem fim, mas você me avisa, você me avisa se quiser que eu vá até aí. Dada a omissão da neta, Esther a surpreenderia subitamente interfonando para o apartamento às 19h de quinta-feira. A neta estaria de pijamas, buscando cochilar após o trabalho, e se irritaria com a intromissão da avó, bufaria e exclamaria que não havia passado no supermercado para comprar mais comida, que não esperava aquela presença. E a avó lhe responderia, volte a dormir, eu fico aqui quieta, finge que não estou aqui, finge que não estou! Fico invisível para você. A neta não poderia ignorar aquela existência, embora sentisse raiva. Pediria uma pizza, perguntaria à avó quais sabores ela preferia – qualquer coisa, a avó retrucaria, o da promoção, qual é, queijo provolone? Mas eu nem sinto fome, finge que não estou aqui!

Enquanto esperariam a entrega, Esther iria até o banheiro e experimentaria os perfumes da neta, um em cada pulso, entregando-lhe as mãos para que ela identificasse seu próprio cheiro na avó. São tão bons, você comprou em Jaguarão? A neta concordaria, sorriria no avesso de si, pois o odor da avó era doce e persistente, quase enjoativo de tanta quantidade que ela havia depositado nos punhos. A neta traria a pilha de álbuns de suas fotos antigas, lazer favorito da avó, uma avó sem registros imagéticos do seu próprio passado, e as duas ficariam a analisar a estética de moletons largos dos anos noventa e o quanto a avó havia emagrecido no começo dos anos 2000, quem sabe por algum estresse?, a avó sondaria, eu me sinto deprimida, uma tristeza a invadir o corpo desde essa época ou desde antes mesmo. Mas por que, vó?, a neta desejaria muito saber essa resposta impossível. Nossa, como tu tá bonita aqui, *bubale!*, Esther se esquivaria, parece uma atriz de cinema! As duas se lambuzariam com a pizza que recém chegaria, parariam de tocar nas fotografias para não engordurá-las, repudiarão as bordas de catupiry e as cindiriam do restante das fatias.

Proseariam seu *kibbitz*⁴² por horas, a avó lembraria pela primeira vez de detalhes de sua vida, como de seu casamento, após assistir à cena do matrimônio de Glória Pires com algum outro ator que ela não saberia o nome em uma telenovela. Eu fui ao altar sem maquiagem alguma, a cara lavada, olha só, Esther confessaria, a neta se abismaria, pois a avó que ela reconhecia usava quilos de base laranja forte da Panvel. Eu não era nada vaidosa, usei um vestido branco desses de passear no ônibus e, imagina, sem maquiagem! A neta se lembraria das muitas vezes em que viu a avó se camuflar de pintura no rosto e do único dia em que a constatara se despindo, limpando a pele minada de cosméticos com algodão.

Depois de escavações melancólicas a outros tempos, em que a avó estaria instigada consigo mesma e a neta se empenharia a ajudá-la a ser decifrada, como quando Esther recebeu uma correspondência da Polônia e adoeceu por dentro, nunca suportando ver nenhum filme sobre o Holocausto, nem a *Lista de Schindler* eu quis ver!, ela desabafaria; como quando Esther passou a adolescência apenas trajando dois vestidos e apenas comendo três pedaços de chocolate por semana, como quando ficou enlutada por quase um ano após a morte de Hana e como quando perdeu o chão pelo fim abrupto da loja de seus pais. Depois dessas descidas ao manto terrestre, a neta estaria alegre por estar com os dedos queimados, ardendo, diante das memórias compartilhadas pela avó. Chegaria a hora de dormir, as duas exaustas com a louça por lavar, a caixa de papelão da pizza toda rasgada, toda cheia de sobras e de manchas escuras oleosas. A avó teimaria em dormir no sofá, no sofá estava bom. Mas tem o quarto vazio da minha irmã, a neta perseveraria, não admito que você durma na sala em uma casa de três quartos. Mas o sofá é desses couros confortáveis e macios, eu estou bem aqui, afincaria Esther. A neta, ríspida, pontuaria ácida que aquilo não tinha cabimento, que a avó iria com ela até o quarto e, olha, ela lhe ensinaria a como ligar o ventilador já que a avó detestava abrir as janelas. Tá bem, Esther cederia, talvez mais por medo e por cansaço do que por qualquer indício de vontade. As portas e janelas seriam, como sempre, fechadas obstinadamente pela avó antes de adormecer, com muitos rodopios de chaves e de trancas, como se fosse ainda hoje inviável encontrar uma saída.

No dia seguinte, a neta acordaria às oito da manhã e se depararia com a avó em posição faraônica, mumificada, deitada no quarto ao lado com as mãos cruzadas sobre o peito. A porta aberta, a lâmpada do banheiro acesa, a avó com os lábios levemente descerrados sem emitir um ruído, a cama não desfeita, a avó estaria em cima dos lençóis e do cobertor intactos para não desalinhar a arrumação e não dar trabalho. O ventilador desligado, porque ela

⁴² Kibbitz- em iídiche, jogar conversa fora, conversar.

provavelmente não havia prestado atenção nas explicações ou porque não queria gastar energia.

A neta se assustaria com aquela cena, mas em seguida se acalmaria ao constatar que a avó respirava – as mãos cruzadas no peito subiam e desciam levemente. A avó descortinaria as pálpebras ao ouvir a neta andar com passos leves pelo corredor, chamaria por ela e revelaria, desconfiada, que não havia conseguido dormir durante a noite, mal piscara os olhos. A avó desenvolveria a súbita certeza de que aquilo acontecera em razão de ter tomado café tarde. Mas então correria até a cozinha e abriria a geladeira numa epifania, gritando “foi isso!” ao pegar, convencida, o mel cujo rótulo vinha acompanhado da palavra energizante. A neta riria e olharia com brandura para a vó, tocando em seu ombro e concordando sim, vó, seguramente foi o mel energizante. Esther jamais saberia que a neta, a essa altura, já confiaria demais na força das palavras. Uma avó que conta sua história, que tenta resgatar o passado longínquo, uma avó que conta sua história esburacada é uma avó que perde o sono.

A possibilidade de narrativa é o verdadeiro mel energizante.

Antes de ir embora para a sua casa e deixar a neta encaminhar-se para o trabalho, Esther pediria que ela cuidasse a escada cuja luz apagava a cada dois minutos. A neta instaria inutilmente para que Esther pegasse o elevador. E assim Esther seguiria seus passos de volta para o Bom Fim, com a neta abrindo a porta de metal e escutando o barulho do contato das botas da avó com os degraus da descida, e os berros alarmados a cada vez que a luz se extinguísse, demandando que a neta apertasse o botão para reacender a luz.

Numa trajetória escura, num futuro do pretérito incerto, a neta auxiliaria a avó a resgatar pequenos clarões. Uma dose pequena e repetida de esperança. A neta ativando na avó o desejo de herança.

Uma chance de vislumbrar a saída.

Voo-partida

Ela sente nos dentes o ruído da cidade
E na hora de o avião decolar,
O rangido das asas a faz sorrir

FORROS (IN)FERIDOS - Ensaio sobre o romance A casa das bolsas

1 A VOZ

Neto e neta são netos, no masculino. Filho e filha são filhos, no masculino. Pai e mãe são pais, no masculino. Avô e avó são avós.
(ANTUNES, 1991, p.10)

A temática central de meu trabalho gira em torno de uma busca. A busca por uma voz. A busca dos bisavós e avós que carrego comigo, na necessidade de fazer falar os ancestrais afogados em meu corpo. Trato aqui especificamente da minha avó materna. Judia, atravessada pelo fantasma da Shoah. Minha avó é filha de imigrantes cuja família inteira foi assassinada no Holocausto. E, a partir dos seus silêncios, tento reconstruir sua história, aproximar-me de seus pais. Delinear a herança que carrego comigo, como as sacolas mais cheias de adereços. Almejo promover um encontro com essas vozes que existem dentro de mim. Procuo empreender uma autobiografia dos outros que nos habitam, fazendo-os alçar voo.

No livro *Eu e Tu*, de Martin Buber (2001), há a seguinte passagem: “Os gregos enfatizavam e glorificavam a visão. [...] Os seus deuses eram representados visualmente através de várias imagens. Os hebreus não visualizavam o seu Deus. Ele era invisível. Ele só podia ser ouvido.” (BUBER, 2001, p. 46-47). O judaísmo se funda a partir da possibilidade de escuta. Há um Deus intangível que está, contudo, em toda parte. O trauma da Segunda Guerra Mundial elevou essa compreensão a outras esferas, uma vez que pôs em cena o completo emudecimento e, em paralelo, o medo do esquecimento do horror, em uma obrigação ética com a palavra e com a necessidade de lembrança para que não houvesse repetição.

Penso que não é à toa que minha mãe se tornou uma psicanalista, disposta a ouvir as pequenas narrativas. Ou as vozes a que nunca teve acesso – como a de seus pais, de seus avós e do restante de uma família fantasmagórica que ela nunca conheceu. A voz de um outro, de um “Tu”, como alude o filósofo Buber (2001). Também eu e minha irmã nos tornamos psicólogas, assim como vários de nossos ex-colegas da escola judaica onde estudamos, a qual reunia vários descendentes de famílias perpassadas, de algum modo, pela Shoah.

O judaísmo se constitui através do dever de se perpetuar uma memória, individual e coletivamente. Entretanto, uma das questões centrais para a produção do romance *A Casa das Bolsas* diz respeito a como se apropriar de memórias que não pertencem a nós, mas sim, às gerações antecedentes. Conforme indaga Waldman: “como encarnar a memória de um evento do porte da Shoah o qual não se presenciou? A obrigação de lembrar deve ser cumprida segundo uma forma ou modelo, ou é possível abrir-se para uma multiplicidade de modos de impressão da memória?” (WALDMAN, 2014, p. 13). A maior dificuldade encontrada nesse mergulho em

direção às vozes que me constituíram se configurou justamente em como encarnar uma história não vivida diretamente por mim, e em como me abrir para essa imensidade de formas de impressão, de registros da memória transmitida ou, justamente, calada. Como abarcar um excesso tão privado e tão externo, tão meu e tão de outros?

No intuito de conferir certa continência a esse coro que insiste em cantar, que se utiliza de meu coração como percussão, torno-me montadora. Minha proposta para a criação do texto ficcional é a do encontro e da sobreposição de vozes narrativas, através do relato em primeira pessoa de uma personagem angustiada que deseja partir; da narrativa histórica na terceira pessoa, para alcançar com mais objetividade os fatos que essa personagem não viveu; e da poesia como elo capaz de condensar primeira, segunda e terceira pessoas. A partir dessa premissa, o conteúdo reunido compõe-se enquanto um quebra-cabeças. A marca é justamente a do excesso. Do excesso daquilo que se silenciou, que se supôs, daquilo que não se viveu. Do excesso sentido.

Vou ao encontro do que Tarkovski (2010) dizia ao discorrer sobre montagem: intento esculpir o tempo, como um artesão com seu barro, seu barro incontido, que realiza contornos com as mãos para lidar com a abundância de sua argila. Efetuei uma colagem trabalhosa, em alguns fragmentos não exitosa, no sentido de fazer o texto adquirir uma linearidade e uma exatidão redondas, pois é quase da ordem do impossível encontrar uma coerência. Estou falando de sensações que não se suturam, que subsistem para gerar incômodo, para revelar o que sobra, o que resta. A edição é crucial justamente por evidenciar essa inviabilidade de uma montagem convencional. Lutei para ajuntar diferentes pedaços do tempo, através dos recursos narrativos que se fecundavam enquanto infinitas formas de senti-lo, em percursos dialéticos que condensam passado, presente e futuro. Em movimentos caóticos, relacionais, a partir dos quais o sujeito, com seu grito, emerge das trevas. O ritmo nada mais é do que a percepção do tempo. Então, a pontuação foi utilizada no romance para compor estilos de vozes – a voz da angústia, com muitas vírgulas, com texto mais longo, repetitivo e repleto de detalhes, evidenciando extrema proximidade; a voz da história documentada, com seus pontos, suas frases curtas, truncadas; e a voz indefinida e sem pontuação da maioria de minhas poesias.

Decidi narrar os momentos da partida da Polônia por parte dos personagens Hana e Benjamin no tempo verbal do presente. Queria aludir a uma conexão com a personagem em primeira pessoa cuja partida está pulsante, visceral, mas ainda impossibilitada – justamente por esse desconhecimento da trajetória de sua família. Prossigo na narrativa em terceira pessoa

valendo-me do tempo presente até o capítulo 11 (p. 56), quando adentro a infância de Esther e sua total inviabilidade de habitar o presente, sendo cria e refém de um trauma que lhe era muito anterior. Insisto no passado a partir desse divisor de águas para abordar uma personagem deprimida, apática, que não vislumbra brecha na vida. Nos episódios do recebimento da carta e do afogamento na praia, escolhi lançar mão novamente do presente para tocar no arrebatamento de Esther, no trauma que lhe era sempre atualizado, sempre repetido e revivido. Um instante cíclico, cravado, do qual ela não poderia fugir. Quis encerrar o texto no futuro do pretérito para aludir a uma incerteza, a um destino que se faz (im)possível quando atrelado ao passado. Já os tempos verbais dos poemas e da personagem em primeira pessoa são múltiplos, remetendo a uma colcha de retalhos, a diversos ritmos em suas infinitas percepções temporais das experiências.

A voz narrativa se desvela ainda na escolha da fonte para a letra que acompanha cada parte. Por sugestão da minha orientadora, decidi utilizar a mesma fonte *Segoe* com três variações sutis: a *Segoe Script* para os fragmentos em primeira pessoa, uma letra cursiva de caráter apressado, borrado; a *Segoe UI Historic* para a narração histórica, de caráter mais objetivo, com a letra mais nítida e aberta; e a *Segoe UI Semibold*, que possui um efeito quase de negrito, para dar destaque às poesias, que entram para tentar promover pequenas rupturas. Além disso, a disposição de palavras na folha em momentos significativos do romance é um outro modo de expressar essa voz. Por exemplo, diante da ausência de lembranças da avó, destinei uma frase por folha para conferir a sensação de escassez. Cada frase se desloca cada vez mais à direita, como que conduzindo ao abismo. E, nas sentenças sobre as superstições, também optei por diagramar cada crença em uma página, para aludir à percepção de que quem vive escravo desses imperativos leva uma existência às margens, no total ocultamento de seu desejo.

Li alguns romances contemporâneos que certamente me inspiraram a explorar os diversos modos de registros mnêmicos possíveis, reverberando em formas narrativas singulares. Dentre eles, destaca-se David Grossman (2007) em *Ver, Amor*. Grossmann (2007) articula diferentes tempos verbais e vozes, dividindo o romance em três partes. A primeira é marcada pela narração em terceira pessoa, em que o protagonista é narrado como “ele”, como Momik, o seu apelido infantil. A segunda é repleta de vocativos e inicia afirmando que se trata de uma carta de amor, sendo o narrador o oceano, em sua imensidão. A terceira se dá em primeira pessoa, e o narrador evidencia que o avô de Momik é o seu próprio avô e que o livro se trata, portanto, de uma história de vida. A primeira parte da narrativa é significativa por expor certo distanciamento de um Momik criança, com nove anos de idade, que almeja descobrir o

que ocorreu na “terra de lá”, forma como se referia à Alemanha nazista. O ritmo do texto é assinalado por muitas vírgulas, poucos pontos finais, sendo bastante associativo, expondo tempos amalgamados. Momik efetua uma espionagem de seus pais e de seu avô para montar seu quebra-cabeças e compor sua própria narrativa. Anota o palavreado em ídiche do avô e presta muita atenção nos “códigos secretos” do braço deste – que eram, na verdade –, a tatuagem feita pelos nazistas. O avô ficara delirante após ter experimentado a crueza dos campos de concentração, falava sozinho uma história que ninguém queria ouvir – e Momik tentava integrar seus cacos, escutá-lo em sua ecolalia. Ao que o avô sempre pontuava – “menino, temos uma história a contar” –, talvez na impossibilidade de realmente comunicar o incomunicável.

A pulverização narrativa também se encontra presente nos livros *Diário da queda*, de Michel Laub (2011), e *O que os cegos estão sonhando?*, de Noemi Jaffe (2012). Ambos os escritores são judeus, brasileiros e descendentes de sobreviventes do Holocausto: Laub é neto, Jaffe é filha. Através de seus laços de parentesco, criam narrativas potentes cuja temática é a da memória, construindo personagens fortes. Os dois romances são fragmentados. O *Diário da queda* é narrado em primeira pessoa e congrega diversos trechos numerados em subcapítulos que confundem a organização do leitor. Por exemplo, no intitulado *Algumas coisas que sei sobre o meu avô*, Laub (2011) inclui passagens elencadas, disparadas por sua lembrança, que tratam mais de sua própria pré-adolescência do que da vida de seu avô – permitindo-nos pensar que é impossível ordenar reminiscências –, que os tempos são aglomerados, que as gerações se atravessam e se telescopam. Já a obra *O que os cegos estão sonhando?* é dividida em três partes – o diário de Lili Jaffe, mãe de Noemi, que relatou suas memórias de Auschwitz *a posteriori*, mas se utilizando do tempo presente, como se as tivesse vivendo ao redigi-las; o romance propriamente dito, que dá nome ao livro, escrito por Noemi Jaffe (2012) e fracionado em vários fragmentos que demandam dar sentido ao indizível pulsante da narrativa de sua mãe; e o texto confeccionado pela filha de Noemi, Leda Cartum, após sua visita aos campos de concentração poloneses. Os dois livros evidenciam a dificuldade de abordar o trauma em sua totalidade, necessitando estruturá-lo em ramificações, em uma cacofonia de vozes.

Inspirei-me na segunda parte do livro de Noemi Jaffe (2012), na qual ela própria funda uma personagem que se revela na terceira pessoa. Noemi passa a se denominar, em seu livro de cunho autobiográfico, como “a filha”. Ela justifica esse uso ao explicar que sente medo de dizer eu, sendo esta, então, sua maneira de dizê-lo. Jaffe (2012) tão belamente registra: “a filha não quer explicar, não sabe muito bem. Não se sente bem contando esta história-não-história em primeira pessoa. Não foi com ela que as coisas aconteceram. Ela é uma voz e só quer ser voz.” (JAFJE, 2012, p. 188). Grande parte do romance *A casa das bolsas* é escrito na terceira pessoa,

a qual só se funde com os fragmentos em primeira pessoa quando insiro a expressão “a neta” para falar do meu lugar, em uma clara alusão ao “a filha” de Noemi Jaffe (2012). Por exemplo, quando escrevo “muitos e muitos anos depois, Esther sentaria com a neta mais nova, que lhe perguntaria o que a avó herdou dos seus ancestrais” (p. 77). Essa neta coincide com a personagem em primeira pessoa, o que vai ficando claro ao longo de *A casa das bolsas*.

Jaffe (2012) revela a brutal diferença que paira entre sobreviventes e descendentes de sobreviventes (ou, no caso do meu romance, poderíamos pensar na diferença entre aqueles que experimentaram o trauma e as gerações subsequentes) – quem passou de fato pela tragédia não faz drama. E “quem não passou, só ouviu contar, quem está próximo e distante ao mesmo tempo, esse só consegue fazer drama” (JAFFE, 2012, p. 137). Talvez eu tenha buscado empregar a terceira pessoa na minha escrita como uma forma de não espetacularizar uma tragédia, de manter-me preservada, justamente pelo fato de os fragmentos em primeira pessoa do romance já serem dramáticos demais, sofridos demais. Situei a personagem inspirada em minha vida como apenas “a neta”, pois a tragédia não ocorreu com ela. A ela, ou a mim, só cabia o drama de estar perdida, sem ar, adoecida na solidão dos tempos modernos – pois os acontecimentos brutos nós jamais experimentamos no corpo.

Para Pontalis (1991), o cerne da (auto)biografia na contemporaneidade já não gira mais em torno de “quem sou eu?”, “que fiz?”, “de onde venho”, mas sim, de “onde estou?”, “de que sou feito?” e, essencialmente, de “que é que me faz falar?” (PONTALIS, 1991, p. 197). A capacidade de escuta diante da interrogação “que é que me faz falar?” é movimento crucial dessa escritura. O que me impulsiona a dizer, a não omitir? Tal como escreve Suely Rolnik (1993), sopro a dúvida: quais marcas me constituem e a partir de que marcas me mobilizo a encarnar um “outramento”?

A autora afirma que a escrita faz letra para a música do tempo, colocando as marcas que nos afetam em um “estado de proliferação, como se a escrita deixasse o texto prenhe de ovos” (ROLNIK, 1993, p. 244). Essa proliferação de ovos que viabilizam novas linhas do tempo é movimento de vida, movimento cujo fluxo pode ser contrário ao da repetição ecológica que nos ata o tronco. A possibilidade de escrita dos meus bisavós, acionada pelas marcas geradas do encontro com esse outro tão próximo e, ao mesmo tempo, tão alheio, fecunda em mim o desejo de conceber um novo corpo capaz de abarcar nossas diferenças. Um novo corpo com novas cordas vocais.

Rolnik (1993) considera também que a escrita “trata” (ROLNIK, 1993, p. 244), que é terapêutica para cicatrizar o que nomeia de “marcas-ferida” (ROLNIK, 1993, p. 244). Estas conservam em si um veneno capaz de se espalhar e de contaminar. A escrita, “quando

instrumento de pensamento, tem o poder de penetrar nessas marcas, anular seu veneno, e nos fazer recuperar nossa potência” (ROLNIK, 1993, p. 244). Minha escrita é instigada não somente pelo desejo, mas por necessidade. Urge estancar o tóxico. Dar nome, contorno, sentido às feridas vivas que o tempo não consegue regenerar espontaneamente, com voltas do relógio. É preciso ativamente elaborar o que nos trava, o que nos mata aos poucos. Nos ensaios tanto teórico quanto ficcional, consigo reescrever uma “outra” história possível que transborda de potência de reconciliação. Sem tantas “marcas-ferida”, mas sim, minada de “ovos de proliferação”. É mais ou menos o que a personagem Momik escreve, no livro de Grossmann (2007):

Então meu avô disse, em sua linguagem, que as utopias combinam com os filhos dos deuses. E que os seres humanos são como moscas, e as histórias que lhes contam para atraí-los precisam ser como papel pega-moscas. Utopias são papéis untados de ouro, ele disse, e o papel pega moscas deve ser untado com tudo o que o homem segrega de seu corpo e de sua vida. Principalmente sofrimento. E esperança, cuja medida é a medida do homem, e perdão. (GROSSMANN, 2007, p. 273).

Almejei, nesta escrita, utilizar a linguagem banal do papel pega-moscas. Untá-lo de sofrimento, de esperança, de perdão – para assim conceber vozes em um híbrido de prosa e de poesia.

2 COMO NASCER?

*E a fala vazia
Nem é bom falar
Se a fala não cria
É melhor calar
Ou- à revelia
Do melhor falar-
Falar: que a poesia
É saber falhar (GULLAR, 2008, p.424)*

A escrita é um ato de nascimento. Demanda dar conta de experiências corporais e psíquicas, mediando um contato inédito com o mundo. A escrita de memórias contém diferentes camadas de impressões, como uma cebola que necessita ser descascada, por vezes turvando os olhos de lágrimas. Para tanto, penso que se faz necessário compor uma literatura híbrida, cercada de imagens e formas narrativas distintas. Julgo que seria inviável, no momento em que me encontro, territorializar-me em um único estilo. Necessito depositar-me no “limiar”, conceito que Agamben (1999) tão bem desenvolve para falar não de limites, mas justamente da mobilidade que nos permite transitar, ficando à soleira da porta: nem dentro, nem fora. É esse o fascínio que a varanda do Hotel Bassani exerce em Esther. Gosto da ideia do contínuo como um murmúrio, tal como formula Agamben (1999). Para aonde se vai em uma escritura? Para aonde os personagens vão?

Eu parecia correr em uma areia movediça no começo da escrita. Não encontrava terreno sólido. Nem pilar onde me segurar. Tinha dúvidas quanto a estar criando, de fato, uma personagem, com suas poesias e seus fragmentos familiares. Ou a estar apenas falando da realidade, sem distanciamento de mim. Nessa segunda suposição, indagava: haveria nascimento possível? Como reinventar-me? Clémens (2014) efetua uma diferenciação entre o fictício e a ficcionalização, discussão muito pertinente para que calcasse meus pés em algo mais firme. Segundo o autor, o fictício é aquilo que é inventado. Já a ficcionalização incidiria sobre uma vida que existiu, mas operaria para contar uma história. Portanto, acredito que me proponha a ficcionalizar existências reais, construindo essa forma narrativa sem, no entanto, cair no que é meramente fictício. Mas esse foi um processo bastante hesitante. Eu me questionava se deveria suturar as brechas do passado, aquilo que não sabia, com ficção, conferindo nomes falsos aos envolvidos – ou se urgiria justamente expô-las em sua vulnerabilidade, em seus buracos. Decidi-me por ficcionalizar, inventar novos nomes, preencher as faltas – ou escancará-las se assim eu sentisse que fosse essencial –, como no caso da discussão sobre o conteúdo da carta

no romance, em que optei por exprimir essa ausência como denúncia de um vazio.

Deparei-me com o romance autobiográfico de Tatiana Salem Levy (2013), *A chave da casa*. O início da trama é muito intenso, no qual a narradora descreve o seu nascimento de forma metafórica:

Escrevo com as mãos atadas. Na concretude imóvel do meu quarto, de onde não saio há longo tempo. Escrevo sem poder escrever e: por isso escrevo. De resto, não saberia o que fazer com este corpo que, desde a sua chegada ao mundo, não consegue sair do lugar. Porque eu já nasci velha, numa cadeira de rodas, com as pernas enguiçadas, os braços ressequidos. Nasci com cheiro de terra úmida, o bafo de tempos antigos sobre o meu dorso. Por mais estranho que isso possa parecer, a verdade é que nasci com os pés na cova. Não falo de aparência física, mas de um peso que carrego nas costas, um peso que me endurece os ombros e me torce o pescoço, que me deixa dias a fio – às vezes um, dois meses – com a cabeça no mesmo lugar. Um peso que não é de todo meu, pois já nasci com ele. Como se toda vez em que digo “eu” estivesse dizendo “nós”. Nunca falo sozinha, falo sempre na companhia desse sopro que me segue desde o primeiro dia. (LEVY, 2013, p. 9).

Li as primeiras páginas desse livro após ter escrito já parte de minha tentativa de ficção. Iniciei de modo muito próximo: quase como uma confissão da impossibilidade de um começo, visto que parece que estamos continuando uma jornada muito anterior e não propriamente inaugurando a nossa. O princípio parece fundar-se com a potência das palavras. Eu falo da perspectiva de dar à luz aos meus antepassados, que sinto como afogados dentro de mim. E a personagem de Levy (2013) afirma que já nasceu velha, com um peso nas costas, sempre acompanhada de muitas presenças que carrega com ela.

As recordações que essa personagem conserva sobre alguns episódios de sua vida são predominantemente negativas. Para contrapor, há o recurso estético de colocar entre colchetes a voz de sua mãe, que tem uma visão mais otimista da história do nascimento da filha e da vinda de seu avô para o Brasil. Ser acompanhada e atravessada por uma voz materna que se antepõe à nossa: eis a brilhante síntese do que é portar tanta gente dentro de si. Creio que essa é uma interessante saída narrativa para fazer falar aqueles que têm morada em nossa pele. Gosto dessa intromissão no olhar pessimista da personagem, acrescentando certo humor. Também sempre tive uma postura mais cética em relação ao passado, e a preocupação era a de que o texto ficasse dramático demais, melancólico demais, aut centrado de forma adolescente demais. Tentei estabelecer certo contraste ao lançar mão do texto em terceira pessoa, por vezes mais bem humorado, e das poesias, as quais buscavam entoar outras vozes e ser mais cirúrgicas, mais precisas.

O livro de Tatiana Salem Levy (2013) é composto por fragmentos, nos quais a autora alterna os relatos em terceira pessoa contando a saída do avô judeu da Turquia, o

estabelecimento dele no Brasil no intuito de melhorar sua situação econômica, a notícia do suicídio da mulher que ele amou e que deixou para trás, o casamento dele no novo país, o nascimento de seus filhos, com destaque à filha que se tornara mãe da personagem central e sem nome da história; a prisão e a tortura da mãe por ser militante no período da ditadura militar, culminando no exílio dela e do marido para Portugal, país em que nasce a personagem, a narradora em primeira pessoa – filha do exílio –, do deslocamento forçado. Todos esses trechos que pretendem remontar uma história são intercalados com as vivências subjetivas dela em primeira pessoa, que acompanha de perto o câncer da mãe, que experimenta uma relação abusiva com um namorado e que viaja para Turquia e Portugal no intuito de resgatar raízes esvanecidas, de recuperar narrativas familiares silenciadas. De depositar, sobre a porta exata da casa abandonada da Turquia, a chave que seu avô lhe confia. De promover uma abertura, de deparar-se com um achado. Penso que meu romance pôde realmente nascer após a leitura de Levy (2013), porque me identifiquei com essa construção de pequenas cenas soltas, visuais, com diferentes vozes narrativas e com tempos mesclados, o presente da narradora em primeira pessoa se fundindo com a história pretérita de seu avô e de sua mãe. Entretanto, quando reunidas, delimitavam um fio condutor – ainda que fluido, poroso e pulsante. Esbocei as cenas centrais que gostaria que estivessem presentes no romance, referentes aos principais episódios históricos (como o nascimento de Esther, o recebimento da carta), alternando-as aos fragmentos em primeira pessoa reflexivos que vinha produzindo desde o início do mestrado.

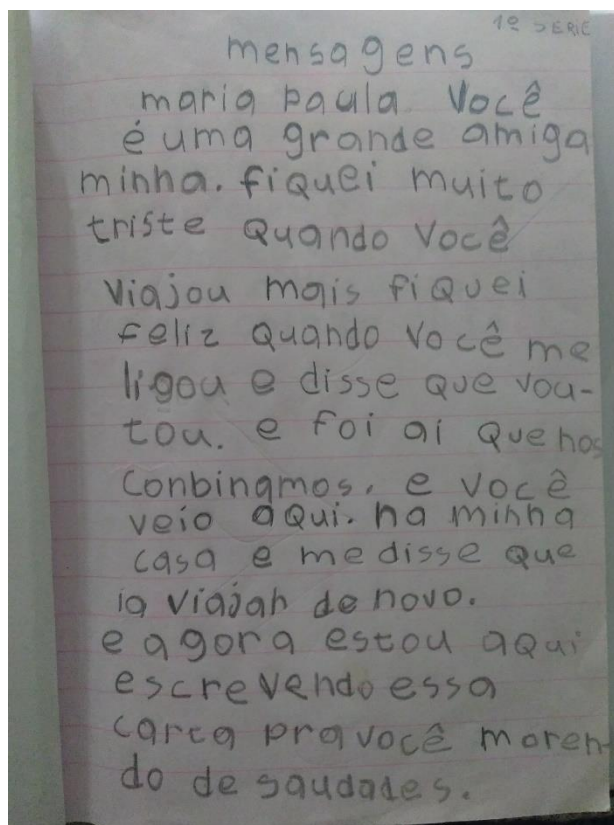
3 ESCREVER UMA HISTÓRIA COMO SE ESCREVEM CARTAS

*E amanhã, amanhã
eu juro, amanhã eu vou
sair de casa
com a carta
pra longe
do trem*

*Sei que não é o momento
Mas a carta não diz nada
Demais, é como tudo
A carta sou eu dormindo
A carta é alguém
Jantando no escuro
(BEBER, 2017, p. 41-42)*

Eu escrevia cartas desde os seis anos, desde quando minha melhor amiga, Maria Paula, se mudou para São Paulo. Nunca consegui ser comedida quando se tratava de amor, sempre precisei destiná-lo às pessoas. Era insustentável deixar todo esse afeto dentro de mim.

Figura 1- Carta de infância



Fonte: CERVO (1997).

As correspondências, durante séculos, foram o único meio de se dirigir aos ausentes. De acordo com Comte-Sponville (1997), a escrita teve primeiro a função de arquivamento, de permanência e de conservação, de vencer o tempo. Depois, a de comunicação, de burlar o espaço e de encurtar as distâncias. As cartas nasceram precisamente da impossibilidade tanto de falar quanto de calar. Não havia telefone, celular e internet para se conversar diretamente com aqueles que moravam longe. A voz não alcançava o outro, assim como o corpo. Então se escrevia, talvez porque o silêncio e a solidão angustiavam. Também se escreviam cartas para tratar de assuntos sérios, efetuando uma comunicação normativa e formal. Ou, justamente, para abordar outra espécie de assuntos sérios: para confessar, por exemplo, que se estava apaixonado, para revelar um desejo que a oralidade talvez entortasse.

A personagem de Hana, tal como a minha bisavó, envelopava cartas. Era um trabalho automatizado e sem nenhuma poesia, pois ela jamais se atrevia a abri-las e a lê-las. Creio que a maior potência da escrita de uma carta é a sua possibilidade de endereçamento a um destinatário. Todo o romance *A casa das bolsas* gira em torno de uma carta fatídica que, em vez de promover a comunicação, de fornecer uma resposta, provoca o emudecimento de uma família e a paralisa. Esse episódio realmente perpassou a história dos meus familiares enquanto um trauma, por isso não ousei inferir o que estaria escrito dentro da correspondência. Ela escancara justamente um silêncio, uma ausência, ela é o choque em si mesmo.

André Comte-Sponville (1997), ao dissertar sobre a importância das cartas, pontua: “tenho mais prazer em ler a correspondência de Flaubert, George Sand, Turguiéniev ou Maupassant, do que ler ou reler seus romances. Nelas, eles são menos rebuscados, menos estetas, menos tagarelas, e mais verdadeiros” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 41). Partilho dessa asserção, porque, para mim, uma escrita é criativa se for verdadeira. Verdadeira no sentido de haver uma entrega, de haver um sentimento implicado, independente da técnica. É o que complementa Comte-Sonville (1997) quando refere que as verdadeiras cartas são as cartas verdadeiras, pois mentir na carta é trair uma escrita, trair ao outro e a si próprio.

Gosto de pensar na criação do romance *A casa das bolsas* como a escrita de muitas correspondências, na tentativa de modificar ou atenuar o curso de uma família cuja única carta recebida foi a da mudez e a da incomunicabilidade. Penso que endereço o texto criado essencialmente aos meus – em especial, a minha avó, que se desvela em parte na personagem de Esther. Todavia, após finalizado em seu processo de escrita, o romance pode se endereçar aos leitores que se sentirem convocados pela história. Utilizo-me de inúmeros vocativos, de diversas conversas diretas àqueles com os quais gostaria de estar falando. A personagem sem

nome da primeira pessoa parece estar a escrever cartas, endereçando-as principalmente à sua avó, em vez de apenas embalá-las roboticamente.

Inspirei-me também no livro infanto-juvenil que marcou minha infância e que minha avó, de fato, lia para mim – *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga (2001). Nele, a personagem Raquel, uma menina solitária atormentada de ideias, passa a escrever cartas a seus amigos imaginários. Depois, ficcionaliza as suas respostas. Essa comunicação a tranquiliza, ela recebe um amparo. Raquel endereça o seu desejo nas correspondências até ganhar a bolsa amarela para, então, colocar dentro desse objeto tudo aquilo que vislumbra.

4 BOLSA, BAGAGEM, HERANÇA

*levo
na minha
mala
minha
mandala
minha viola
nana
nara
ná
victor jara
janis
callas
tame impala*

*quem sabe
faz a hora
o tempo
não para
tô indo
embora
meu bem
pra maracangalha
ou pra pasárgada
e passe bem*

*larga
a mala
ela
é minha
mas eu
não sou
de ninguém
disfarça
e chora
eu já vou
minha cara
olha o trem*

(CARVALHO, 2017, p. 61)

Descobri esse ano que meus bisavós tiveram uma loja de bolsas. Quis explorar essa metáfora em meu romance, uma vez que houve tão pouca transmissão através das gerações em

minha família. No consultório, escuto muitas histórias de silenciamento, com crianças e adolescentes apegadas às mães, sem se separar; com bebês povoados de memórias que lhes anteviram, com dificuldades de amamentação e de alimentação; com adultos aturdidos de sonhos sobre o exílio de um pai, o suicídio de uma avó. Os pacientes chegam com seus revestimentos, seu couro firme ou maleável, sua camurça, seus fechos escancarados a vazarem conteúdos internos – ou, justamente, seus fechos enguiçados.

Eu reli *A bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga (2001) para escrever esse romance. Ela aposta na caracterização de sua bolsa amarela, que se torna uma personagem integrante da trama. Essa bolsa, que a personagem Raquel ganha da tia Brunilda, não dispunha de fecho inicialmente. Até que a menina decide comprá-lo, optando por um zíper mais barato, que não abria e fechava tão bem. “Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar!” (BOJUNGA, 2001, p. 29). Raquel queria guardar coisas que não saíssem de dentro de sua bolsa, coisas que as pessoas não pudessem acessar. Enfiaria ali, portanto, os seus desejos.

Minha avó, tal como a personagem de Raquel, continha em si um fecho com vontade de enguiçar. Ela nunca compartilhou comigo fatos sobre sua infância, sua adolescência, sua vida adulta. Ao longo das entrevistas que realizei com ela para construir a personagem de Esther, minha avó não conseguia se lembrar de nada. Eu perguntava para ela sobre algum detalhe, algo específico que lhe ocorrera. Ela apenas ficava irritada, ofendida, dizia que não tinha nada de importante em sua vida, que eu teria de mudar a premissa do meu trabalho. As entrevistas eram sempre encerradas de forma frustrante. Depois, eu as transcrevia e pensava que não seria possível extrair algo de simbólico daquelas conversas. Após a qualificação do projeto, delimitar com a professora Marie-Hélène Passos, minha orientadora, que me afastaria da tentativa de biografia e entraria no campo ficcional. Eu me arriscaria na empreitada de escrita de um romance, lançando mão de várias características e acontecimentos inventados para contar a história da Casa das Bolsas. É o que o amigo imaginário de Raquel lhe aconselha em uma carta, quando a menina se via impedida de criar, pois sempre alguém da família ficava ressentido com o conteúdo pessoal que ela escrevia:

Para não dar mais confusão: daqui pra frente você só inventa inventado, tá compreendendo como é que é? Se você inventa uma história com gente que não existe, aposto que ninguém liga. Teu pessoal só fica chateado porque no meio da invenção você bota o namorado da tua irmã no meio, ou então o gato da vizinha, ou então a tia Brunilda, ou não sei quem mais. Mas se você inventa um caso com gente inventada, com bicho inventado, com tudo inventado, aposto que não te dão mais cascudo... (BOJUNGA, 2001, p. 15).

Minha avó encheu sua bolsa com tudo aquilo que não deveria lembrar. Tal como escreve Noemi Jaffe em seu lindo trecho intitulado *Esquecimento*: “Um trem. Um pai. Uma mãe. Um irmão. Uma tia louca. Dois sobrinhos pequenos. Um casaco que não consegue esconder os sobrinhos. Dois joelhos. Uma pedra. Pronto. Tudo esquecido. Tudo esquecido. A memória está cheia, pronta para esquecer” (JAFFE, 2012, p. 179).

Eu iniciei minha escrita tentando desenguiçar o fecho de minha avó. O processo de narrativa se fez no intuito de destravá-lo. Dada a sua resistência, a sua teimosia, optei por entregar-me à ficção. Como observa Said (2004) em seu livro *Fora de lugar*: “todas as famílias inventam seus pais e filhos, dão a cada um deles uma história, um caráter, um destino e até mesmo uma linguagem” (SAID, 2004, p. 19). Busquei inventar uma origem, uma bisavó, uma avó, um objeto chamado bolsa.

Quando estava quase desistindo, realizei uma última entrevista com minha avó nos meses derradeiros do mestrado, na presença de minha mãe. Nesse dia, tive de explicar-lhe, pacientemente, apelando até a Barthes e a sua análise do barômetro como efeito do real, para ver se ela acedia a algum detalhe crucial. Minha mãe lhe esclareceu que cada resquício de lembrança poderia ser decisivo para o meu trabalho, que era muito importante que pudéssemos contar com ela, que minha própria mãe gostaria de saber mais sobre o passado de minha avó. Como num estalo mágico, minha avó pontuou “ah, agora eu entendi. Antes eu pensava – mas qual é a relevância de falar dessas besteirinhas? Por que ela quer encher linguiça com isso?”. Ela finalmente destravava, abria o seu fecho duro e econômico. Foi então que ela nos contou que nunca, desde quando era criança, precisou ter uma bolsa. Sempre preferiu as sacolas plásticas. Esse elemento se tornou um dos pontos-chave para a finalização do romance.

Ao contrário de todos os mandatos imperados em minha família de não se deixar mostrar, pude fazer arte, tornar-me arteira – quebrar o fecho insistente, engendrar minha própria bolsa artesanal. Expus tudo de íntimo e de privado sem, no entanto, realmente desmascarar aqueles que amo. A ficção surgiu como estratégia capaz de manter certo afastamento, preservar certa identidade de separação entre as pessoas vivas e as personagens compostas.

A bolsa é um objeto carregado de significação ao longo da trama que compus. Remete ao peso de uma herança ou justamente à ausência desta. Mas também acena à possibilidade de conter o indizível. Durante a narrativa, a bolsa e seus sinônimos refletiam diversos estados de espírito das personagens. Quando a protagonista compreende que ela se apropriou de suas memórias, que tudo está contido dentro dela, a bolsa é, enfim, contemplada como meramente um acessório. A personagem não necessita mais dessa figura investida de valor emocional,

porque ela mesma já encarou o processo de submergir em suas experiências para depois emergir. No final, ela escolhe fazer um mochilão com uma pequena bagagem, mais ou menos como as que seus bisavós trouxeram em sua vinda da Polônia, mas por uma razão totalmente oposta – a de que ela sabe que vai voltar, que seu lugar está assegurado. A bolsa perde seu estatuto de metáfora e passa a ser apenas um objeto.

5 ESCAVAÇÕES E REINVENÇÕES

Terras

Serro Verde Serro Azul
As duas fazendas de meu pai
Aonde nunca fui
Miragens tão próximas
Pronunciar os nomes
Era tocá-las
(ANDRADE, 2012, p. 17)

Há um fragmento de Benjamin (1987, p. 239-240), denominado *Escavando e recordando*, no qual escreve que a memória é o meio onde se deu a experiência, tal como o solo que soterra cidades anciãs. A arqueologia explora não apenas as camadas das quais se originam seus achados, mas também aquelas que foram atravessadas anteriormente; assim como uma verdadeira lembrança deve, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra.

Em meio a esse belo paralelo com a arqueologia, pego uma pá e vou revolvendo o solo, ao encontro de pistas. As vozes que ouço lá do fundo da terra são polifônicas. Realizo entrevistas com familiares próximos para arquitetar o universo da minha avó materna e do não dito que paira sobre ela, bem como a entrevisto e traslado a gravação. Converso com seus dois irmãos, meus tios-avôs. Com o primeiro deles, apenas vou anotando elementos que ele me conta ao escutá-lo (Figura 2). Com o segundo, gravo um diálogo comedido. Ouço ainda meu avô materno, gravo o material e transcrevo no computador. Na figura abaixo, destaco um trecho da conversa realizada com o meu tio-avô, dia 20 de dezembro de 2016, na sua casa na Fernandes Vieira, em Porto Alegre.

Figura 2 - Trecho da entrevista com o meu tio-avô

~ Relatos pessoais, detalhes pessoais
 ~ minha mãe tece histórias de autismo
 ~ pai vem nos anos 30, auto de guerra
 ~ Varsava, Polónia
 ~ vem os 2 avós / DA avó de Pecuária, 70 ante no
 mapa
 ~ 2 irmãos do avô
 ~ mãe faleceu
 e eu + avô
 ~ mãe faleceu
 de novo
 ~ Tio não sabe dizer qual da telografia
 mudou de Israel, disse qualogia
 da mãe um tipo? ninguém sabe, não gosto
 pois faleceu em Israel
 faleceu Polónia
 pois minha avó morreu curiosa
 filha e filha
 muito apaixonada eu tipo papa, personalidade, disse grande,
 mal educado, mas tinha o filho alternativa à filha de Israel
 sempre casaram, amavam, estavam
 ~ minha avó faleceu
 de novo
 ~ Mãe Lora

Fonte: CERVO (2016).

Cerco-me de diversos materiais como pesquisa preparatória. Lanço mão do diário de minha mãe, em que ela elabora com muita verdade e afeto um texto sobre o convívio na loja de seu avô, a Casa das Bolsas. Modifico-o, editando as partes mais peculiares para compor a loja de Benjamin. Julgo que esses detalhes revelados por minha mãe são cruciais para ambientar e incrementar a atmosfera do romance, pois a matéria-prima de sua memória me é muito importante, já que me atravessa intimamente. Tenho muita curiosidade em conhecer as histórias que precederam o meu nascimento, ambientando a minha pré-história. Além disso, ela associa o tecido e o revestimento das bolsas com as potencialidades psíquicas de seus pacientes. Eu também sou psicóloga e creio que ela resume bem a fragilidade ou a couraça com as quais as pessoas se revestem em um encontro. Incorporo poemas e relatos à personagem em primeira pessoa do texto, justamente disparados pelas narrativas que ouço de pacientes, os quais são atravessados pela temática da transgeracionalidade, da transmissão familiar e por aquilo que

descobrimos que herdamos *a posteriori*.

Revisito os meus diários antigos, redigidos de 2005 a 2009 (Figura 3), e insiro partes dele na narrativa, como quando escrevo sobre o *Iom Kippur* e o *Pessach*.

Figura 3 – Meus diários antigos, de 2005 a 2009



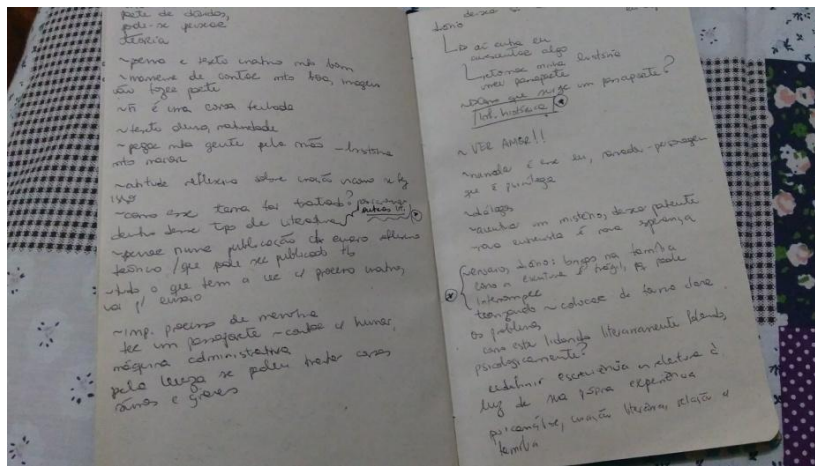
Fonte: CERVO (2005-2009).

Além desses, utilizo um diário atual, que iniciei em março de 2016 e que escrevo até o presente momento (Figura 4), no qual reúno as conversas com minha orientadora, bem como as ideias que surgem e os teóricos que leio. Anoto diálogos com pacientes, fragmentos de sonhos e de desenhos reproduzidos em sessão de psicoterapia, impulsionando a invenção. Esse caderno é sinestésico. Nele compartilho sensações vivenciadas ao longo do processo. Tal como pode ser evidenciado no trecho a seguir:

5/11/2016

“Não suporto mais esse contato quase que invasivo com minhas memórias. Sinto um enojamento, uma vontade de expelir todo aquele passado ausente, desconhecido, que ainda resta. Ali no esôfago, que aperta, aperta, como se fosse um enfarte. Ali onde a dispneia grita, como se o pulmão tivesse metástase. O pulmão problemático que matou meus bisavós. Ando tonta até o banheiro e vomito, muito. O zunido do ouvido não me abandona”.

Figura 4 – Meu diário atual, dos anos de 2016 e 2017



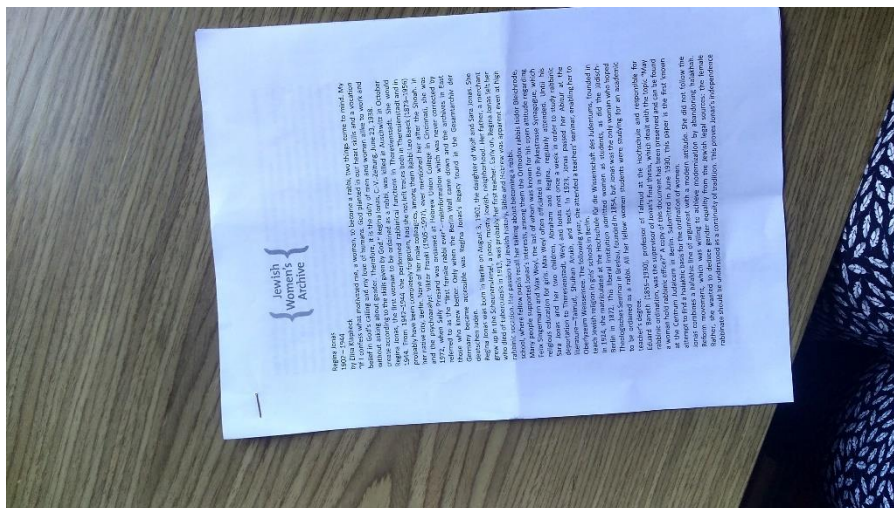
Fonte: CERVO (2016-2017).

O começo do romance, *A casa das bolsas*, em que contextualizo a vida da Polônia em meados dos anos trinta e a vinda dos imigrantes judeus para o Rio Grande do Sul, foi custoso de engendrar. Eu nunca havia me aventurado a escrever na terceira pessoa e em uma época distante, antiga, da qual eu não tinha referências. Pergunto para a minha avó, meu avô, meus tios e minha mãe, mas ninguém faz ideia de como a Casa das Bolsas surgiu, e por que o destino eleito pelos nossos ancestrais fora o de Porto Alegre. Meu tio acredita que se tratou de um engano, já que o irmão do meu bisavô, materializado na personagem Yuri do romance, morava em São Paulo. A escrita não flui naturalmente, eu pesquiso em sites judaicos, mas não obtenho dados certos. Por que eles haviam deixado a Polônia antes de a guerra eclodir? Decido ir ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em que há um acervo no Departamento de Documentação e Memória, onde podem ser encontrados livros, periódicos e revistas, bem como entrevistas gravadas e transcritas com moradores da comunidade judaica de Porto Alegre, que vieram da Polônia entre a Primeira e a Segunda Guerra. Eu seleciono essas entrevistas

registradas, especialmente as dos que imigraram no fim dos anos trinta, mais especificamente da cidade de Varsóvia e arredores. Assim, posso compor um quadro da conjuntura de muita dificuldade econômica e preconceito sofridos pelos judeus dessa região, embora a maioria deles fossem crianças quando deixaram seu país de origem, tendo poucos registros daquela época. Passo duas tardes no Instituto lendo os materiais, mas sigo na minha paralisia de escrita, que se estende por cerca de três meses. Não consigo redigir nada, permaneço horas diante da página em branco do computador, penso minuciosamente sobre cada linha – processo tão diferente de como sempre foi, para mim, o da escrita: um gesto até então mais visceral e espontâneo.

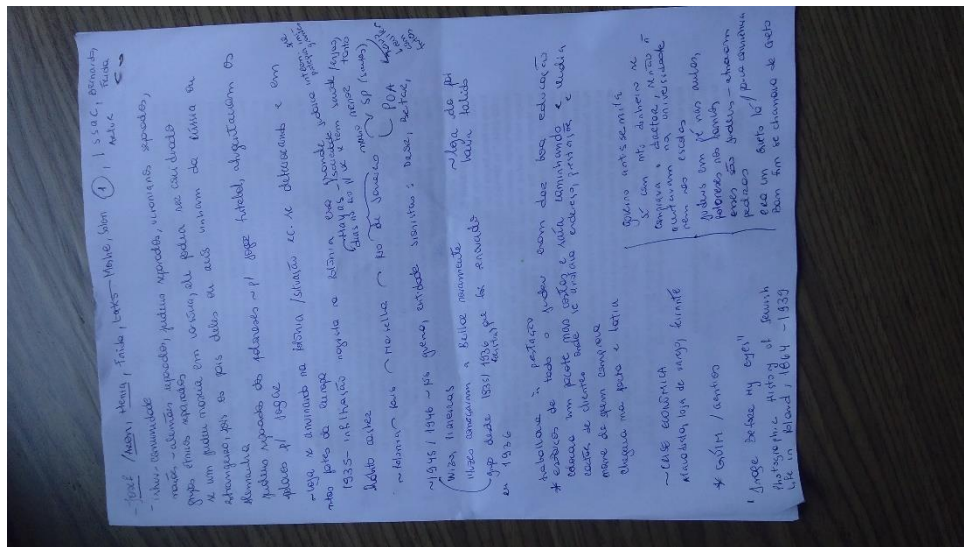
Esse ponto de partida é dificultoso, gerando bastante ansiedade. A escrita se faz mais árdua, em um ritmo endurecido. Eu já havia escrito alguns fragmentos em primeira pessoa, mas necessito da história em terceira pessoa para encadeá-los. Abaixo, um dos artigos lidos, conservado pelo Jewish Women Archive, e uma folha com anotações extraídas das entrevistas com judeus vindos da Polônia para Porto Alegre, entre 1932 e 1938, já que não pude levá-las para casa.

Figura 5 – Documento pesquisado no Instituto Marc Chagall



Fonte: Instituto Marc Chagall (2017).

Figura 6 – Anotações sobre as entrevistas do acervo do Instituto Marc Chagall



Fonte: Instituto Marc Chagall (2017).

Recorro ainda a muitas imagens. Peço para meus tios e avós todas as fotos que eles guardaram de sua infância e da de seus pais. Eles me entregam apenas quatro registros, escassez avassaladora. Investigo álbuns familiares, os passaportes de meus bisavós maternos, suas certidões de nascimento (Figuras 7, 8, 9, 10 e 11). Escrevo em meu diário ao contatar esses raros materiais:

3/3/2016

Sobre o sentir: como fazer contato?

Sensação de segurar um passaporte polonês pertencente aos meus bisavós maternos, dos quais nunca soube nada, nem sequer os nomes? E estar tocando, ao mesmo tempo, a minha colcha florida, dada pela minha avó, filha desses fantasmas a quem hoje tento ofertar cor... A aridez de um passaporte antigo, amarelado, invernal, contrastando com o macio do que hoje me embala o sono, cobertura repleta de roxo, cor de minha sorte, repleta de primavera.

Qual é a sensação?

Existe algo de íntimo, acompanhado de uma estranheza que me agride, pois que violência é essa a do não saber?

Não sei quem foram vocês, Sura e Nuson em polonês, ou Sara e Natan em português, nomes que hoje descobri ao abrir seus passaportes e, no entanto, - sei, sei, nunca deixarei de saber.

Figura 7 - Passaporte polonês de meu bisavô materno



Fonte: CERVO (2017).

Figura 8 - Fotografia de minha bisavó Sara



Fonte: CERVO (2017).

Figura 9 – Fotografia do meu bisavô Natan



Fonte: CERVO (2017).

Figura 10 - Fotografia da minha bisavó no ano em que faleceu



Fonte: CERVO (2017).

Figura 11- Fotografia do meu bisavô com um *outro* estranho

Fonte: CERVO (2017).

O fio condutor de minha pesquisa se estrutura na possibilidade de efetuar um “rastreamento”. O conceito de “rastro” proposto por Ricoeur (1997) se faz fundamental para a compreensão desse processo. Segundo o autor, rastro é elo conector situado na fronteira, capaz de transformar a fratura em linha de sutura. Reside nele a possibilidade de costura de uma ausência. De acordo com Gagnebin (2006), os rastros nunca foram criados, mas sim, esquecidos, postos de lado, podendo testemunhar um passado quando os documentos oficiais não dão conta de toda a pluralidade histórica. Esses rastros atestam uma existência, permitindo que os indivíduos se apropriem de suas narrativas, antes silenciadas.

Gagnebin (2006) realiza um paralelo entre memória e rastro, para tratar da complexidade que perpassa este último, metáfora perfeita que condensa lembrança e esquecimento:

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem — o conceito — de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro”. (GAGNEBIN, 2006, p. 44).

Tal passagem me remete à fragilidade da escrita, que também pode ser pensada enquanto rastro, marca, traço. Pontuei em meu diário como as brigas de família em função das documentações que passei a exigir interferiram na criação. Ninguém sabia ao certo onde estavam as certidões e as fotos. Quando tentava ser mais incisiva em minha procura, havia um visível desgaste, em que meus familiares se mostravam cansados, sem persistência ou motivo para me auxiliar. Assim, a escrita se desfaz como uma flor de lótus ao vento, ainda que eu fique a segurar seu caule na mão, à espreita. Houve contínuas interrupções no processo inicial, que se pretendia mais biográfico, denotando uma irreduzível fragilidade da escritura, a qual se delineava, na maioria das vezes, como gesto essencialmente solitário, embora o idealizasse enquanto ato coletivo. Meu avô sempre comentou que teve de trabalhar desde criança, entregando madeiras nas casas para os fogões alheios, e subia escadas estreitas com a lenha nas costas, pinicando. Enquanto escrevia, eu sentia a irritação de algo que roçava a pele e que era, ao mesmo tempo, um fardo. Não compartilhava a lenha ao final, não fazia entregas, seguia com ela no tronco, toda para mim, coluna encurvada, com comichões de cotocos impertinentes. Mais perto do fim do processo, pude ver a implicação maior de minha família, um interesse que eclodia à medida que a resistência se amainava, que eles reconheciam a importância da pesquisa e da escrita. Meu tio foi algumas vezes ao Marc Chagall, retirou cópias de dois artigos e me enviou. Depois, telefonou-me para discutir sobre memórias encapsuladas, estando muito reflexivo. Minha avó e meu avô, na reta final do mestrado, constantemente me pediam para ler o que estava escrevendo e tentavam colaborar com lembranças que os invadiam antes de dormir, ligando para mim, compartilhando ideias. Minha mãe, desde o começo, bastante generosa, criou dois textos de memórias de sua infância, emprestando-me para ver se me auxiliava.

Gagnebin (2006) retoma Walter Benjamin para aludir aos narradores sucateiros, narradores trapeiros: aqueles que apanham sucata, panos, pedaços desimportantes, já descartados pela história oficial. Eles vão recolher os restos que se esvaem com o tempo, motivados pelo desejo de não deixar nada se perder. Nutrem-se daqueles elementos de sobra do discurso histórico: o anonimato e o esquecimento. Há uma tendência forte do cinema e da literatura contemporâneos de retratarem essas pequenas histórias, histórias singulares e fenecidas dos vínculos familiares.

Os narradores “coletores de cacos”, que Benjamin adorava, encontram reverberação no termo barthesiano “biografema”, discutido por Bedin (2011), segundo o qual o procedimento biografemático se opõe a uma concepção majoritária de biografia, narrada pelos grandes historiadores. O biografema vai eclodir na relação estabelecida com aquele sobre o qual escrevemos, incidindo no detalhe e no minúsculo que punge nos livros, nos registros, nas fotografias. Ele aspira a testemunhar o traço insignificante produzido pelo que escapa. O biografema nos põe diante de uma “microexperiência”, não sendo avesso à biografia. “Ele faz parte desta sendo-lhe ao mesmo tempo exterioridade” (BEDIN, 2011, p. 13). Ainda de acordo com Bedin (2011):

Sendo eminentemente um traço do encontro, o biografema envolveria 1) falar do outro em mim e 2) falar de mim, no outro. No final das contas, diria Jacques Lacan, estamos sempre a falar de um outramento. A escrita estaria ligada a duas outras espécies de escritura: 1) a “heterografia”, pelo desejo de escrever sobre o outro; e 2) a “alterografia”, pelo imperativo ético em tornar-se um outro diante do outro sobre o qual se escreve. (BEDIN, 2011, p.13).

Desse modo, trata-se de criar uma estratégia de permanência frente aos estranhos e íntimos fragmentos de vida que passam por nós. É através do detalhe que estruturo o meu romance. Ao dar voz aos meus avós, ou ao escutar suas vozes, restabeleço um laço conectivo geracional. Consigo atribuir sentido a experiências antes tão alheias, como partes desconexas da minha família. Contudo, almejo que outros se identifiquem justamente com essa potência do íntimo, podendo pegá-los pela mão e trazer comigo os farrapos de memórias coletivas dos possíveis leitores.

6 AUTOBIOGRAFIA DE UM OUTRO

Ao filho

*Não sou eu quem te engendra. São os mortos.
São meu pai, o pai dele e os precedentes;
São os que um longo dédalo de amores
Traçaram desde Adão aos desertos
De Caim a Abel, em certa aurora
Tão antiga que já é mitologia,
E chegam, sangue e âmago, a este dia
Do futuro, em que te engendro agora.
Sinto sua multidão. Somos nós dois
E os dois, reunidos, somos tu e os próximos
Filhos que engendrarás. Os derradeiros
E os do vermelho Adão. Sou esses outros,
Também. A eternidade está nas coisas
Do tempo, que são formas pressurosas.
(BORGES, 2009, p. 225)*

Em meu trabalho de conclusão de curso na Psicologia, intitulado *Autobiografia de um outro em mim: uma arqueologia dos afetos*, pesquisei sobre a necessidade humana de vinculação a partir do documentário narrado em primeira pessoa, em que o diretor filma um pai, um avô, uma irmã – enfim, um familiar–, para também falar de si e para delimitar os contornos de sua própria existência. A designação de minha pesquisa foi atribuída em razão do livro de Pierre Pachet (1994), denominado de *Autobiografia de meu pai*. O psicanalista Pontalis (1991) escreve um artigo estimulado por este título, questionando os limites entre o eu e o outro, entre a autobiografia e a biografia:

Esse título, por si só, perturba nossa definição de gêneros: o da autobiografia, que pretende que haja uma coincidência entre o autor, o narrador e o personagem cuja vida é retracada, os três constituindo apenas um; e o da biografia, que exige que os papéis sejam distintos e que, na maioria das vezes, pede uma distância no tempo e no espaço entre o narrador e o herói, distância que supostamente assegura a objetividade e disfarça a paixão do biógrafo por seu eleito. (PONTALIS, 1991, p. 190).

Pierre Pachet (1994) elege a primeira pessoa para dar voz e ficcionalizar a vida de seu pai morto, um homem murado em silêncios. Pachet (1994) é incapaz de disfarçar a paixão por seu eleito, dada à proximidade excessiva entre ambos. Porém, Simkha Apatchevsky não se caracterizou por ser um pai presente ou heroico. Nascido na Rússia em 1905 e falecido na França em 1965, sua vida foi tributária do exílio, das guerras, da ocupação nazista e da imigração. Após sua morte, Pachet (1994) busca a elaboração de uma história traumática. As raízes paternas, antes frágeis e secas, parecem aprofundar-se mais e mais no corpo do escritor.

Esse se descreve como alguém que, aos poucos, acorda de uma operação sob o efeito de anestesia. Ele mergulha nessa dor para senti-la. É como revela Jean Cocteau (2015) sobre seu processo de escrita: “A dor me assedia e eu devo pensar para me distrair. Sem a dor, eu não existiria” (COCTEAU, 2015, p.101).

Em uma direção similar, Aharon Appelfeld (2004) publica o romance *História de uma vida*. O autor se lança ao encontro de suas lembranças, fortemente interdidas pelo impacto da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Appelfeld (2004) equipara sua mente a porões onde se refugiou durante a guerra, evidenciando uma dimensão espacial das recordações. Os porões estavam barrados por ordem judicial, tal como sua mente umedecida e enterrada, cujas forças de recalçamento pareciam vencer as de ebulição. Assim como Pontalis (1991), Appelfeld afirma que escreve no intuito de despertar de um sono amnésico para poder efetivamente vivenciar algo, mesmo que doloroso. Reflete que, “tal como o sonho, a memória tenta dar aos eventos uma significação” (APPELFELD, 2004, p. 7). Minha tentativa de romance situa-se próxima a essa concepção, visto que vislumbro, da mesma forma associativa do sonho, dar um rosto a memórias.

Pontalis (1991) questiona se é possível fazer da autobiografia uma experiência de si, e não uma mera recapitulação. Desse modo, como podemos experienciar uma vida em texto? Será que só palavras sustentariam essa ânsia? Na tentativa de esboçar uma resposta, o psicanalista pondera que, quando é da nossa existência que tratamos, essa se vê afetada por uma escassez de realidade muito mais forte e perturbadora do que quando se trata da vivência dos outros. Assim, a autobiografia pode ser compreendida como uma tradução que se faz no inconsciente em sua relação com a alteridade. Ali onde se inaugura a possibilidade de sermos etnógrafos de nossa própria história.

André Gide (2009), no *Diário dos moedeiros falsos*, discorre sobre o processo criativo do romance epônimo, alegando que precisa perder de vista seu modelo de realidade para entregar-se à ficção: “o difícil é inventar onde a lembrança nos retém” (GIDE, 2009, p. 86). Essa lembrança doída, ardida, que nos poda as rosas e as asas. Contudo, Gide atesta que, ao escrever, distancia-se de si através dos seus personagens, a ponto de tornar-se outro: “não sou mais alguém, mas vários [...] Da mesma forma, na vida, é o pensamento, a emoção de outrem que me habita” (GIDE, 2009, p. 87). Senti-me desse modo ao escrever sobre Hana, Benjamin, Esther, Adão e Ruth – partículas elementares que dão sentido ao meu existir de átomo solitário –, através dos quais me torno outra, em uma implicação relacional.

Nessa perspectiva da dificuldade de criar onde a lembrança nos retém, Ruth Klüger (2005) escreve, em seu livro *Paisagens da memória*: “a memória é também uma prisão: em vão

tentamos nos livrar das imagens que ficaram cravadas na infância” (KLÜGER, 2005, p. 29). Depois, complementa seu pensamento, ao explicar: “são justamente as lembranças mais precisas que dão margem a inverdades, pois não cedem a nada que existe fora delas” (KLÜGER, 2005, p. 29). Desse modo, cuidei para me afastar das dolorosas lembranças infantis para poder transmutá-las através dos sonhos, dos registros do inconsciente que revelavam mais de minhas memórias do que as tentativas de resgatá-las quando estava acordada.

Paul Ricoeur (2014), na obra *O si-mesmo como um outro*, aborda a escrita daquilo que nomeia de “unidade narrativa de uma vida” (p. 168):

Nada na vida real tem valor de começo narrativo; a memória perde-se nas brumas da primeira infância; meu nascimento e, com mais razão, o ato pelo qual fui concebido pertencem mais à história dos outros, no caso a de meus pais, que a de mim mesmo. Quanto à minha morte, só será um fim narrado na narrativa àqueles que sobreviverem a mim; estou sempre a caminho de minha morte, o que exclui que eu a apreenda como fim da narrativa. A essa dificuldade fundamental se soma outra, que não deixa de ter relação com a anterior; sobre o percurso conhecido de minha vida, posso traçar vários itinerários, tramar vários enredos, em suma, contar várias histórias, uma vez que a cada uma falta o critério de conclusão [...]. (RICOEUR, 2014, p. 171).

O autor prossegue seu paralelo, afirmando “pedaços inteiros de minha vida fazem parte da história da vida dos outros” (RICOEUR, 2014, p. 171). Ele denomina essa relação de “intrincamento”. Esta dimensão de nossa trajetória da qual nem sempre teremos o controle, como o nascimento e a morte, que pertencem mais à narrativa de nossos familiares, está na base das reflexões da psicologia sobre transgeracionalidade, implicação e transmissão.

Ricoeur (2014) indaga se é mesmo possível falarmos em unidade narrativa de uma vida, já que as histórias de vida se diferem das histórias literárias justamente pela abertura nas duas extremidades e por esse “intrincamento”. Porém, em ambas as formas, podemos fazer uso da criação, pois “há um misto instável de fabulação e vivência. É precisamente em razão do caráter evasivo da vida real que temos necessidade do socorro da ficção.” (RICOEUR, 2014, p. 173). Assim, embora totalmente intrincada naquilo que escrevia, na escrita de uma vida cujo fechamento ainda não posso ousar conhecer, recorri desesperada à ficcionalização para vislumbrar um passado (ou um nascimento) e um destino (ou uma morte) incertos.

Apresentei dúvidas práticas em relação ao meu processo criativo. A ideia era a de revelar a voz narrativa de meus antepassados. No entanto, creio que meu “eu” os invadia, não havia borda entre nós; meu “eu” virava uma ameba com protozoários gigantes a engolfar o outro. Em relação às histórias dos pacientes, conseguia inventar e descentrar-me. Somente quando dizia respeito à minha vida, essa escassez de realidade tingida de ficção não se confirmava enquanto

estruturação narrativa. Sentia-me presa essencialmente a tudo que de fato ocorreu e a tudo que me foi silenciado.

Fiz as seguintes anotações em meu diário de diálogos com meu avô:

13/2/2017

Vô: como vai a escrita da minha vida?

Eu: vai bem, tenho que te entrevistar...

Vô: minha vida daria trezentas páginas no mínimo. Tu tem que começar lá do início, quando minha mãe queria que eu tivesse nascido menina.

Eu: sim, talvez tantas páginas não caibam no mestrado, vô. Mas tenho que seguir te escutando.

Vô: agora que inspirei um livro sobre a minha vida, olha lá! Não vai contar a tua versão dos fatos! vai contar a minha, o que *eu* penso!

20/2/2017 - Repetição

Eu- vô, posso te entrevistar hoje?

Vô- Como me entrevistar? Eu é que vou narrar a minha história, do meu jeito, e não do teu!

Eu- Sim, vô...por que tu te preocupa tanto com isso, em não ser do teu jeito?

Vô (sem responder) – eu acho que tu vai ter de escrever uns 120 capítulos, cada um com duzentas páginas mais ou menos. Tenho muita história na gaveta!

Meu avô me cobrou muito se seria fiel a ele, se contaria a história dele – e não a minha versão dos fatos. Minha avó, durante muito tempo, aparentava indiferença. Será que estou apenas entoando a minha própria voz nessa jornada? Esse medo me consumia – e ainda me gera angústias. Todavia, li *Como ficar sozinho*, de Jonathan Frazen (2012), conjunto de ensaios que o autor escreve após a morte de seu pai. Foquei-me em um belo capítulo intitulado *O cérebro de meu pai*. Na biópsia de seu pai, há uma descrição cuja crueza embrulha o estômago: “o cérebro pesava 1.255 gramas e mostrava atrofia parassagital com alargamento sulcal” (FRAZEN, 2012, p. 63). O autor paralisa, em um primeiro momento de transbordamento insuportável, para posteriormente transmutar a dor sentida em criação. Ele registra com maestria a necessidade de o sujeito individualizar-se em relação ao seu objeto, como relata acerca da escrita voltada à figura paterna:

O que ele *quis* (nos primeiros anos, lucidez; nos últimos, não resistir à doença) era essencial ao que ele *era*. E o que *eu* quero (histórias do cérebro de meu pai que não sejam sobre um pedaço de carne) é essencial ao que eu escolho lembrar e narrar (FRAZEN, 2012, p. 87).

As escritas de Frazen (2012), de Pachet (1994) e de Appelfeld (2004) promovem empatia no leitor talvez justamente por elas visibilizarem o desejo dos escritores, os quais elaboram vivências e reconstróem figuras familiares. A linguagem encontrada nesses livros é suficientemente expressiva para revelar o que até então era inexprimível. Quem lê a história de Franzen (2012) pode vislumbrar a forma como o autor colocou-se na trama, como escolheu narrá-la e o que optou por lembrar. Além disso, ele acede a uma nova estratégia de criação ao explicar: “o que mais importa é escrever da maneira mais verdadeira possível. Se realmente amamos a pessoa sobre quem escrevemos, a escrita deve refletir esse amor” (FRAZEN, 2012, p. 289). Essa ideia vai ao encontro da tentativa de idealizar a escrita como cartas de amor endereçadas, que só funcionam por serem verdadeiras – senão seriam traições. Mas endereçadas não apenas a uma pessoa específica: sua potência está justamente no entrelaçamento de muitas memórias, de muitas histórias similares a partir dessa identificação – endereçamento a todos aqueles que se julguem os destinatários.

No entanto, preocupava-me que o texto em prosa fosse (auto)biográfico a ponto de que se tornasse excessivo em sua historicidade por sua verossimilhança. Apenas na poesia, sentia encostar com a ponta dos dedos em certa brecha imaginativa. Cercava-me de dúvidas também quanto à transposição das entrevistas realizadas com meus parentes como parte do material ficcional. Anteriormente, as havia colocado na íntegra no trabalho, bem como mantivera os nomes originais dos meus familiares, sem distanciamento de ficcionalização. Estava muito presa à história propriamente dita, e isso me punha aflita. Decidi, por fim, modificar e fragmentar as entrevistas, inserindo-as na narrativa da terceira pessoa, extraindo delas apenas alguns detalhes mais significativos. Alterei os nomes próprios de meus parentes e inseri mais textos em prosa, suprimindo as lacunas.

Acredito que o íntimo possa desembocar no universal, se houver um afastamento mínimo que garanta uma potência de criação. Os leitores, assim, podem se identificar com a história narrada. É o que fala o escritor judeu e sobrevivente do Holocausto, Imre Kertész (2008, apud PASSOS, 2008, p. 2), sobre a forma autobiográfica que elege para a sua escrita sem, no entanto, escrever sua autobiografia: “Tenho a maior dúvida quando se trata de uma transmissão bruta não formatada artisticamente. Penso que é muito importante testemunhar tudo o que se sabe. Mas quando não é expresso de forma artística, quando é lembrado de forma praticamente pública, há quase sempre uma manipulação.” Ele complementa, ressaltando uma diferença entre o vivido e a escrita:

A vida e a escritura são dois níveis completamente diferentes. A escritura é algo não-vivo que tem suas próprias regras e leis. Há numerosas técnicas de escritura e modos diferentes de trabalhar, mas o essencial é não confundir a escritura, ou a personagem no papel, com uma pessoa viva. Quando comecei a escrever, isso foi uma tomada de consciência absolutamente fundamental para mim. A razão é que me ocupei de questões como o Holocausto e que, aí, há de saber o que se quer. O Holocausto em si não é descritível, então há de confiar completamente na linguagem e encontrar uma linguagem que seja expressiva. Expressiva no sentido de ela conter o que não se pode escrever.⁴³ (KERTÉSZ, 2008, apud PASSOS, 2008, p. 3).

Em sintonia a essa ideia, o escritor espanhol Jorge Semprún, deportado em 1944 e liberado em 1945, registra no seu livro *A grande viagem*, de 1961:

Surge uma dúvida sobre a possibilidade de contar. Não que a experiência vivida seja indizível. Ela foi inviável, o que é totalmente outra coisa... outra coisa que não concerne à forma de um relato possível, mas a sua substância. Não sua articulação, mas sua densidade. Só alcançarão essa substância, essa densidade transparente aqueles que saberão fazer de seu testemunho um objeto artístico, um espaço de criação. (SEMPRÚN, 1995, p. 25 apud PASSOS, 2008, p. 2).⁴⁴

Kertész (apud PASSOS, 2008) pontua a necessidade de se fazer uso de uma linguagem expressiva que revele, paradoxalmente, uma incomunicabilidade. Em sua perspectiva, há uma separação substancial entre vivência e processo de escrita, ressaltando para que não se confunda uma personagem do papel com uma pessoa viva. Semprún (apud PASSOS, 2008) alude à inviabilidade da experiência vivida, que necessita ser transmutada em objeto artístico para visibilizar sua substância. Em uma releitura, quando estava com o texto quase finalizado, preocupei-me que minha avó pudesse se sentir ofendida e cogitei modificar algumas partes para que ela o lesse sem ficar chateada. Posteriormente, enfim, compreendi que não se tratava da minha avó transposta ali a respirar. Um processo de criação havia sido operado, e o que eu tinha era Esther. Minha avó não nasceu nos fundos da Casa das Bolsas, mas sim num galpão de madeira; teve dois irmãos, que condensei para elaborar a personagem de Samuel; ela viajou

⁴³ «La vie et l'écriture sont deux niveaux complètement différents. L'écriture est quelque chose de non-vivant qui a ses propres règles et lois. Il y a de nombreuses techniques d'écriture et des façons différentes de travailler, mais l'essentiel, c'est de ne pas confondre l'écriture ou, si on veut, un personnage sur le papier, avec une personne vivante. Quand j'ai commencé à écrire, ça a été une prise de conscience absolument fondamentale pour moi. La raison, c'est que je me suis occupé de questions comme l'Holocauste et que là il faut savoir ce qu'on veut. L'Holocauste même n'est pas descriptible. Il faut donc complètement se fier au langage et trouver un langage qui soit un langage expressif. Expressif, dans le sens où il contient ce qu'on ne peut pas décrire». Entrevista de Imre Kertész publicada na revista **Mouvements**, n. 53, mars-mai 2008, tradução de Marie Hélène P. Passos.

⁴⁴ «Un doute me vient sur la possibilité de raconter. Non pas que l'expérience vécue soit indicible. Elle a été invivable, ce qui est tout autre chose... autre chose qui ne concerne pas la forme d'un récit possible, mais sa substance. Non pas son articulation, mais sa densité. Ne parviendront à cette substance, à cette densité transparente que ceux qui sauront faire de leur témoignage un objet artistique, un espace de création». Tradução de Marie-Hélène P. Passos.

para alguns lugares além de Capão da Canoa; é uma pessoa afetiva que sempre chorou; quem teve tricotilomania após um trauma vivido por sua mãe fora uma paciente minha de três anos de idade, e não minha avó. Entre muitas outras idiossincrasias que remodelei. Agora, quem eclodia em minhas mãos era uma outra, era uma personagem.

Por outro lado, Ivan Jablonka (2012) reitera seu lugar de historiador no livro *Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus: une enquête (História dos avós que não tive: uma investigação)*. Concebe sua escrita como biografia familiar, como obra de justiça e como um prolongamento de seu trabalho historiográfico: assim inicia sua pesquisa em direção ao lugar de nascimento de seus avós, Mates e Idesa. A investigação começa na aldeia de Parczew, na Polônia, de onde seus avós são provenientes. Em 1937, deixaram a Polônia em direção à França, e sua militância lhes impossibilitou a aquisição de uma residência legal e de uma permissão de trabalho. Em 1943, foram capturados em Paris e encaminhados a Auschwitz. O pai de Ivan ficou sob a tutela de uma prima de sua mãe. As recordações do escritor, que nunca vivenciou o Holocausto senão através dos avós que não conheceu, poderiam encontrar-se no âmbito da memória que é herdada, e não vivenciada diretamente. Apesar de se ater ao verossímil na sua construção narrativa, Jablonka (2012) condensa uma beleza literária por suas fortes metáforas e se vale de uma linguagem expressiva:

essas cinzas do século não descansam em alguma urna do templo familiar, estão suspendidas no ar, viajam à vontade dos ventos, umedecem-se com as espumas das ondas, bordam de lantejoulas os tetos da cidade, alfinetam nosso olho e se vão como um avatar qualquer, pétala, cometa ou libélula, tudo o que é leve e fugaz. (JABLONKA, 2012, p. 10, tradução nossa).

Embora eu não busque um resgate histórico com a minúcia com a qual Jablonka (2012) o faz, aprecio o estilo desse escritor em função da sutileza de sua prosa poética. Nesse sentido, ele me inspirou a pensar em um possível deslocamento oferecido pelas figuras de linguagem, capazes de preencher vazios. Jablonka (2012) estabelece um belo paralelo entre as narrativas anônimas e a narrativa oficial, ao apontar que o estudo da neve humana deve revelar o poder de atração da avalanche e, ao mesmo tempo, a irredutível delicadeza do floco. Como expor, então, o floco irredutível?

7 NARRATIVA POÉTICA

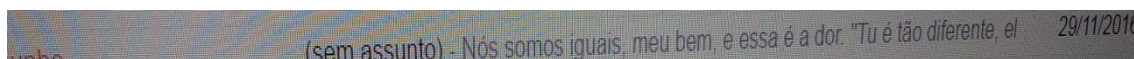
Uns que tombaram duzentos séculos atrás, /cinco séculos atrás, /
e meio século atrás./Alguém transportando aqui numa carruagem
dourada,/alguém num vagão de extermínio/ (...) bilhões de rostos
na face da Terra (...) talvez a Natureza precise enganar,/e, para
dar conta de prazos e demandas,/ comece a pescar aquilo que está
submerso,/no espelho da desmemoria.

(SZYMBORKSA, 2016, p. 269)

Jean-Yves Tadié (1994) busca compor um novo gênero literário em sua obra *Le récit poétique*, denominado de “narrativa poética”, dada à dificuldade de se diferenciar a prosa da poesia na atualidade. Esse gênero se caracteriza por seu hibridismo, estando situado no limiar entre o romance e a poesia, nas fronteiras da literatura. Preserva a ficção do romance, mas seus procedimentos narrativos se reportam aos do poema. Na narrativa poética, reside um movimento de busca em uma estrutura descontínua, almejando a tradução do mundo através da leitura de simbolismos. O passado é seu tempo primordial: tempo da memória pulverizada. Tal teorização abraça-me no sentido de ofertar um entendimento para a minha escrita. A possibilidade de os gêneros serem desconstruídos e reinventados à medida que o escritor se depara com uma parede é estimulante. Ele necessita burlá-la ou quebrá-la, extraíndo suas próprias concepções para ancorar seu pensamento. Minha ideia de ficção aproxima-se muito da de narrativa poética, uma vez que pretendo utilizar os efeitos de ambas as formas de expressão – romance e poesia. Todavia, não vislumbro a territorialização em um gênero literário.

A poesia é um modo de significar. Organizo grande parte do meu discurso e do meu pensamento a partir dela, quando vou ao encontro de alguma lembrança ou de alguma compreensão. Tudo o que escrevo de poesia inicialmente é feito: a) no rascunho do e-mail do celular, com risco de ser enviado a todos os meus contatos, porque vivencio uma adrenalina ao digitar e porque os documentos ficam permanentemente salvos ali; b) à noite, antes de dormir.

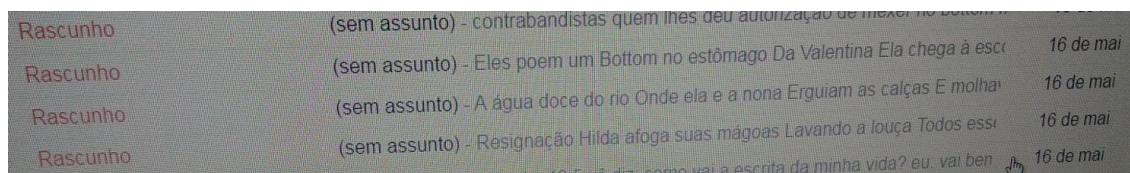
Figura 12 – Rascunho no e-mail 1



(sem assunto) - Nós somos iguais, meu bem. e essa é a dor. "Tu é tão diferente, el 29/11/2016

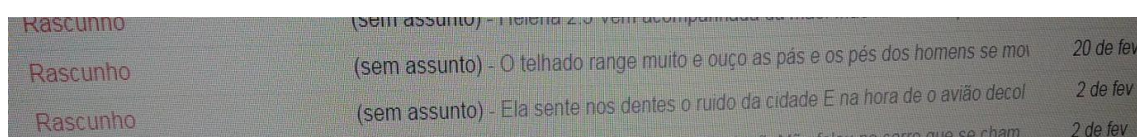
Fonte: CERVO (2016).

Figura 13 - Rascunho no e-mail 2



Fonte: CERVO (2017).

Figura 14 - Rascunho no e-mail 3



Fonte: CERVO (2017).

Muitos poemas que escrevi têm em comum temáticas que giram em torno da dificuldade humana de fazer contato e, por outro lado, das insistentes frações dos outros que nos habitam e não nos deixam. Seja através da escassez de imagens do passado contrapondo-se ao excesso experimentado nas redes sociais, ou através de personagens que carregam suas sacolas de modos diferentes.

Encontrei, inicialmente, limitações em ofertar certa coesão aos poemas e integrá-los às entrevistas. Depois, à medida que desenvolvia o romance, vi que eles naturalmente faziam parte daquelas intensidades todas ali depositadas. Entretanto, creio que desde o início ficava claro e até incisivo demais o caráter transgeracional que os liga – duas mulheres aparentadas com risco de fusão caso se comuniquem; a família presa em um asfalto almejando escapar; a figura do peixe sempre reaparecendo, aludindo à nossa ancestralidade oceânica cujo cheiro impregna. Para mim, a poesia necessita contar uma trama. Ter um enredo, uma história. Revelar uma experiência sem afetação. É o que gostaria de alcançar quando me ponho a tentar escrever. Leio muito a poesia de Bandeira, Drummond ou, mais recentemente, Marília Garcia, Ana Martins Marques e Angélica Freitas. Mas minha grande inspiração de leitura de poesia filosófica e acessível é a polonesa (não sei se acaso sua nacionalidade influencia nessa escolha) Wislawa Szymborska.

De acordo com a tradutora do livro para o português, Regina Przybycien, a poesia de Szymborska alude ao que é possível, através de uma linguagem que almeja “evitar as grandes

palavras” (PRZYBYCIEN, 2011, p. 20). A leveza e a facilidade de sua escrita são atingidas com certo esforço, como demonstra o poema *Sob uma estrela pequenina*: “não me julgues má, fala, por tomar emprestado palavras patéticas, / e depois me esforçar para fazê-las parecer leves” (PRZYBYCIEN, 2011, p. 21). Em seu processo criativo, Wislawa evita as palavras rebuscadas, arcaicas ou as frases muito prolixas, empenhando-se para adquirir a concisão necessária em sua obra. Aproxima-se do que Manoel de Barros revela acerca de seu fazer poético: “Quando encontro uma palavra muito enfeitosa – desconfio. Preciso me dizer de modo magro.” (BARROS, 2010, p. 23).

João Cabral de Melo Neto (1994) discorre acerca da inspiração e do trabalho da arte, os quais, para ele, visam à criação de uma obra com elementos da experiência de um homem. As duas formas distinguem-se em relação à maneira como essa experiência se encarna em seu autor. Segundo ele, no que tange a uma criação poética atrelada à inspiração, o poema surge como um eco da experiência vivida. Como um resíduo de sua experiência. Exige, portanto, que o leitor se esforce para colocar-se dentro da vivência original. Geralmente, os poetas que apenas transcrevem de imediato sua inspiração não desenvolvem temas mais objetivos, exteriores a si. Contudo, em relação aos poetas que veem sua criação enquanto um trabalho, a experiência consegue ser elaborada, decantada com paciência. Penso que ainda necessito concluir o trabalho de elaboração da maioria dos meus poemas, que saem primeiramente como descarga, e têm sido revisitados mais recentemente, no final da dissertação. Mas talvez essa revisão seja permanente – o poema está sempre em aberto.

Podemos aproximar a poesia de Szymborska ao segundo tipo de processo de que fala João Cabral (1994), dada a potência de sua transmissão de experiência que não causa ao leitor um esforço para decifrá-la e que se vincula, assim, a uma dimensão universal. É nesse sentido que o poeta Manoel de Barros (2010) escreve “as nossas particularidades só podem ser universais se comandadas pela linguagem” (BARROS, 2010, p. 28). Retomo aqui questionamentos fundamentais para a minha ficcionalização, os quais se centram nesse ponto: em que medida, a partir da literatura, conseguimos fazer do íntimo o universal? Quais recursos estéticos e narrativos podem ser empregados para garantir a identificação do leitor com algo que diz de uma história iniciada em letra minúscula, tão pessoal? Como atrelar o privado ao público? Acredito que a simplicidade da linguagem atrelada, não paradoxalmente, à carga metafórica de algumas expressões, pode facilitar esse alcance.

Devoro os poemas traduzidos para a língua portuguesa da poeta Wislawa Szymborska para poder repensar, reescrever os que me aventuro a criar. Esse espelho da desmemória que repete rostos e formas conhecidas, dando um ar de familiaridade a tudo o que vemos, revela a

continuidade existente entre os seres humanos.

8 GEOGRAFIAS, MAPAS, DESLOCAMENTOS

*Você fez questão
de dobrar o mapa
de modo que nossas cidades
distantes uma da outra
exatos 1720 km
fizessem subitamente
fronteira*
(MARQUES, 2015, p.20)

No romance *A casa das bolsas*, pretendi explorar a memória em seu caráter geográfico. Tal como aponta Said (2004) para recompor sua trajetória: “junto com a linguagem, é a geografia – especialmente na forma deslocada de partidas, chegadas, adeuses, exílios, nostalgia, saudades de casa e da viagem em si – que está no cerne de minhas lembranças naqueles primeiros anos” (SAID, 2004, p. 15). Os bairros Bom Fim, onde os avós da personagem vivem, e Petrópolis, onde a narradora mora, eclodem no texto em seu antagonismo. O primeiro caracterizado por seu movimento, por seu comércio, por seu reduto tipicamente judaico. O segundo mais silencioso, mais solitário, alheio às tradições religiosas. Minha ideia era a de perscrutar as mudanças sofridas ao longo dos anos nesses dois polos de Porto Alegre. As casas amplas e espaçadas davam lugar aos grandes edifícios espelhados na avenida Bagé. Já na Osvaldo Aranha, os estabelecimentos se multiplicavam, a concorrência crescia.

Ruth Klüger (2005) mapeia suas recordações geograficamente enquanto paisagens, suas paisagens da memória. É o que a escritora e sobrevivente de Auschwitz explica com precisão e poesia: “quis chamar minhas lembranças de ‘estações’ e associá-las despreocupadamente a nomes de lugares. [...] Naufraguei muitas vezes e, assim, os nomes dos lugares são como pilares de pontes dinamitadas. [...] Vamos começar com aquilo que restou, os nomes dos lugares” (KLÜGER, 2005, p.74). Agarro-me ao nome *A casa das bolsas*, nome da loja de meus bisavós, como resto possível e pulsante. Aos nomes das ruas porto-alegrenses que tive de pesquisar no Instituto Judaico Marc Chagall para adaptar à cidade dos anos de 1937 a 1970, período que antecede o meu nascimento. Os nomes específicos de um Bom Fim com bondes, armazéns e charretes. Depois, a personagem em primeira pessoa cita também diversas avenidas pelas quais se desloca, no intuito de promover um contraste entre as modificações dos lugares ao longo do tempo. Já que minha família não sabe nem o fim e nem os nomes próprios dos seus antepassados, precisou agarrar-se ao bairro Bom Fim e aos seus becos que compõem a atual Venâncio Aires; ao seu parque da Redenção; a estabelecimentos como o antigo cinema

Baltimore; a ruas como a Felipe Camarão, a Fernandes Vieira, a Osvaldo Aranha – todos exaustivamente nomeados.

A temática da imigração está presente no romance *A casa das bolsas* ainda pela escolha das duas imagens do Moïse Kisling para ilustrar parte do trabalho. Ele foi um pintor judeu e polonês que adquiriu a nacionalidade francesa para estudar artes em Paris. Precisou se refugiar primeiro em Portugal e depois nos Estados Unidos para escapar da ocupação nazista na França. O quadro do peixeiro a segurar uma sacola, eu já conhecia. Kisling é relativamente famoso no meio judaico por pintar expressões fortes, oblíquas, que parecem ter algo a revelar, em uma introspecção fabulosa. Penso que essas imagens foram incluídas porque combinavam com a proposta do romance, bem como faziam referência à vida do pintor – uma vida minada de migrações impostas em razão de ser judeu. O poema que trata da pintura do peixeiro, recebeu o nome de *Displaced persons* (p. 47), para aludir às DPs, que são a abreviação dessa expressão para se referir aos libertados, aos deportados que desejavam retornar para casa ou aos apátridas que queriam imigrar, em um contexto após a Segunda Guerra Mundial. Os DPs eram essencialmente os judeus que haviam perdido tudo, em uma história mesclada de sofrimento e de sobrevivência. Minha ideia era a de associá-los a pessoas com sacolas frágeis apoiadas, que perambulam pela vida em um abandono pesado.

Reli o livro de Moacy Scliar (2014), *A guerra do Bom Fim*, em que esse bairro irrompe anedoticamente como um pequeno país. Scliar (2014) utiliza-se não apenas de humor como forma de deslocamento, mas da locomoção entre os espaços. Ele efetua uma descrição incansável do Bom Fim dos anos quarenta, retomando aspectos de sua origem – como o da transformação da várzea em Redenção, após seu saneamento. Explora o cinema Baltimore, o boteco do Serafim, o Círculo Social Israelita. Scliar (2014) retrata a única viagem viável nas circunstâncias de pobreza após a imigração em que o romance se ambienta: a viagem para Capão da Canoa, a praia que conglomerava a maioria dos judeus gaúchos. Sua narrativa é muito convincente e repleta de detalhes, dos quais me utilizei para engenhar uma atmosfera aproximada – a presença do farol, dos cômodos de areia, do Hotel Bassani com seus casebres de madeira.

Anos depois, Laub (2011) efetua uma contextualização de Capão da Canoa, em que retoma com certa nostalgia seus lugares de memória – o cinema, o fliperama, o bar onde bebia com os amigos, seus vizinhos da praia. E conclui, em tom menos bem humorado e mais fatalista que o de Scliar (2014): “nenhum desses lugares existe hoje – chegará um momento em que a casa de Capão será derrubada, e um prédio será construído, e os pais dos amigos mudarão de praia, e eu nunca mais saberei de nenhum deles” (LAUB, 2011, p. 85-86).

Os veraneios em Capão da Canoa foram um marco na minha infância. Meus avós, embora já tenham viajado para outros lugares, não saem do Rio Grande do Sul há muitos anos. Meu avô andou apenas uma vez de avião para o Rio de Janeiro. Minha avó, uma única vez para São Paulo. Ambas as travessias foram feitas nos anos sessenta. Depois disso, somente iam para o Edifício Conforto. E eu, junto deles, passava as minhas férias a jogar canastra. A cada ano que passava, as viagens tornavam-se mais rarefeitas. A ponto de que agora eles mal deixam a cidade. Eu busquei utilizar esses dois momentos de viagem a Capão como pequenos deslocamentos possíveis no romance, brechas de afastamento da dura realidade banal em que as personagens estavam inseridas. Além disso, queria promover um encontro entre as narrativas em primeira e em terceira pessoa, na sua relação com Capão da Canoa enquanto um percurso viável de se experimentar. A personagem sem nome lembra de ficar na varandinha do Edifício e ir à sorveteria com a avó. E essa mesma avó passava os dias com duas amigas no Hotel Bassani, em sua infância, talvez por não ter tido uma avó para chamar de sua. Em um dos verões testemunhara um afogamento, um afogamento cujo impacto tentará atenuar quando ficar obcecada por Iemanjá no futuro, levando oferendas junto da neta. A ideia era de que a memória ganhasse uma dimensão cíclica, de encontros, de pontos de identificação entre os diversos fragmentos do texto, compondo um território. Quase uma cartografia da relação avó-neta.

Outro ponto fundamental para a fixação no mapa é a relação que os judeus imigrantes têm com o dinheiro. No romance, quis mover-me por essa zona conflituosa que era a do contato avarento da família de Esther com o dinheiro. Esse era o centro da vida de Hana e de Benjamin, em sua necessidade de guardar, de se conter, de negociar. Noemi Jaffe (2012) explica em seu livro sobre como a obrigação de economia era consequência da guerra. Ela analisa que o dinheiro, para os judeus, se fundava enquanto território de morada. Para “um povo diaspórico e exilado o dinheiro é, mais do que uma moeda de resistência e sobrevivência, também um lugar, um mapa, uma casa” (JAFFE, 2012, p. 134).

Jaffe (2012) afirma que a mesma situação não ocorre com os judeus que foram para Israel, em cujo mapa havia um lugar garantido, uma identidade assegurada. Já para aqueles que sobreviveram e imigraram para outros países, o dinheiro era o assunto essencial de conversas, de demonstração da capacidade de resignação. Eles não falavam português, não tinham ensino superior ou formação profissional. Só lhes restava adotar “a linguagem do dinheiro. Essa era a sua maior possibilidade de inserção e de recuperação do sentido de humanidade perdido. O dinheiro era – e talvez ainda seja – sua memória” (JAFFE, 2012, p. 134). Penso que a dificuldade de Benjamin, Hana e Esther de desfrutarem da vida de forma mais prazerosa, usufruindo com liberdade daquilo que desejavam, possui estreito vínculo com essa noção de

fazer do dinheiro uma memória.

Não se pode gastar a memória, dar a memória, deve-se elevá-la à esfera da retenção desesperada.

9 MINHAS MEMÓRIAS SUAS

SOLAR

*Minha mãe cozinhava exatamente
arroz, feijão-roxinho,
molho de batatinhas.
Mas cantava.*

(PRADO, 2013, p.102)

Minha mãe ancora sua memória na Casa das Bolsas de seus avós, no seu espaço físico, no caixa, nas vitrines – quiçá justamente pela dificuldade em ter acesso a narrativas familiares –, a ter conhecimento sobre como se construiu aquela loja e sobre a ligação dos seus avós com o Brasil. Hoje sou eu quem passa na frente da Casa das Bolsas junto aos meus avós, os pais de minha mãe. Somente nesse ano descobri que aquela loja, aquele terreno, já havia pertencido à minha família, já havia sido cenário da vida de tantas pessoas que amo. Entrei inúmeras vezes em tal estabelecimento do Bom Fim quando saía da faculdade, passeava pela Osvaldo de moçila com alguma amiga e cobiçava as suas bolsas, na banalidade de uma rotina, colocando meus pés ali dentro, sem jamais supor um passado em comum. A Casa das Bolsas foi transformada em outra loja, cuja força da propaganda nos invade. Meu avô se irrita com o pixo no estabelecimento, marcas de um tempo mais atual. O número, contudo, é o mesmo: 1170. Mas essa permanência algorítmica não diz nada para mim, parece não dizer muito para meus avós.

Pierre Nora (1993) formula o conceito de “lugares da memória”, os quais são, por exemplo, museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários. Porém, para o autor, é necessário o investimento de uma aura simbólica, de uma significação para que estejamos no terreno dos lugares da memória. Eles necessitam de intenção, de vontade de rememoração. Assim, podem funcionar para bloquear o trabalho do esquecimento. Caso contrário, serão apenas lugares da história. Nora (1993) afirma que tais locais só existem por não haverem mais meios possíveis de recordação, e pontua: “se habitássemos ainda a nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (NORA, 1993, p. 8). Em situações traumáticas devastadoras, parece imperar uma cisão do sujeito, que não mais reconhece algumas lembranças como parte de si. Por consequência, as exterioriza. Nesse sentido, podemos pensar as bolsas da narrativa também enquanto lugares da memória. À medida que a personagem reconhece que as suas rememorações já estão dentro de si, ela não necessita mais investir um objeto de carga simbólica tão pesada. Ela pode partir leve, deixando para trás o passado que lhe impede o movimento, pois ela coexiste agora com sua própria memória.

De acordo com o autor, os lugares de memória evidenciam que o passado é radicalmente outro, impenetrável, “ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre” (NORA, 1993, p. 19). Tais locais são marcos testemunhais “das ilusões da eternidade” (NORA, 1993, p. 13), de modo que os sujeitos atacam a suposta continuidade de sua história na utopia de que esses sítios vão durar para sempre. Porém, Nora (1993) escreve: “se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento [...] os lugares da memória só vivem sua aptidão para a metamorfose”. (NORA, 1993, p. 32). Essas transformações denotam também a perecibilidade da memória – e o risco que corremos se não conseguirmos nos apropriar também internamente de nossas reminiscências.

Minha avó herdou memórias que não viveu. Ela as experimentou a partir do contato com o ídiche e com a cultura judaica de seus pais. Entretanto, o trauma era tamanho que lhe foi roubada a possibilidade de saber o que de fato ocorreu. Quem eram os seus avós? Como morreram? A brutalidade do silêncio fez minha avó omitir-se por completo. É a partir dessa mudez que a personagem de Esther ganha corpo.

“Pós-memória” é o termo cunhado pela professora de Literatura Comparada da

Universidade de Columbia, Marianne Hirsch. Em seu livro *Family frames (Quadros de família)*, ela efetua uma análise muito pertinente sobre a relação entre os álbuns de família, esse universo íntimo que cerca cada um de nós, e a dimensão da memória coletiva que os atrela às grandes tragédias da humanidade, como o Holocausto. Hirsch (1997) traça uma interseção entre história privada e pública, a partir da análise de sobras, detritos de memórias nessa colagem constitutiva que são as montagens dos álbuns familiares.

A autora explica que propõe tal noção com certa hesitação, consciente de que o prefixo “pós” poderia implicar que estamos além da memória e, portanto, puramente na história. Assim, ela desenvolve uma definição do conceito:

Pós-memória é uma distinção da memória por distância geracional e da história por profunda conexão pessoal. A pós-memória é uma forma poderosa e muito particular de memória, precisamente porque sua conexão com seu objeto ou fonte é mediada não por meio da lembrança, mas por meio de um investimento e criação imaginativos. Isso não quer dizer que a própria memória não seja mediada, mas que está mais diretamente ligada ao passado. Pós-memória caracteriza a experiência daqueles que crescem dominados por narrativas que precederam seu nascimento, cujas próprias histórias tardias são evacuadas pelas histórias da geração anterior, moldadas por eventos traumáticos que não podem ser compreendidos nem recriados. (HIRSCH, 1997, p. 22, tradução nossa).

Hirsch (1997) formula tal concepção mais precisamente em relação aos filhos dos sobreviventes do Holocausto, embora acredite que possa usá-la para descrever memórias da segunda geração referentes a outros episódios históricos. Ela afirma que prefere essa ideia à de “memória ausente” ou “buraco da memória/memória esburacada” (HIRSCH, 1997, p. 22). A autora busca expor a memória de natureza indireta e fragmentária daqueles que não experimentaram eventos traumáticos diretamente, mas que cresceram no contato com narrativas familiares de violência e de choque.

Em seu livro *Paisagens da memória*, Ruth Klüger (2005) expressa seu desejo de aceder a lembranças experimentadas por sua mãe, ao escrever:

se ao menos pudesse me apropriar da memória de minha mãe para completar a minha, imperfeita, e assim penetrar no próprio passado. (...) se pudéssemos ao menos tocar aquilo que habita as lembranças do outro, sem os polimentos e os retoques que filtram a parte granulosa, arenosa da realidade vivida numa narrativa posterior. (KLÜGER, 2005, p. 33).

Segundo Hirsch (2009), as fotografias podem fazer o elo para conectar as lembranças da primeira e da segunda gerações: memória e pós-memória. Tais imagens são restos,

atravessados por lacunas, as quais atestam a existência do passado – ao mesmo tempo em que revelam sua distância intransponível com o presente. Infelizmente, minha avó jamais teve acesso a fotografias e a álbuns de família para conhecer o rosto de seus avós, primos e primas, tios e tias. A ausência de registros e de palavras lhe impossibilitou uma mediação com o pretérito, culminando em uma grande desconexão psíquica e em uma incapacidade de criação.

Candau (2011) também pensa a contemporaneidade e sua proliferação de traços e imagens. Ele discorre acerca de uma “hipertrofia memorial” na qual os indivíduos se esforçam para produzir informações, armazená-las e propagá-las, bem como de uma exteriorização da memória que denomina de “iconorreia” (CANDAU, 2011, p. 111). Esta “mata a imagem e torna mais difícil a transmissão: quando há muita imagem, há muitos ícones, e o indivíduo não pode mais aceder à ideia ou ao imaginário veiculado pelo suporte imagético” (CANDAU, 2011, p. 116). Logo, a iconorreia poderia conduzir ao esquecimento, uma vez que os estímulos são “apresentados”, mas pouco “representados”. No poema *Escavações* (p. 17), exponho essa iconorreia que não faz liga, que não nos desperta simbolicamente, contrastando-a com a escassez de material encontrado sobre a minha família. Quase não se têm registros da vida de meus bisavós, avós ou da infância de minha mãe e tia: desde fotografias a cartas e diários, não encontro nada. Em uma de suas arrumações, meu avô jogou fora todos os cadernos de poesia de minha mãe, bem como algumas raras fotos que conservava. Essa carência revela também uma outra mais profunda, que diz respeito à comunicação e à escuta, visto que imperou em minha infância uma impossibilidade de se transmitir rastros do passado.

Em seu trabalho *A ausência como lugar de pós-memória*, Quintais (2012) retoma a ideia de que vivemos em uma era da pós-memória, enlaçando-a ao conceito *traumatized landscape*/ “paisagem traumatizada” (KAPLAN, 2011 apud QUINTAIS, 2012, p. 2), para abordar os “lugares de memória” depois de Auschwitz como “lugares de pós-memória”. Quintais (2012) exemplifica essa perspectiva a partir da obra artística da norte-americana Susan Silas, chamada de *Helmbrechts walk*. Silas é fotógrafa, descendente de pais húngaros e judeus, sobreviventes do Holocausto, pertencendo a uma segunda geração pós-memorial. Durante 22 dias, ela percorreu os 360 quilômetros de Helmbrechts, na Alemanha, até Volary, na República Checa, para refazer a marcha de morte imposta a 580 mulheres judias, durante a primavera de 1945. Passados 53 anos desde o episódio, Silas empenhou-se em realizar esse mesmo caminho enquanto testemunha, fotografando e comentando suas impressões, mesclando o passado e o presente em uma potência dialética. A tentativa é a de “(re)construção” de um trajeto esquecido, cujas protagonistas foram apagadas, e de elaboração de um trauma vivenciado pelos seus pais, no resgate de uma memória que a antecede.

Figura 15 – Fotografias de *Helmbrechts walk*



Fonte: QUINTAIS (2012).

10 TRANSGERACIONALIDADE

*A infância ainda gravita
em mim. Não só
a minha, mas outras
que vêm com músicas
sub-reptícias, por um atalho
por onde atravessam
com a velocidade
incalculável
do tempo.*

(LIUZZI, 2014, p.12)

A médica e psicanalista argentina Haydée Faymberg (2000) afirma que a possibilidade de “(re)construção” é fundamental para compreendermos os estudos sobre transgeracionalidade. Sua linha de pesquisa centra-se no fato de que muito daquilo que imobiliza psiquicamente um paciente diz respeito a um fragmento de história que pertencia ao seu pai, a sua mãe, ao seu avô - enfim, a algum predecessor:

Nessa (re)construção costumam aparecer comprometidas três ou mais gerações. É assim porque os pais também estão sujeitos ao seu próprio inconsciente (em relação a um outro). Podemos dizer que, em certas ocasiões, reconstruímos verdades históricas. A noção de transgeracional, tão heterogênea em si, tem o mérito de haver sublinhado que o psiquismo não é uma esfera autônoma, mas que sempre existe outro na constituição psíquica. (FAIMBERG, 2000, p. 257).

A autora aponta para uma concepção de inconsciente que nunca se constrói solitariamente, mas sempre no vínculo com a alteridade. Faimberg (2001), em seu livro “Gerações: mal-entendido e verdades psíquicas” afirma que abandonou a noção de cronologia que poderia ser associada à clínica da transgeracionalidade. O romance que escrevi não almeja compreender a transmissão como algo lógico, com um início, um desenrolar e um fim. O objetivo é fazer o inconsciente gritar e revestir a escrita de fragmentos, cuja cadeia associativa cabe ao leitor. A ideia de árvore genealógica também não é de meu agrado: prefiro pensar em uma ramificação psíquica, como um rizoma em que o sujeito possa ser compreendido a partir de muitos pontos de encontro.

Haydée Faimberg (2000) cunha o termo “telescopagem de gerações”, e muitos profissionais questionam sobre a origem dessa expressão para a psicanálise. Uns a vinculam ao telescópio, que atravessa o espaço, mirando ao longe; outros a associam a uma montagem de imagens como num caleidoscópio; e há ainda aqueles que a compreendem como rastreamento possível. Faimberg (2000) explica que tal concepção se refere aos objetos que se encaixam um

dentro do outro, como bonecas russas. A autora desenvolve a ideia de telescopagem para explicar a união do funcionamento narcisista do paciente com seus conflitos edípicos, relacionados aos seus antecessores.

Os pacientes, durante um processo de análise, podem hipoteticamente reconstruir seus pais, a partir da descoberta de identificações alienantes. Segundo a autora, “as identificações alienantes onde há telescopagem de gerações são mudas e só podem ser ouvidas retroativamente, quando se descobrem ligadas à história fragmentária das gerações precedentes, em um momento particular da história da transferência” (FAIMBERG, 2000, p. 262). No livro “Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações”, Trachtenberg et al. (2005) explicam que, sendo a identificação um tipo de laço entre as gerações, o objeto da identificação é, em si mesmo, histórico. Muitas vezes, os pais calam em vez de dizer, e o silêncio também pode ser causa da identificação alienante, da construção de narrativas calcadas em buracos.

No conceito de Identificação Narcisista Inconsciente Alienante, haveria algo que a geração anterior não toleraria em si, jogando esse conteúdo intolerável na mente da geração seguinte, que vai experimentar os seus efeitos. É como uma mãe traumatizada que efetua uma intrusão na mente da filha, apropriando-se dela. A filha acata essa demanda como uma troca de amor. No poema *Vazio* (p. 58), aludo a como a tricotilomania experimentada por Esther tinha, na verdade, relação com um buraco na cabeça de sua mãe, o qual invadia a menina a ponto de ela arrancar seus próprios cabelos.

Questiono se esse entendimento não poderia ser ampliado para a escrita: o escritor, em sua criação, consegue ressignificar aquilo que viveu e reconstruir os seus antepassados. Muitas vezes, quis fazer laço, tricotar memória, dar sentido à existência dos meus avós em mim numa costura trabalhosa. Acabava machucando os dedos, fincando a agulha na pele. A compreensão de que faço parte de uma telescopagem e de que toda a claustrofobia que sinto ao pegar um elevador pode ser herança da claustrofobia de minha avó, junção possível entre nós que meu inconsciente encontrou para me manter próxima dela, não deixa de ser reconfortante. Nós somos como bonecas russas, acopladas uma à outra, a história presente retranscrevendo a anterior. Um alívio imenso expele a culpa.

Posso pensar a escrita enquanto processo de subjetivação, a partir do qual me torno sujeito. Vou inscrevendo-me e posicionando-me na escritura. Todavia, esse ato não se efetua sozinho: refiro-me, assim, a uma transubjetivação que perpassa o autor e seu texto. A escritura não é solipsista, tal como o inconsciente. Os estudos acerca da transgeracionalidade apontam para noções de transubjetividade, partindo do pressuposto de que pertencemos a uma cadeia

relacional.

A psicanalista Trachtenberg (2005) discorre sobre a transmissão psíquica de uma geração para a outra, diferenciando duas modalidades possíveis: a intergeracional e a transgeracional. A primeira sucederia **entre** as gerações, havendo distância, espaçamento entre o transmissor e o receptor, conservando as bordas da subjetividade e marcando, portanto, um processo intersubjetivo. No entanto, a segunda aconteceria **através** das gerações, com passagem direta e invasiva.

De acordo com Trachtenberg (2005), a transmissão intergeracional estaria a serviço dos vínculos e da historicização do sujeito. Este conseguiria diferenciar-se dos antepassados, apropriando-se da condição de herdeiro – e não mais de receptor – ou, até mesmo, de escravo. Persistiria um trabalho psíquico de elaboração, permitindo que cada geração se situe dentro de um elo estruturado. Exemplos possíveis para essa transmissão são as tradições, as culturas, o entendimento da pertença a um sobrenome, a uma filiação, a um passado. Trachtenberg (2005) menciona o psicanalista francês Kaës, criador da expressão “espaço de transcrição transformadora”, no qual se veicularia uma herança geracional, com fantasias e imagos, capazes de organizar a história familiar e garantir ao sujeito a autoria de seu relato próprio.

Porém, nas transmissões transgeracionais, não haveria esse espaço. Estaríamos aqui dentro do campo do trauma, que interromperia a transmissão intergeracional e iniciaria a outra modalidade. A transmissão transpsíquica organiza-se em função do esquecimento, da repetição e do não entendimento de uma história. Diz respeito a acontecimentos não elaborados, tais como lutos, migrações, violências, repressões estatais, segredos. A nova geração, de acordo com a psicanalista, torna-se vesícula a receber produtos tóxicos. O tempo passa a ser circular, aniquilando as diferenças geracionais. Os conteúdos psíquicos dos filhos conservam marcas traumáticas dos avós ou de outros antecedentes, inclusive de desconhecidos. Tenho conhecimento dessa teoria após escrever o trecho sobre a vesícula de minha paciente (p. 117). Ela chegou à sessão sem contornos, muito borrada com a história da avó e com o segredo de família que depois veio a acessar. Ao longo da terapia, foi conseguindo digerir a dor e gradualmente vivenciar uma intersubjetividade, distinguindo-se da avó para traçar um destino único, o seu.

Trachtenberg (2005) cita os psicanalistas húngaros Abraham e Torok e sua definição de “cripta” para compreendermos as transmissões transgeracionais. A cripta é um lugar psíquico destinado a manter perdas não elaboradas, lacradas e inconfessáveis. O luto do indizível instala uma sepultura secreta no sujeito, a qual necessita ser clivada ou dissociada para que ele sobreviva. A identificação projetiva liberta o seu representante atual, mas torna escravo o

representante elegido da geração posterior.

Desse modo, uma parte do psiquismo do descendente é vivenciada como estrangeira, alienada de si. Durante o processo de escrita, tive a oportunidade de efetuar um curso sobre transgeracionalidade com Trachtenberg. Nesse espaço, discutimos como a cripta da primeira geração porta as lágrimas não derramadas, devendo ser clivada frente a uma ameaçada de dor. A cripta perde os contornos, rompe-se, sendo o seu conteúdo enfiado mente adentro dos descendentes. O indivíduo expulsa seu próprio fardo e, na geração seguinte, a dos filhos, tal conteúdo destrutivo será sentido como forma de fantasma, traduzindo-se em um inominável. Na geração dos netos, também será experimentado como forma de fantasma, mas se revelará através do impensável. Após a Shoah, houve um período de latência, um período de cripta ou de cisão social que se estendeu por cerca de quarenta anos. Somente depois desse intervalo, passaram a se criar inúmeros livros, filmes, monumentos e museus sobre o assunto. Klüger (2005), delicadamente, escreve: “Meu pai tornou-se um fantasma. Vagueia por aí indecifrado. Bom seria saber escrever histórias de fantasmas” (KLÜGER, 2005, p. 30).

Talvez se precise de tempo para descobrir como se escrevem histórias de fantasmas. Só assim, quem sabe, conseguiremos espantá-los. Ou transformá-los em algo menos assustador a partir da força ativa da lembrança e da invenção. O romance que elaborei perpassou essa tentativa de afugentar fantasmas, mas os aproximando tanto que se tornam personagens de rosto e de corpo visíveis, palpáveis. Ando sentindo menos medo e maior liberdade para prosseguir agora. Tal como Klüger (2005) conclui:

Rememorar é evocar, e a evocação eficaz é bruxaria. Não sou crente, apenas supersticiosa. Às vezes digo por brincadeira, mas é verdade, que não acredito em Deus mas sim em fantasmas. Para lidar com fantasmas, é preciso atraí-los com carne fresca, do presente. Há que entretê-los com superfícies de atrito para fazê-los sair de seu repouso e pô-los em movimento. Raladores, tirados do armário das cozinhas modernas, para as velhas raízes; colheres para misturar, com os temperos de nossas filhas, a sopa que nossos pais preparavam. (KLÜGER, 2005, p. 74).

Julgo que pude arrumar a mesa para atrair os fantasmas do passado. Conferi bastante ênfase, no romance *A casa das bolsas*, aos sabores preparados por Hana, que eram a conexão evocativa possível com suas raízes polonesas – o *gefilte fish*, o *farfel*, a sopa de bolas. Um meio de manter os fantasmas próximos. Já Esther, que cozinhava apenas massa miojo e *nuggets*, recebeu esse grande túmulo para si e enterrou toda a possibilidade de contato. Eu quis, então, modificar esses pratos no presente, adicionando meus temperos às sopas antigas, perdidas no pretérito.

Essas teorizações sobre transgeracionalidade vão permitindo que eu melhor digira a história de minha família. Meus bisavós clivaram, cindiram o passado traumático na Polônia para seguirem vivos, pois seria doloroso demais acedê-lo. Criaram uma espécie de túmulo, selado rigorosamente. Minha avó, sua filha, herdou-o, pois a incomunicabilidade imperava. Ela tornou-se cativa de uma tragédia que não era propriamente sua, mas de seus pais. Por isso, seu psiquismo contém grandes espaços vazios, ainda que a sensação seja a de estar cheio com algo que não se ausenta. A memória de minha avó é uma bolsa transbordante, de fecho enguiçado, que ela se esqueceu de levar consigo ao perambular pelas ruas.

Minha mãe contou-me que sempre estudou em escola pública em que tinha aula de religião católica. A primeira vez que foi a um encontro judaico, convidada por uma amiga, entrou em colapso. Seu avô havia falecido uma semana antes. Ela necessitou começar terapia logo depois para atribuir sentido à angústia. E, futuramente, tornou-se psicanalista, encontrando na análise uma possibilidade de romper a repetição. Ela revela: “meus pais calaram, porque não poderiam ter feito de outro jeito, assombrados por fantasmas e catacumbas. Cabia a mim, terceira geração, efetuar alguma compreensão para o impensável. E falar, falar, falar infinitamente para entender, em uma dificuldade absurda de nomear”.

Trachtenberg et al. (2005) lançam mão também da psiquiatra polonesa Judith Kestenberg e de seu conceito de *transposição*, que concerne a uma habitação simultânea em duas diferentes épocas: a atual e a passada. A transposição ao pretérito seria uma tentativa de inserção num tempo antigo para revivê-lo, incidindo muitas vezes em um ímpeto salvacionista de uma família inteira. “É uma descida ao túnel do tempo, com fantasias de resgate dos antepassados e restauração e devolução dos filhos, pais, irmãos e irmãs, ou avós, perdidos numa situação de catástrofe social” (TRACHTENBERG ET. AL, 2005, p. 170). Sempre tive muita vontade de resgatar minha avó e de descobrir suas origens na Polônia, mas precisei ter cuidado para não cair nesse rompante heroico ou salvacionista em minha escrita. Estive o tempo todo hesitante ao longo do texto ficcional, pois o desejo adolescente era o de pari-la, o de fazê-la vir ao mundo novamente.

11 FRAGMENTOS ÍNTIMOS ATIVADOS PELO CINEMA

Cine luz

O cine tua sina

O filme FEEL ME

Signanema

Me segure firme

Cine me ensine

A ser sim

E a ser senda

Vezes sem conta tenho vontade

De que nada mude

Meiavoltavolver

Mudar é tudo que pude

(LEMINSKI, 2013, p.253)

Exponho, agora, trechos de meus diários escritos após ter assistido a dois filmes que tratam dessa temática: a ficção alemã intitulada *Os mortos e os vivos* e o documentário estadunidense chamado *Nobody's business*:

29/5/2017 Trecho de meu diário

Assombra-me o filme “Os Mortos e os Vivos”, de Barbara Albert. Uma refugiada se mutila diante da solidão na Alemanha. Sita, uma alemã, a escuta falar e cantar, mas de um lugar bem diferente.

Será mesmo tão diferente assim?

Sita descobre que seu avô trabalhava para a SS, tendo morado dois anos em Auschwitz com sua mulher. Ali, naquela cidade, em meio aos gritos da guerra, nasceu o pai de Sita. Ela passa a saber disso por um vestígio, uma fotografia de seu avô trajado de militar que encontra ao acaso na casa paterna.

Qual impacto no corpo de Sita saber-se descendente de um torturador?

Seu coração começa a doer, doer cada vez mais, até que ela descobre ter um problema cardíaco hereditário, causa da morte de sua avó. O pai lhe fala "por mais que tu não queiras, tu pertences a nossa família". Sita tem buracos no coração e necessita de elásticos para viver, procedimento já corriqueiro nos dias de hoje. Mas marca de um laço irreversível cujos procedimentos médicos são os que menos a angustiam. Transmissão que se dá num órgão tão sensível como o coração – eis o que a aflige: o pertencimento.

Sita é também personagem hindu sequestrada e atacada pelo demônio, que viveu durante anos em exílio. A personagem do filme explica a origem de seu nome para

todos a quem se apresenta, resumindo o mito de reencarnações brevemente. Sita, exilada, despertencida, forjada.

Sita lê os diários da avó que faleceu antes de ela nascer, Millie Weiss. E perscruta as filmagens que um primo distante fez de seu avô, nas quais este relata que não se sente culpado pelo seu papel no regime nazista, pois não era ele quem agia - era um *outro*, anestesiado, a operar no automático o que lhe solicitavam. Operação burocrática que o poder impõe, diferente da operação que Sita urge realizar. A banalidade do mal se subentende na fala de seu avô: um tempo em que apenas se reproduziam as ordens, sem questionamento.

Sita vai a Varsóvia tentar achar rastros da casa dos seus avós naquele período, bem como documentações. Seu pai quer evitar o passado e a indaga: “acaso sabendo das coisas que meu pai fez, vou deixar de amá-lo?”

Sita grita na chuva. Sim.

O avô foi obrigado a deixar a Alemanha como punição para todos os que trabalhavam nos campos para o governo. Deixou seu país de origem junto aos seus dois filhos e esposa. O castigo, “fui punido” - ele diz, o “castigo foi ter um filho que se suicidou, enforcado no quarto, por querer estar na Alemanha e não poder”.

Sita não aparenta comoção, mas ira. Reflete. Tenta escrever sobre a literatura feminina de exílio, mulheres sem escolha que se deslocam, mas não se descolam do passado. Quando o deslocamento se faz por imposição, ele não é necessariamente deslocamento... É mais uma paralisia, um rasgo forçado.

E vejo no sorriso da minha mãe, no formato dos braços, dos ombros, restos da minha bisavó. A semelhança é absurda, e eu, que sempre evitei os absurdos, busco acolhê-los com toda a coragem de um coração tão esburacado quanto o de Sita. Pois os mortos são carregados junto aos vivos, e sentimos o peso de sua carne nas costas, o cheiro de seu vazio em nossa pele. Eles sobram aqui na Terra por não serem visíveis, mas nos acompanham.

Minha bisavó, uma imigrante, uma exilada, difícil de dizer.

“Morto-vivo” é também o conceito proposto pelo psicanalista argentino Willy Baranger, em 1961. Um “objeto que não pode reviver nem morrer por completo” (KANCYPER, 1999, p. 180). Há muitas variedades do objeto morto-vivo, dentre as quais se destacam a dos estados depressivos. O sujeito é povoado por um objeto interno quase morto, submetendo-se a ele e encontrando um estado de resignação, de atividade reparatória estéril. Escrevo sobre a resignação de Esther em um poema de mesmo nome (p. 154), bem como sobre a vida enquanto circo e a nossa incapacidade de modificarmos esse lugar que não tem mais graça (p.35). Morto-vivo é o que Sita carrega dentro de si, uma lacuna no seu inconsciente, um fantasma, buscando uma reparação a partir da investigação do passado.

“Morto-vivo” é o que minha família portou. Há um filme que se faz fundamental para compreensão da minha escritura enquanto montagem associativa, chamado *Não é da conta de ninguém* ou *Nobody's business*, no qual o cineasta Alan Berliner busca remontar a história de seu pai, Oscar Berliner. Fico profundamente impactada com a insistência de Alan em resgatar

uma história de imigração há tanto tempo perdida. A família judia, com tios, primos, irmãos, foi tão bem assimilada por Nova York a ponto de bloquear o acesso a um pretérito já dissipado e originado na Rússia e na Polônia. Reconheço-me na ânsia de Alan de fazer raízes e de modificar esses mortos-vivos fantasmagóricos e sem nome. Identifico nos traços de Oscar um pouco da resistência de cada um da minha família – especialmente da minha avó –, a qual entoava essa frase que permeou grande parte do meu processo de escrita – “não sou importante, não é da conta de ninguém essa história, tu poderia se inspirar num personagem mais interessante”. Somente ao final, ela cedeu e contou um pouco dos seus segredos. Decidi, então, reunir grande parte da minha família materna (tios-avôs, avós, mãe, irmã) para ver o que a película mobilizava em cada um deles.

14/12/2016 Trecho de meu diário

“Esse é Salomon Isaac Berliner, teu avô”. Alan mostra a foto do avô de seu pai a este, que diz não sentir nada, pois nunca o conheceu. Exibe ainda uma imagem antiga do próprio Oscar, e pergunta *para quem ele posa*. “Para a foto”, responde o pai.

Alan - “Não há nenhuma história por trás?”

Oscar- “Quer que eu invente uma? Sou um homem comum e corrente. Estive no exército, me casei, fundei uma família, trabalhei muito, dirigi meu próprio negócio, é tudo. Não é como para fazer um filme (...) Minha vida não é diferente da de bilhões de pessoas. A quem importa Oscar Berliner?”

Alan- “És meu pai, necessito fazê-lo. (...) De onde tu és?”

Oscar- “Daqui. Nascido e criado na América. Que mais tu queres?” Alan- “Não. És filho de imigrantes”.

Oscar- “E quantos milhões de filhos de imigrantes há?”

Alan- “Muitos, mas cada um tem sua história, e quero conhecer a tua” Oscar – “se essa é a chave do teu filme, vai ser um autêntico fracasso.”

O filme é bastante cômico, dada à postura refratária do pai em sentir qualquer identificação com sua linhagem, em evitar pensar sobre o passado. No entanto, Oscar permanece por horas a ser entrevistado pelo filho, corroborando com o projeto que julga pretensioso e falho. A história de negação, apatia, esquecimento é tão similar à da minha família, que reuni meus tios-avôs, minha avó, meu avô, minha irmã e minha mãe para contemplarmos a película juntos.

Ao terminar a exibição, um dos meus tios comentou: “realmente, não é da conta de ninguém esta história, não sei por que perder nosso tempo com um filme que não nos acrescenta em nada”. Minha avó, ao longo da película, passou a olhar para a janela, simulando tédio e desconexão, terminando por pegar um álbum de fotografias que estava apoiado à mesa. Passou o tempo todo folheando o álbum de família, dizendo estar triste demais para ver o filme, embora estivesse buscando involuntariamente nossas memórias através de seu falso escape. As reações de minha irmã e mãe não me surpreenderam, ambas encerraram o filme tal como eu na primeira vez em que lhe assisti – lágrimas nos olhos, nó no peito, contemplativas. Somos as três psicólogas e temos em comum isso de nos tocarmos pelas narrativas alheias. O vô dormiu e, na hora em que acordou, ficou observando as cores dos vídeos caseiros que eram exibidos

pelo diretor e comentando as fotos de imigrantes: “esse era um tempo duro”. Quem realmente me chamou a atenção foi o meu outro tio. Ele começou a contar pequenos detalhes sobre seus pais, aquelas imagens o acionaram a falar. Justo ele, tão silencioso e comedido! Ele disse “a mãe trabalhava numa fábrica na Polônia. Ela fazia envelopes”.

Todos passamos, a partir daquele momento, a conhecer no que a bisavó Sara trabalhava em sua vida anterior, pois o tempo polonês ficou quase que cindido em outra dimensão de existência. Agora sabemos a profissão da Sara.

Esse dia foi um marco para mim – o filme possibilitou que meu tio lembrasse de uma idiossincrasia de sua mãe. No poema *Telegrama* (p. 91) do romance *A casa das bolsas*, busco justamente ampliar um pouco essa noção ao focalizar na Hana e no seu emprego polonês como “envelopadora de cartas”. Por outro lado, a quem ela endereçaria as correspondências, já que não tinha coragem de assumir-se como alguém que as escreve com sua letra, com seu traçado? Já que ela não era remetente possível, como nossa família herdou esse vazio?

Para esboçar respostas, leio o artigo *Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura*, no qual Pioli e Scheinkman (2013) retomam a noção formulada pela francesa Evelyn Granjon de “envelope genealógico”. Este consistiria em um “aparelho psíquico familiar e/ou grupal, complexo e composto” (PIOLI e SCHEINKMAN, 2013, p. 12), o qual organizaria espaço e tempo particulares. A autora o define como resultado de um encontro de um casal, “da genealogia de cada um com as falhas, buracos, malogros da filiação, fazendo fracassar os processos que os metabolizariam” (GRANJON, 2000 apud PIOLI e SCHEINKMAN, 2013, p. 12). A pré-história do sujeito não corresponderia necessariamente ao seu passado: a compreensão de um presente composto aproxima-se mais do inconsciente atemporal.

O envelope apresentaria disfunção em momentos nevrálgicos da história da família, tais como nascimentos, mortes, rupturas em função de acontecimentos traumáticos. Assim, outro questionamento pode ser esboçado: – Como os descendentes conseguem apropriar-se de seu lugar de destinatários, de herdeiros? Esse envelope genealógico que nos machuca justamente ali onde não se sabe, nas nossas lacunas – pois minha bisavó nunca o abriu –, e nós também nunca tivemos tamanha coragem.

Outro filme que foi marcante para pensar o processo de documentação de uma vida imbuída de ficção foi *Um passaporte húngaro*, da brasileira Sandra Kogut, no qual a cineasta entrevista sua avó, judia que deixou seu país, a Hungria, no período da Segunda Guerra. Simultaneamente, Sandra Kogut investiga artigos brasileiros e húngaros, pois deseja obter nacionalidade e passaporte húngaros, que seus avós perderam. Sandra faz um retrato muito delicado das recordações da sua avó, utilizando-se de uma câmera simples, para acessar as

memórias encapsuladas que os documentos oficiais não revelam. A burocracia excessiva obstaculiza a apropriação de lembranças. Mais que a cidadania, o que move Sandra? Uma reparação? Um contato, um toque nos avós? Um carinho?

Uma memória encapsulada pode ser pensada como uma garrafa contendo uma mensagem escrita em seu interior, que circulasse serena no mar após uma tempestade. Quem a lê? Quem escuta o chamado da pessoa do outro lado do oceano? No livro *Esos padres que viven a través de mí*, a psicanalista Yolanda Gampel (2006) expõe belamente as histórias de seus pacientes atravessados por uma memória fantasmática do Holocausto. As suas falas, por si só um recorte, não deixam de ser ficções de si. A autora postula que a transmissão do horror da Shoah conserva sua força traumática na terceira e na quarta gerações, como resíduos radioativos. Ela descobre que os netos de avós que foram crianças durante a Shoah são profundamente assolados por essa identificação.

A memória não dita avança no espaço e no corpo dos netos. Gampel (2006) refere que a insônia da menina Hana, sua paciente de um ano de idade, era a forma que esta encontrou de manter sua mãe sempre desperta. Os avós de Hana necessitaram estar muito despertos durante a guerra para manterem-se vivos e à sua filha, mãe da bebê que agora sofre. Inspirando-me na menina Hana, de Gampel (2006), elegi esse mesmo nome para a personagem de minha bisavó, a qual passou a ter pesadelos durante a guerra e a não conseguir dormir. Meu romance se faz no intuito de encontrar esses “resíduos radioativos”, essas “marcas-ferida”, para tentar combatê-los, seja com mertiolate ou com ferrocianeto.

12 JUDEIDADE E O PASSADO DAS MULHERES

Cartilha da cura:

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios (CÉSAR, 2013, p.87)

Eurídice Figueiredo (2011) escreve sobre a herança judaica na literatura contemporânea, como na obra de Tatiana Salem Levy. A professora emprega o conceito criado por Almert Memmi, em 1962, denominado de **judeidade**, o qual tem sido bastante utilizado. Judeidade (*judéité*) seria o fato e a maneira de ser judeu; o judaísmo (*judáisme*) seria o conjunto de doutrinas e instituições judaicas; a judaicidade (*judáïcité*), o agrupamento de pessoas judias (MEMMI, 1962 apud Figueiredo, 2011, p. 30). A judeidade se diferencia da religião judaica, uma vez que está mais relacionada com as práticas culturais herdadas dos ancestrais, com o respeito a algumas tradições, tais como as festas religiosas. Diversos judeus defendem a laicidade, embora alguns valores, como a *tzedakah* – que significa justiça, comumente difundida como caridade – sejam bastante cultivados.

Tatiana Salem Levy (2013) discute em seus livros os conflitos geracionais de pertencimento a uma religião. Mesmo não sendo religiosa, formula questões fundamentais sobre aquilo que é transmitido culturalmente. A narradora do romance “A chave de casa” considera que ela e seus pais só eram judeus uma vez ao ano, nos ritos do *Iom Kippur*, no dia do perdão, faltando verdade nas celebrações. Isso ocorria porque a corrente da família de imigrantes havia sido rompida, e o passado havia sido deixado para trás. A mãe cuja voz vem em colchetes, no entanto, pondera: “não era a religião o que nos importava, mas a tradição. Não queríamos simplesmente jogar na lata de lixo aquilo que nossos antepassados se esforçaram para guardar. O importante era manter a simbologia” (LEVY, 2013 apud FIGUEIREDO, 2011, p. 31).

No livro de Levy (2013), o judaísmo se perpetua mais essencialmente na forma de judeidade – nas festas, na alimentação. A personagem em primeira pessoa do romance que escrevi também não irá se deter essencialmente no judaísmo. O poema sobre a raiz forte de *Pessach* evidencia que a única páscoa comemorada foi a cristã. Dado o caráter da minha escrita próximo ao autobiográfico, posso confessar que não sou identificada com a religião em si. Assim como Levy (2013) e sua personagem, vou à Sinagoga duas vezes ao ano, em festas pontuais – *Rosh Hashaná* (Ano Novo Judaico) e *Iom Kippur* (Dia do Perdão). Eu e minha família falamos algumas poucas palavras em iídiche, as quais incluí no trabalho, como Levy (2013), que mescla vocábulos em turco, ladino e inglês, “desterritorializando o português”

(FIGUEIREDO, 2011, p. 38). Possuímos algumas noções de bebida e de comida típicas, que compõem nossas poucas referências judaicas, que também me empenhei a integrar ao romance. Tal qual questiona Figueiredo (2011), “como (re)viver uma herança que não foi integralmente transmitida? Seria superficial, supérfluo?” (FIGUEIREDO, 2011, p. 38). Eis uma “não resposta” aqui. Posso intuir que é essa a sensação da não apropriação de nossas raízes, até porque sua manutenção seria trabalhosa – dar água, trocar a terra... Preferimos viver sem parte delas e extrair só o que faz sentido para o nosso breve instante de vida.

No livro *Paisagens da memória*, Ruth Klüger (2005) expõe uma faceta da sua judeidade:

Devo confessar que sou, de fato, uma péssima judia. Não consigo me lembrar de nenhuma festa religiosa na qual tivesse me sentido à vontade. Penso, principalmente, no seder, nas ceias da Páscoa judaica, em Viena. Esta refeição ritual, carregada de significados poéticos e simbólicos, estava em consonância com os tempos, pois celebra a salvação do povo através da fuga e da emigração. Pessach é na verdade a festa mais criativa que se pode imaginar, uma grande encenação da história, lendas e canções, folclore e ceias familiares e, mesmo em ambientes mais modestos, possui um aspecto de pompa e teatro do mundo. Mas, infelizmente, é uma festa para homens e meninos, não para mulheres. (KLÜGER, 2005, p. 42).

A autora refere um aspecto importante quanto a sua pouca identificação com a religião. Embora o significado de *Pessach* lhe seja muito especial, havia uma exclusão das mulheres, que ficavam relegadas à cozinha, enquanto os homens podiam ler as rezas e discursar sobre o significado das festas. Os homens eram os guardiões da linguagem, os detentores da palavra. É o que a escritora pontua, provocativa: “mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente” (KLÜGER, 2005, p. 13). Talvez por que passei a infância inteira ouvindo as histórias do meu avô, enquanto minha avó calava, silenciosa, afirmando que não tinha nada para falar – talvez por isso –, o foco narrativo do romance tenha encontrado maior reverberação nas personagens femininas, como Hana, Esther e a narradora em primeira pessoa. Movia-me a necessidade de resgatar o passado das mulheres, integrando-as à experiência de tradição.

A mãe de Klüger (2005) tornou-se supersticiosa, tinha uma cartomante que lhe predizia o futuro, bem como uma costureira que fazia suas roupas sob medida. Foi exatamente assim que minha avó transformou-se. A personagem de Esther incorpora essa supersticiosidade, essa noção de que não havia explicação possível para a crueldade, algo indecifrável que haveria de ser evitado através de ritos. Os rituais enxotariam a ideia de sina cruel irreversível.

No livro de Noemi Jaffe (2012), já citado, a autora discorre sobre transmissão, sobre o quanto da religião se perdeu entre as mulheres de sua família. Sua mãe, Lili, sobrevivente de

Auschwitz, preservava em si um traço de conformismo que era, na verdade, uma aceitação traduzida em forma de resistência. A partir de sua resignação, Lili conseguiu permanecer viva. Ela dizia para a filha e para a neta que crença não se discutia. Conservava uma ideia de destino como força que determina por antecipação aquilo que vai acontecer. Minha avó também nunca falou sobre judaísmo ou facilitou a passagem de uma herança cultural e religiosa. Sua característica mais preponderante é justamente essa aceitação de uma sentença, essa ideia de que “é, porque é”. Esther é uma personagem construída de modo a encontrar nas superstições um refúgio. Nas crenças indubitáveis, um consolo. Quem sabe, assim, fosse mais fácil lidar com seu judaísmo e com sua história.

Sempre estudei em escola judaica, mas nunca fui atenta às disciplinas de religião. Eu passei os anos do colégio meio anestesiada quanto a essa temática, até ignorando um pouco o assunto, encontrando abrigo na escrita e dando de ombros ao resto. Leda Cartum, filha de Noemi Jaffe (2012), escreve o texto que encerra o livro de sua mãe, no qual constata:

Sempre me considerei judia, mas nunca soube dizer direito por quê. O Pessach e o Roch Hashana, todos os anos, foram motivo de encontro para minha família, e nós celebramos juntos alguma coisa que nos marca e define enquanto identidade: eu percebia isso desse pequena, mas não sabia o que era. [...] Era difícil (ainda é) entender o tamanho da identidade que eu carregava, embora sempre soubesse que carregava alguma coisa que me constituía. (CARTUM, 2012, p. 233-234)

Acredito que a escrita do romance *A casa das bolsas* se fez como um processo de cicatrização para mim, de regeneração de um ranço antigo. Pude novamente retornar a um terreno do passado e pensar sobre identidade, sobre a singularidade daquilo que se traz consigo. A escritora Leda Cartum necessitou de um deslocamento espacial até Auschwitz para esboçar possibilidades de entendimento daquilo que a constituía. Só então ela registrou essa experiência, numa tentativa de dar-lhe sentido. Eu, com *A casa das bolsas*, pude ensaiar um outro tipo de viagem. Uma viagem na qual a personagem que crio não precisa mais estar assombrada pelo passado, carregando nas costas sua mala cheia de dor e de dúvida. O passado pode ficar ali onde está, sendo resgatado somente como lembranças acarinhadas.

O processo de criação do romance *A casa das bolsas* foi uma imersão em direção às minhas raízes. Um trabalho elaborativo de descobertas que envolveu lápis e borracha, muitas anotações, muitas observações, muito receio. Como diz o avô de Momik – muito sofrimento, um pouco de esperança, e perdão.

Figura 16 – Trecho de *Oração*, de Noemi Jaffe

ORAÇÃO

Que o passado não seja uma cebola. Que as mulheres que assavam doces enquanto esperavam a chegada dos nazistas possam permanecer ali, no lugar e no tempo em que elas fizeram isso, e que não as perturbemos com nossa entrada teimosa em sua vida, já tão saturada de fatos. Será que elas ainda precisam que as mulheres do futuro as venham sobrecarregar ainda mais? Que as mulheres do passado fiquem lá, escrevendo seus nomes em suas malas, com canetas que emprestaram do sapateiro, do vizinho, do tipógrafo. E que nós, as mulheres de agora, lembremos delas como se faz uma carícia, sem invadir suas tarefas, seu pesar. Que guardemos conosco a tinta destas canetas, o perfume dos doces que se assavam e possamos usá-los em nossas cartas, nosso fogão, sem com isso trazermos essas mulheres de novo para a vida, sem ressuscitarmos nada. Que possamos deixar a morte lá, sozinha, no lugar que ela ocupou. Que a morte não venha do passado para assustar a vida de agora. Que o agora respire só o fumo do passado e que esse ar o irrigue como uma brisa. Que as avós fiquem sossegadas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Ideia da prosa**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lição de coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo. Iluminuras, 1992.
- BARROS, Manoel. **Encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.
- BEDIN, Luciano. **Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- BENGHOZI, Pierre. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situações de crises e catástrofes humanitárias. In: CORREA, Olga B. Ruiz (Org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: obras escolhidas II**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 2.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. **O outro, o mesmo**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BEBER, Bruna. **Ladainha**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, Paulo César de. Minha mala. In: CALCANHOTO, Adriana (Org.). **É agora como nunca: antologia incompleta a poesia contemporânea brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARTUM, Leda. Aqui, lá. In: JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?: com o diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum**. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 231-237

CÉSAR, Ana Cristina. **Poética/Ana Cristina César**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CLEMENS, Éric. Le fictionnel et le fictif, **Bulletin d'Analyse Phénoménologique**, Liège, v. 10, n. 11. Disponível em: <<http://popups.ulg.ac.be/1782-2041/index.php?id=750>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

COCTEAU, Jean. **A dificuldade de ser**. Tradução de Wellington Júnio Costa. São Paulo: Autência, 2015.

COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: _____. **Bom dia, angústia**. Tradução de Maria Ennantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FAIMBERG, Haydée. **Gerações: mal-entendido e verdades psíquicas**. Porto Alegre: Criação Humana, 2001.

_____. SBPdePA entrevista Haydée Faimberg. Tradução de Traduzca. **Psicanálise – Revista da SBPdePA**, Porto Alegre, v. 2. n. 1, p. 249-266, 2000. Entrevistadoras: Ana Rosa Chait Trachtenberg et al. Entrevista concedida por e-mail. Disponível em: <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/SBPdePA-Entrevista-Hayd%C3%A9e-Faimberg.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. A herança judaica em Tatiana Salem Levy e Régine Robin. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 6, n. 6, p. 29-40, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55511/33768>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

FRAZEN, Jonathan. **Como ficar sozinho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAMPEL, Yolanda. **Esos padres que viven a través de mí: la violencia de Estado y sus secuelas**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

GIDE, André. **O diário dos moedeiros falsos**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GULLAR, Ferreira. **Toda poesia (1950-1999)/ Ferreira Gullar**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

GROSSMAN, David. **Ver: Amor**. Tradução de Nancy Rosechan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HIRSCH, Marianne. **Family frames: photography, narrative, and postmemory.** Cambridge: Harvard University Press, 1997.

_____. Os usos e abusos da memória. In: Encontro Cidãncias em cena: entradas e saídas dos direitos culturais, 7., 2009, Bogotá. **Anais eletrônicos...** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2009. Disponível em: <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/enc09-academic-texts/item/680-the-uses-and-misuses-of-memory>>. Acesso em: 12 maio 2017.

JABLONKA, Ivan. **Histoire des grands-parents que je n'ai pas eus: une enquête.** Paris: Seuil, 2012.

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando?: com o diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum.** São Paulo: Editora 34, 2012.

KANCYPER, Luis. **Confrontação de gerações: estudo psicanalítico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto.** Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora. 34, 2005.

LAUB, Michel. **Diário da queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIUZZI, Laura. **Desalinho.** Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2014.

LEMINSKY, Paulo. **Toda poesia/ Paulo Leminski.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEVY, Tatiana Salem. **A chave da casa.** Rio de Janeiro: Bestbolso, 2013.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTY, Éric. **Roland Barthes: o ofício de escrever.** Tradução de Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MELO NETO, João Cabral. A inspiração e o trabalho da arte. In: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. p. 723-737.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun/ Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**, São Paulo, n. 10, jul./dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

NOBODY business. Direção: Alan Berliner. Roteiro: Alan Berliner. Produção: Alan Berliner. Intérpretes: Alan Berliner, Oscar Berliner. Alemanha, EUA, 1996. 1 DVD (60 min), son., color/br.

OS MORTOS e os vivos. Direção: Barbara Albert. Roteiro: Barbara Albert. Produção: Barbara Albert; Maren Ade; Jonas Dornbach. Intérpretes: Anna Fischer, Winfried Glatzeder, Daniela Sea, Itay Tiran. Polônia, Áustria, Alemanha, Poly Films Incorporated, 2012. 1 DVD (120 min.), son., color.

PACHET, Pierre. **Autobiographie de mon père**. Paris: Autrement, 1994.

UM PASSAPORTE húngaro. Direção: Sandra Kogut. Roteiro: Sandra Kogut. Produção: Marcello Maia, Michel David, Pierre Bongiovanni. Intérpretes: Mathilde Lajta, Gyuri e Eva Fabri, Fabio Koifman, Janus Kyraly e al. Bélgica, Brasil, França, Hungria, RioFilme/ Zeugma Films, 2001. 1 DVD (72 min), son., color.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. A Literatura e os campos: criação literária e realidade. Congresso Internacional da ABRALIC, 11., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/MARIE_PASSOS.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2016.

PONTALIS, J. -B. **Perder de vista**: da fantasia de recuperação do objeto perdido. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PRADO, Adélia. **Reunião de poesia**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.

QUINTAIS, Ana Pires. A ausência como lugar de pós-memória. In: Colóquio dos Doutorandos/as do CES, 3., 2012. **Comunicações (resumos)...** Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em:

<<http://www.ces.uc.pt/coimbrac/pages/pt/comunicacoes-e-posters/402---ana-pires-quintais.html>>. Acesso em: 29 out. 2016.

REHBEIN, Mauro Pioli; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal, Rev. Psicol**, Niterói, v. 25, n. 3, p. 563-583, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n3/a10v25n3.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

RICOEUR, Paul. Entre o tempo vivido e o tempo universal: o tempo histórico. In: _____. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir - uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**. PUC/SP, p. 241-244, set./fev. 1993. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

SAID, Edward W. **Fora do lugar**: memórias. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCLIAR, Moacyr. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Edição bilíngue (português/polonês).

_____. **Um amor feliz**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Edição bilíngue (português/polonês).

TADIÉ, Jean-Yves. **Le récit poétique**. Paris: Gallimard, 1994.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In: _____ et al. **Transgeracionalidade** – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait et al. **Transgeracionalidade** – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

WALDMAN, Berta. **Clarice e Elisa Lispector**: caminhos divergentes. In: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. v. 6, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/50394/31435>>. Acesso em: 18 set. 2016.